



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



ZENILDE SGANZERLA

**OS VITRAIS DA CAPELA SÃO JOSÉ DO UNILASALLE DE CANOAS-RS:
ESPAÇO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA E LASSALISTA**

CANOAS, 2014

ZENILDE SGANZERLA

**OS VITRAIS DA CAPELA SÃO JOSÉ DO UNILASALLE DE CANOAS-RS:
ESPAÇO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA E LASSALISTA**

Dissertação apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Orientação: Prof. Dr. Lucas Graeff

Co-orientação: Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2014

ZENILDE SGANZERLA

**OS VITRAIS DA CAPELA SÃO JOSÉ DO UNILASALLE DE CANOAS-RS:
ESPAÇO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA E LASSALISTA**

Dissertação apresentada a banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Memória Social e Bens Culturais.

Aprovado pela banca examinadora em 10 de janeiro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lucas Graeff
UNILASALLE

Prof^a. Dr^a. Cleusa Maria Gomes Graebin
UNILASALLE

Prof. Dr.
Instituição

Prof. Dr. Diego Antonio Muñoz León
Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Roma/ITA)

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo discutir conceitos e noções operatórias como “memória social”, “simbolismo” e “arte religiosa”, visando caracterizar a Capela São José do Centro Universitário La Salle como espaço de memória. A história da Capela se faz presente nos diversos escritos sobre a Fundação do Colégio La Salle e nos seus mais de cem anos de presença em Canoas. Porém, o significado simbólico e religioso de sua arte interna, representada em diversos elementos, mas notadamente nos vitrais, não apresentava maiores registros constatados, mediante a pesquisa exploratória realizada anteriormente. As reflexões sobre memória nos remetem ao objeto de nossa dissertação, ou seja, pensar a Capela São José como espaço de memória simbólico-religiosa e Lassalista. Nesse caso, a Capela se apresenta como suporte material de memória Lassalista e de sua espiritualidade, preservado há mais de cem anos, embora tenha passado por várias alterações estruturais, mantém características que induzem a um passado de memória com novos significados para as pessoas que o apropriam. A dinâmica deste espaço oportuniza o reencontrar-se nesta trajetória, suscitando e ou renovando o sentido de pertencimento, principal segredo da identidade e se torna singular pelo olhar e percepção de quem partilha deste espaço. Os primeiros doze Irmãos Lassalistas, vindos ao Brasil, trouxeram consigo as marcas da espiritualidade devocional própria do final do século XIX e início do século XX. Espiritualidade que não só foi difundida nas práticas religiosas, mas que se codificou em forma de vitrais, representados por símbolos eucarísticos, devocionais e de personagens santorais, além da simbologia ligada à memória da Congregação Lassalista.

Palavras-chaves: memória, espaço, simbolismo, identidade Lassalista.

ABSTRAC

This paper aims to discuss concepts and operative notions as "social memory "" symbolism" and " religious art " in order to characterize the Chapel of San José La Salle University Center as memory space . The history of the Chapel is present in many writings on the Foundation of La Salle College and its more than one hundred years of presence in Canoas, However, the symbolic and religious significance of its domestic art, represented on several elements, but especially in stained glass, showed no major records found, through exploratory research conducted earlier. Reflections on memory refer us to the object of our dissertation, is think Chapel St. Joseph as a place of symbolic - religious and Lasallian memory. In this case, the chapel is presented as a Lasallian spirituality memory and support material preserved for over one hundred years, although it has undergone several structural changes, retains characteristics that induce a past memory with new meanings to the people who appropriated. The dynamics of this space gives opportunity to catch up on this trend, and posing or renewing a sense of belonging, the main secret identity and becomes the natural look and perception of those who share this space. The first twelve Lasallian Brothers, welcome to Brazil, brought with them the marks of their own devotional spirituality of the late nineteenth and early twentieth century. Spirituality that was not only widespread in religious practices , but that codified in the form of stained glass , represented by Eucharistic, devotional santorais characters and symbols, beyond the symbolism attached to the memory of Lasallian Congregation.

Keywords: Memory. Space. Symbolism. Lasallian Identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Símbolo do peixe.....	25
Figura 02 – Símbolo sinal secreto para os cristãos.....	25
Figura 03 – Primeiros doze (12) Irmãos Lassalistas que vieram para o Brasil em 1907.....	34
Figura 04 – Primeiras instalações.....	35
Figura 05 – Primeira foto da Capela São José – s/d.....	38
Figura 06 – Segunda foto da Capela São José – s/d.....	38
Figura 07 – Terceira foto da Capela São José – s/d.....	39
Figura 08 – Altar mor da Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	44
Figura 09 – Pelicano localizado no Altar mor da Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	45
Figura 10 – Cordeiro localizado no Altar mor da Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	45
Figura 11 – Anjo da Capela São José do Unilasalle- Canoas-RS.....	46
Figura 12 – Anjos da Capela São José do Unilasalle- Canoas-RS.....	46
Figura 13 – Ladainha escrita no teto da Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	47
Figura 14 – Círculo que compõe os vitrais da Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	48
Figura 15 – Representação dos quatro evangelistas com sua simbologia.....	52
Figura 16 – São Mateus - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	54
Figura 17 – São Marcos - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	55
Figura 18 – São Lucas - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	57
Figura 19 – São João - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	58
Figura 20 – Monograma de São José - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	60
Figura 21 – Monograma de Cristo - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	62
Figura 22 – Monograma de Jesus – Homem e Salvador - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	63
Figura 23 – Monograma do Nome de Maria - Capela São José do Unilasalle	

- Canoas-RS.....	64
Figura 24 – Símbolo do Coração de Jesus sobre a cruz e a âncora- Capela São José do Unilasalle Canoas-RS.....	65
Figura 25 – Símbolo do Coração de Jesus coroado de espinhos - Capela São José do Unilasalle Canoas-RS.....	66
Figura 26 – Símbolo do Imaculado Coração de Maria - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	68
Figura 27 – Símbolo da Eucaristia - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	69
Figura 28 – Ostensório - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	70
Figura 29 – Pelicano - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	71
Figura 30 – Turíbulo - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	72
Figura 31 – Triângulo - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	74
Figura 32 – Pomba - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	75
Figura 33 – Cordeiro - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	76
Figura 34 – São João Batista de La Salle - Capela São José do Unilasalle – Canoas- RS.....	77
Figura 35 – Beato Irmão Salomão Leclerq - Capela São José do Unilasalle – Canoas- RS.....	79
Figura 36 – São Gabriel da Virgem Dolorosa - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	81
Figura 37 – São João Batista – Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS.....	82
Figura 38 – São Pedro - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	84
Figura 39 – Sagrada Família - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	90
Figura 40 – São Luis Gonzaga - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS....	88
Figura 41 – Os três Mártires Rio-grandenses - Capela São José do Unilasalle Canoas-RS.....	89
Figura 42 – Brasão da Família La Salle- Capela São José do Unilasalle Canoas-RS.....	92
Figura 43 – Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS.....	94
Figura 44 – Tiara do Bispo - Capela São José do Unilasalle – Canoas -RS.....	95
Figura 45 – Brasão ou Escudo do Papa Pio XI - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	96

Figura 46 – Brasão do Bispo Dom João Becke - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	98
Figura 47 – Brasão da Cidade do Vaticano - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	100
Figura 48 – Vitral da porta dos fundos da Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS.....	101

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ESPAÇO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA.....	16
2.1	Espaço de memória.....	16
2.2	Simbolismos em espaço de religiosidade.....	21
2.3	Os vitrais na história da arte religiosa.....	26
3	CONTEXTO HISTÓRICO DA CAPELA SÃO JOSÉ.....	28
3.1	O Instituto de Irmãos das Escolas Cristãs.....	28
3.2	Os Lassalistas no Brasil - Canoas/RS.....	29
3.3	Capela São José do Unilasalle de Canoas.....	35
3.4	A espiritualidade expressa no simbolismo religioso dos vitrais da CSJ.....	39
4	O SIMBOLISMO RELIGIOSO DA CAPELA SÃO JOSÉ.....	42
4.1	As imagens dos vitrais.....	42
4.1.1	<i>Ala direita térrea, representada pelos vitrais.....</i>	<i>42</i>
4.1.2	<i>Ala direita superior, representada pelos vitrais.....</i>	<i>43</i>
4.1.3	<i>Ala esquerda térrea, representado pelos vitrais.....</i>	<i>43</i>
4.1.4	<i>Ala esquerda superior, representada pelos vitrais.....</i>	<i>43</i>
4.2	Identificação dos vitrais da Capela e sua simbologia.....	44
4.2.1	<i>O pelicano.....</i>	<i>45</i>
4.2.2	<i>O cordeiro.....</i>	<i>45</i>
4.2.3	<i>Anjos.....</i>	<i>46</i>
4.2.4	<i>Ladainha de São José.....</i>	<i>47</i>
4.2.5	<i>O círculo.....</i>	<i>48</i>
4.2.6	<i>A cruz.....</i>	<i>48</i>
4.3	Descrição iconográfica dos vitrais.....	50
4.4	Vitrais dos quatro Evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João.....	52
4.4.1	<i>Evangelista São Mateus.....</i>	<i>54</i>
4.4.2	<i>Evangelista São Marcos.....</i>	<i>55</i>
4.4.3	<i>Evangelista São Lucas.....</i>	<i>56</i>
4.4.4	<i>Evangelista São João.....</i>	<i>58</i>
4.5	Monogramas Bíblicos.....	60

4.5.1	Monograma de São José – SJ.....	60
4.5.2	Monograma de Jesus Cristo (✠) o Alfa e o Ômega (Α Ω).....	62
4.5.3	Monograma JHS.....	63
4.5.4	Monograma do nome de Maria (M).....	64
4.6	Símbolos e devoções.....	65
4.6.1	Símbolos do Sagrado Coração de Jesus sobre a cruz e a âncora.....	65
4.6.2	Símbolo do Sagrado Coração de Jesus coroado de espinhos.....	66
4.6.3	Imaculado Coração de Maria.....	68
4.6.4	Cálice.....	69
4.6.5	Ostensório.....	70
4.6.6	Pelicano.....	71
4.6.7	Turíbulo com incenso e a palavra: ORATIO.....	72
4.6.8	Triângulo.....	74
4.6.9	Pomba.....	75
4.6.0	Cordeiro sobre a bíblia.....	76
4.7	Os símbolos santorais e a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.....	77
4.7.1	São João Batista de La Salle.....	77
4.7.2	Beato Irmão Salomão (mártir da Revolução Francesa).....	79
4.7.3	São Gabriel da Virgem Dolorosa (ex - aluno dos Irmãos na Itália).....	80
4.7.4	São João Batista, o Precursor de Jesus.....	82
4.7.5	São Pedro – Apóstolo.....	83
4.7.6	Sagrada Família.....	85
4.7.7	São Luis Gonzaga (patrono da juventude).....	87
4.7.8	Os três Mártires Rio-grandenses.....	88
4.7.9	Brasão da família La Salle.....	91
4.7.10	Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.....	93
4.7.11	Tiara do Bispo.....	94
4.7.12	Brasão ou Escudo do Papa Pio XI.....	96
4.7.13	Escudo ou Brasão do Dom João Becker.....	97
4.7.14	Brasão da cidade do Vaticano	100
4.7.15	Porta dos fundos da Capela	101

5	CONCLUSÃO.....	103
	REFERÊNCIAS.....	106
	ANEXO A – Brasões da família La Salle.....	113
	ANEXO B – Histórico da Capela São José.....	114

1 INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho é a caracterização da Capela São José (doravante indicada como CJS), do Unilasalle, como espaço de memória simbólico-religiosa e Lassalista. Localizada na região central de Canoas – RS, a Capela integra o conjunto arquitetônico centenário em estilo europeu do Campus Central de 54 mil m², se mesclando, atualmente, com novas instalações modernas. Em meio a esta infraestrutura, existe uma área verde preservada que gera harmonia de relação com a natureza, à diversidade e à vida. Esta ambiência complementa o potencial da Capela São José como espaço de memória simbólico-religiosa.

A história da Capela se faz presente nos diversos escritos sobre a Fundação do Unilasalle e nos seus mais de cem anos de presença em Canoas. Porém, o significado simbólico e religioso de sua arte interna, representada em diversos elementos, mas notadamente nos vitrais, não apresentava maiores registros constatados, mediante a pesquisa exploratória realizada anteriormente.

Visitantes, grupos e usuários (praticantes da confissão católica ou não) que a frequentam, admiram sua estética; não raro, surgem interrogações sobre a imaginária sacra, o conjunto de vitrais e sua relação com a história da Instituição. Quem são os personagens contidos nos vitrais e o que representam na simbologia ali estampada? Há uma relação dos personagens simbólicos com a identidade e a memória Lassalista? Qual a função dos vitrais para além do sentido estético? Os vitrais evocam lembranças e significados relacionados à presença Lassalista em Canoas e no Rio Grande do Sul?

Segundo Mardones (2006), o simbolismo manifesto em iconografias tem uma maneira muito particular de envolver as pessoas. Ele sensibiliza, toca e desperta o sublime, o infinito que adormece no íntimo do ser humano e o remete para fora dele mesmo, em expressões de admiração e contemplação, pela experiência da transcendentalidade. Por outro lado, para além do transcendente, há sentidos imanentes na iconografia dos vitrais da Capela São José. Eles dispõem de sentidos estéticos e simbólicos que remetem à difusão de conteúdos da fé cristã e da missão Lassalista em Canoas e no Rio Grande do Sul.

Sob esse duplo ponto de vista, os vitrais se apresentam como imagens devocionais e ícones de conteúdos simbólico-religiosos cuja tradição depende de atualizações por parte da comunidade Lassalista. Através de seus vitrais, a CSJ se

apresenta como um espaço sagrado de memória onde se veiculam significados e sentidos próprios à missão Lassalista e à fé cristã, estando inclusive arrolada nos inventários patrimoniais da Prefeitura Municipal de Canoas e do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE).

Ao propor, inicialmente, uma investigação sobre a iconografia e a iconologia dos vitrais da CSJ, entendeu-se ser possível e desejável pensar a própria Capela qualificando-a como espaço de memória simbólico-religiosa Lassalista e assim torná-la mais valorizada e apreciada por toda a comunidade canoense e pesquisadores em geral, como patrimônio pertencente ao complexo educacional Superior do Unilasalle, Canoas, RS.

A escolha das leituras e das fontes, suas interpretações, reflexões acerca de, bem como as conclusões parciais e finais estão intimamente relacionadas ao percurso metodológico da pesquisa qualitativa que, segundo Minayo (2001), possibilita trabalhar com o universo de significações, motivos, aspirações, valores, crenças, atitudes que se desenvolvem nos níveis mais profundos do processo relacional. A pesquisa qualitativa oportunizou ampla autonomia na obtenção de dados e na interpretação dos significados simbólicos da Capela São José e de seus vitrais, posto que ela promoveu interações entre fontes diversas (escritas e orais), contribuindo para a percepção do valor e do significado que as pessoas dão às coisas e aos fatos (DESLAURIERS; KÉRISIT, 2008). De tais reflexões emergiram elementos da memória Lassalista e o sentido do simbolismo religioso dos vitrais presente no espaço da CSJ.

Foram adotadas, como instrumentos principais de coleta de dados, as fontes bibliográficas buscadas em livros, artigos científicos, publicações, periódicos como revistas, jornais e demais impressos. Também foram buscadas em fontes documentais como: manuscritos, fotos, iconografias, boletins, informativos, memorandos, e demais documentos localizados no arquivo histórico e memorial do Unilasalle.

Em alguns casos, foram realizadas entrevistas com Irmãos Lassalistas que residem no Centro Universitário La Salle desde 1939. Isso foi possível a partir do guia de entrevista e segundo uma seleção baseada na disponibilidade desses Irmãos em oferecer seu testemunho a respeito da Capela e de seus vitrais. Somadas às fontes escritas, foram recuperados não apenas os aspectos formais e simbólicos dos vitrais, mas a compreensão dialógica com as dinâmicas da

identidade e memória coletivas da comunidade Lassalista. Para tanto, a análise dos dados contou com etapas de “leitura flutuante” de documentos e depoimentos, conforme Bardin (1977), bem como de interpretação iconográfica e iconológica dos vitrais a partir da metodologia de Erwin Panofsky (2007).

No que se refere aos documentos, partiu-se de uma busca sistematizada de materiais ainda não publicados ou disponibilizados, e de levantamento bibliográfico e consulta de livros e artigos científicos e publicações periódicas sobre as temáticas dos vitrais, da memória e história Lassalista e dos significados simbólicos e religiosos cristãos e católicos. As leituras desses materiais resultaram em apontamentos gerais e categorias específicas apresentadas em forma de fichas de leituras, usadas, posteriormente como consulta para a elaboração dos capítulos da dissertação.

No caso dos depoimentos, foram realizadas entrevistas segundo os apontamentos, categorias e hipóteses advindas da primeira etapa de leitura flutuante. Essas entrevistas foram avaliadas como um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1992, p. 86). Através delas, buscaram-se dados subjetivos relacionados aos valores, às atitudes e às opiniões dos entrevistados, aprofundando dados e preenchendo lacunas resultantes da análise documental.

Ao longo das consultas às fontes documentais e aos depoentes, visitou-se a Capela e seus trinta e três vitrais. Em alguns casos, a pesquisadora contou com a participação dos Irmãos Henrique Justo e Eugênio Fossá. A escolha explica-se, pelo seu papel de testemunhas vivas da memória perante a história Lassalista em Canoas.

Quer seja com a presença dos Irmãos ou solitariamente, buscou-se classificar os vitrais a partir dos critérios de Erwin Panofsky (2007). Nesse autor, a metodologia de análise iconográfica e iconológica dos vitrais é dividida em três níveis¹:

- a) **Tema primário** ou análise pré-iconográfica (pseudoformal);
- b) **Tema secundário** ou análise iconográfica (convencional);

¹Erwin Panofsky (apud Oliveira; Nunes, 2010, p. 310) apresenta um método de análise iconográfico e iconológico, onde estrutura um sistema de percepção e leitura dos significados das obras artísticas. O autor entende ser possível compreender, através da obra de arte concreta, aspectos históricos, sociais e ideológicos das pessoas e épocas que as produziram.

- c) **Significado intrínseco** ou conteúdo, a interpretação iconológica onde símbolos são identificados e desvendados, a partir da familiaridade com tendências da mente.

A análise dos vitrais, nesta dissertação, foi realizada através de fotos das imagens, produzidas por Luciano Lunkes (2013). Como existem vitrais na mesma orientação e em dois pavimentos, antes de sua classificação foram caracterizados, tendo como referência o altar-mor da Capela, sendo diferenciados com a nomenclatura de baixa para o primeiro pavimento e de alta para o segundo pavimento; lateral direita e lateral esquerda para os dois pavimentos. Para a identificação dos mesmos seguiu-se a ordem natural dos números, sendo que a cada número correspondeu um vitral, em primeiro lugar a lateral direita e em segundo lugar a lateral esquerda, simplificando e facilitando, assim, a forma de visualização e identificação dos mesmos. Na junção de todos os indicadores temos:

- LDB (lateral direita baixa) vitrais de 1 a 8
- LDA (lateral direita alta) vitrais de 9 a 16
- LEB (lateral esquerda baixa) vitrais de 17 a 24
- LEA (lateral esquerda alta) vitrais de 25 a 32
- PF (Porta dos fundos) vitral nº 33

Para melhor compreender e vincular os conteúdos dos vitrais criamos uma nova tipologia, agrupando os símbolos da seguinte forma: os quatro evangelistas; monogramas bíblicos; símbolos e devoções e símbolos santorais.

O resultado desta pesquisa tem por finalidade auxiliar os frequentadores e visitantes da Capela a conhecer as imagens contidas nos vitrais, seus simbolismos e a memória Lassalista a elas relacionada e assim contribuir na criação da “cultura visual” neste espaço de memória que é a CSJ.

2 ESPAÇO DE MEMÓRIA SIMBÓLICO-RELIGIOSA

O presente capítulo tem por objetivo trazer alguns conceitos e noções operatórias como “memória social”, “simbolismo” e “arte religiosa”, primeiro suporte teórico no embasamento da dissertação. Inicialmente, parte-se das discussões de autores como Jô Gondar, Walter Benjamin, Jaques Le Goff, Santo Agostinho, Ivan Izquierdo e Milton Santos, Joël Candau, como os principais para definir o que se entende por “Espaço de memória” e em que medida a CSJ pode ser pensada nesses termos. Em seguida, discute-se o simbolismo religioso em espaços de memória, a partir dos autores como José Maria Mardones, Mircea Eliade, Cláudio Pastro, Maria Celina de Q. Nasser e Frances Yates. Para fundamentar os elementos de memória Lassalista presentes nos vitrais da capela, partiremos de autores como Ivo Carlos Compagnoni. Henrique Justos, Norberto Luiz Nesello e das meditações de São João Batista de La Salle e principalmente das memórias Lassalistas dos primeiros Irmãos vindos a Canoas, obtidas no Museu e Arquivo Histórico La Salle, (MAHLS) precisamente. Para a caracterização dos vitrais, tomaremos como referencial Erwin Panofsky que trata da análise e dos significados das artes visuais e Hans Belting que discorre sobre a antropologia da imagem.

2.1 Espaço de memória

A etimologia da palavra memória é oriunda do grego “mnemis²” ou do latim “memória”. Segundo Gondar (2005), ela não pode ser definida somente por uma área do conhecimento, uma vez que tem implicações com várias ciências como a filosofia, a sociologia, psicologia, antropologia, entre outras, sendo possível conceituá-la a partir de um contexto multidisciplinar, pois envolve “uma multiplicidade de definições”. Para o autor, o conceito de memória está em contínua “construção”, em contínuo “movimento”, pois os campos dos saberes também se renovam constantemente sempre que surgem novos problemas, novos objetos de estudos e com isso novas teorias. Segundo Gondar (2005), um conceito é uma maneira de dar uma resposta a um “feixe de problemas” que surgem em determinados momentos

²A palavra grega prende-se ao verbo mimnéskein, que significa “lembrar-se de” (UNILASALLE, 2013).

ou situações da história humana e não surgem a ermo, do nada, pois é do “dissentimento que surgem novas ideias”.

A prova de que o conceito de memória sofre um permanente questionamento, é que há dezessete séculos, muito antes de autores recentes que tratam sobre memória, Santo Agostinho (354-430) já levantava questões sobre a memória, num intuito de compreendê-la conceitualmente, e assim se expressava: “Quem poderá explicar o modo como ela se forma, apesar de se conhecer por que sentidos foi recolhida e escondida no interior?” (Santo Agostinho, 1984, p. 176). O autor coloca a memória como a interioridade do ser humano, ou seja, sua alma. O homem encontrando-se consigo mesmo, estaria em contato com Deus através da fé. Foi trazendo presente o que estava armazenado na memória que o fez mudar de direção sua vida e se converter.

Devido à natureza da memória e sua dimensão transdisciplinar, ainda hoje a pergunta ressoa e é atual. Izquierdo (2004), estudioso da neurologia da memória, afirma que a mesma retém e guarda o que apreende pelos sentidos, através dos processos bioquímicos, hormonais, ocasionados por experiências pessoais de grande carga emocional, envolvendo sensações, sentimentos, estados de ânimo e a atenção, e afirma:

Somos aquilo que recordamos, literalmente. Eu sou quem sou, cada um é quem é, porque todos lembramo-nos de coisas que nos são próprias e exclusivas, e não pertencem a mais ninguém. As nossas memórias fazem com que cada ser humano ou animal seja um ser único, um indivíduo. (IZQUIERDO, 2004, p. 22).

Embora a diversidade de significados atribuídos à palavra memória seja importante, nesta pesquisa, entende-se que todo conceito de memória dialoga com a capacidade da mente em lembrar o acontecido ou o fato ocorrido num determinado tempo e espaço, ou seja, “como propriedade de conservar certas informações, graças a um conjunto de funções psíquicas com as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF³, 2003, p. 419). Com isso é possível afirmar que o ser humano tem a propriedade de intervir nas informações armazenadas na memória, podendo trazê-las ao presente, dar-lhe uma nova significação, não uma interpretação, mas

³ Le Goff, historiador francês do século XX.

sim, fazer uma “nova leitura”. Daí ser a memória caracterizada como presente, mesmo que os fatos tenham acontecido no passado, ela revela experiências passadas, mas que tem relação com o tempo presente e que se projeta e põe em jogo um tempo futuro (devir) a ser vivido e lembrado. Neste sentido, Yates concorda com Le Goff quando diz que “pela memória, recordamos as coisas passadas, compreendemos as presentes e contemplamos as futuras, por meio de sua semelhança com as coisas passadas” (YATES, 2007, p. 81).

Enquanto Le Goff fala em “funções psíquicas” como captadoras das informações contidas na memória, para Santo Agostinho são os sentidos que captam o que fica armazenado na memória. A essas informações ele chamou de “imagens” que estariam à disposição do homem para evocá-las, através do pensamento, quando quisesse. Ele chama a memória de “palácio”, “tesouro” onde estão guardadas as inúmeras imagens captadas pela capacidade de percepção do indivíduo que ainda não foram sepultadas pelo esquecimento. Algumas dessas imagens fluem espontaneamente à memória; outras necessitam, segundo ele, de buscas mais profundas nos “receptáculos mais recônditos”, comparando a memória ao santuário, à alma, a um oceano repleto de imagens de tantas e tão grandes coisas, até incompressíveis ao ser humano, tanto que o faz proclamar: “Grande é o poder da memória!” (SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 95).

Seguindo nesta perspectiva de reflexão sobre memória, nos parece importante, na relação memória e simbolismo, trazer à tona o conceito de memória social preconizado por Gondar (2005), pois relaciona memória social como um sistema de “signos simbólicos” comportando “palavras orais e escritas”, quanto um sistema de “signos icônicos”, formado por “imagens desenhadas ou esculpidas”, concepção esta que vem ao encontro do estudo a que nos propomos, ou seja, caracterizar a Capela São José como um espaço de memória, principalmente pela iconografia representada em seus vitrais. Estes foram pensados em função de alguns significados representativos num contexto histórico, devocional ou afetivo, que para Gondar (2005), não existe memória sem que esteja referenciada a um “contexto afetivo” ou “forças que nos afetam”, que para Ele o afeto é um dos primeiros artifícios a ser considerado na produção da memória.

De todas as experiências que nós vivemos no aqui e no agora, selecionamos, como impressões ou como lembranças, aquelas que nos afetam em um campo de relações. Todavia o que nos afeta é o que rompe com a mesmidade em que vivemos; a mesmidade não nos impressiona ou nos marca. O que nos afeta é antes um encontro, uma palavra nova, uma experiência singular (GONDAR, 2005, p. 25).

Izquierdo (2004), por sua vez, completa o pensamento de Gondar, ao afirmar que a mente esquece fatos menos marcantes para armazenar os que mais importância adquire para a pessoa ou grupos, isto é, os que mais atingem e impressionam os afetos e os sentimentos. “Nós formamos, guardamos e evocamos memórias com fortes componentes emocionais e sob intensa modulação hormonal” (IZQUIERDO, 2004, p. 17).

Em Walter Benjamin (apud Vieira, 2007, p. 25), a memória não se apresenta apenas como “a faculdade de reter conhecimentos e fatos vividos no passado, mas como a capacidade de reconhecer as impressões deixadas por eles e (re) significá-las no presente, produzindo sobre elas um novo sentido e com elas estabelecendo uma nova relação”. Portanto, a função básica da memória, segundo Benjamin (1994), é a de trazer “à tona”, “deixar emergir”, as impressões, as imagens, as experiências que nela ficaram registradas no passado. Uma forma de compreender, no presente (agora), o passado na dinâmica da “reinterpretação”.

O agora, em Benjamin, deve ser entendido, como um corte sincrônico no tempo, que atualiza presentifica e ‘redime’ o passado na rememoração, na lembrança, a experiência. É no presente que (re) construímos, (re) significamos o passado, dando a ele um novo sentido, num movimento dialético de aproximação e distanciamento. A memória é, nesse sentido, a base para a elaboração, para a constituição de um ponto de vista sobre uma dada realidade, em que o sujeito, assim como um pintor ou desenhista, a partir da sua óptica, da sua perspectiva, descortina e representa à luz do presente o amplo horizonte do passado (BENJAMIM apud VIEIRA, 2007 p. 27).

As reflexões sobre memória nos remetem ao objeto de nossa dissertação, ou seja, pensar a Capela São José como espaço de memória simbólico-religiosa e Lassalista. Nesse caso, a Capela se apresenta como suporte material de memória Lassalista e de sua espiritualidade, preservado há mais de cem anos, que embora tenha passado por várias alterações estruturais, mantém características que induzem a um passado de memória com novos significados para as pessoas que o apropriam. A dinâmica deste espaço oportuniza o reencontrar-se nesta trajetória, suscitando e ou renovando o sentido de pertencimento, principal segredo da

identidade⁴, e se torna singular pelo olhar e percepção de quem partilha deste espaço. Características estas que serão abordadas mais precisamente em capítulos subsequentes.

O conceito de identidade indica semelhança a si própria a partir de um processo de reconhecimento do outro. A identidade coletiva de um grupo processa-se a partir de sentimentos de pertencimento a esse grupo, garantido por imagens ou símbolos que permitem o reconhecimento do outro como a mim mesmo. Por sua vez, a identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários e a memória acaba quando se rompem os laços afetivos e sociais de identidade (FÉLIX, 1998, p. 42).

Para Arávelo (2004), o espaço pode adquirir um significado geográfico⁵, assim como uma conotação pela “representação artística e literária” pelo usuário deste espaço, implicando com os sentimentos, memória, lembranças, recordações em que “tal espectador vivencia ou vivenciou”. Isso implica dizer que o sentido da palavra espaço é dinâmico; está sempre em movimento, se renova, pois nele acontecem fatos, se estabelecem relações, no caso da Capela, relações com a vida, com a fé, com conquistas, lutos, perdas, diálogos. Enfim, acontecem os compartilhamentos de lembranças, recordações do Instituto, uma reconstrução de ideais e de carismas.

Os espaços são as formas mais a vida que as anima, desta forma o espaço não é necessariamente físico, tátil, mas engloba a visão de cada observador e caracteriza como algo do presente [...] são variáveis complementares cuja síntese, sempre por refazer, é dada pelo espaço humano (SANTOS, 2002, p.106).

Diante deste quadro de conceitos sobre o espaço de memória, será necessário entrelaçá-los com os aspectos simbólicos dos vitrais da Capela São José, como mecanismo que põe em movimento a rememoração, as lembranças, as imagens guardadas “nos palácios da memória” e que, uma vez trazidas para o

⁴A identidade é a característica que marca um grupo, é o reconhecimento dele resultante das interações sociais, dos eventos passados com as mudanças do presente (da memória) (ARÁVELA, 2004 p. 4).

⁵“A Geografia da Ciência e da Tecnologia” (p. 52-98), ocupa-se da distribuição espacial de cientistas e de tecnólogos nas diversas áreas e países do mundo, mas fica em aberto a questão propriamente geográfica da ciência e da tecnologia, como conteúdo do espaço (SANTOS, 1996).

“agoridade”⁶, será possível visualizar a CSJ como espaço proteção/preservação da memória, da identidade e dos Bens Culturais e Patrimoniais não só do Unilasalle, mas para a Rede Lassalista e para a comunidade canoense.

2.2 Simbolismos em espaços de religiosidade

Símbolo, do termo grego *symbolon*⁷, significa "lançar com, pôr junto com, juntar", duas metades: um significado e um significante e num sentido amplo do termo, também considerado como um acordo, uma senha capaz de identificação de iguais que se separam. Segundo José Croatto (2001), os gregos tinham o costume, ao fazer um contrato, quebrar em duas partes um objeto de cerâmica, onde cada pessoa levava consigo um pedaço. Uma reclamação, posterior, era legitimada, unindo (pondo junto = símbolo) as partes do objeto destruído. Esta união, para os gregos, permitia reconhecer que a amizade permanecia intacta. Ele “une o rompido e o fraturado”, a realidade visível da realidade invisível, ou o que a “transcende”. O símbolo transita especialmente pelo mundo da arte e da estética, da psicologia e da religião.

“Quando se deseja penetrar no segredo da realidade, somente se consegue pelo caminho do símbolo, da imagem, do mito” (MARDONES, 2006, p. 15). Segundo este mesmo autor, no mundo medieval, a comunicação através da palavra, se constituía como o símbolo principal da comunicação e dos contratos humanos. Era algo sagrado, um ato afirmado, um pacto selado. Não havia documentos. A palavra dada era a prova documental. Através da palavra, a divindade se comunicava. Portanto, com valor espiritual e força transcendental. Uma bandeira ou um brasão evocava a presença do próprio rei, não apenas sua representação; da mesma forma os símbolos cristãos evocavam a presença real do absoluto, não apenas sua imagem. Assim a representação se torna, para a pessoa e para o grupo, tão real

⁶Palavra que, segundo Walter Benjamin, equivale ao tempo-já à qual se refere à fulguração de um futuro mediante os atos do presente. Disponível em: www.cronopios.com.br/site/ensaios. Acesso em 14 de junho de 2013.

⁷O termo símbolo, com origem no grego (*symbolon*), designa um elemento representativo que está (realidade visível) em lugar de algo (realidade invisível) que tanto pode ser um objeto como um conceito ou ideia, determinado quantidade ou qualidade. O "símbolo" é um elemento essencial no processo de comunicação, encontrando-se difundido pelo cotidiano e pelas mais variadas vertentes do saber humano. Embora existam símbolos que são reconhecidos internacionalmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (religioso, cultural, etc.). Ele intensifica a relação com o transcendente. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/s%C3%ADmbolo/4868/>.

como a própria realidade que se faz presente na pessoa, juntamente com componentes subjetivos de percepção: sentimentos, afetividade, ideias, mentalidades, crenças etc.

“O símbolo é o modo humano de articular a realidade, fruto de uma relação tensa de ruptura e união do homem com seu mundo que se lhe abre uma compreensão numinosa da realidade” (MARDONES, 2006, p. 91). Daí ser o símbolo, elemento presente em todas as religiões como forma de romper a realidade terrena, transcendendo-a. A compreensão desse fenômeno auxilia-nos no entendimento do quanto o humano necessita do símbolo para mediar sua relação com o além, o infinito. A religiosidade busca integrar esses elementos e expressá-los em forma de linguagem simbólica, global, vital e revitalizadora. Neste sentido o símbolo, como mediador na relação do homem com seu Criador, o auxilia na aproximação do terreno com o divino; do aqui e agora com o transcendente; do visível com o invisível; do finito com o infinito; da morte com a vida, vivenciando a realidade sob novas dimensões. Nesta visão, o símbolo “é um raio iluminador que abre ou desperta um sentido e desvela um significado profundo do mundo, da vida, da existência. É um conhecer que revela; um descobrir acesso ao coração palpitante da realidade; desperta e ilumina nossa existência” (MARDONES, 2006, p. 92).

O símbolo, neste sentido, media, facilita o ser humano entre a “mediatez” de sua realidade e a “immediatez” que por ele mesmo é incapaz de alcançá-la. “Ele torna mediatamente presente o que está imediatamente ausente” (CARDITA, 2007, p. 375). O símbolo torna presente o que está ausente o que está fora do seu ser, mas ao mesmo tempo perto, pulsando no seu interior e que por isso mesmo busca unir estas duas tensões, incessantemente.

O homem é feito de tal maneira que não pode evitar nem o infra-humano nem o supra-humano, pois ele participa destas duas realidades que estão presentes no Universo. Esse caráter essencialmente misto da nossa condição não implica necessariamente uma alternativa, mas exige uma mediação entre o inferior e o superior, um duplo movimento que faz ‘subir um e descer o outro’. A transfiguração da natureza é, pois, inseparável da encarnação do espírito (CARDITA, 2007, p. 376).

O símbolo é uma ferramenta humana capaz de criar a identidade cultural-religiosa de uma comunidade ou de um povo e, segundo Cardita, (2007), uma forma de expressão e comunicação mais profunda dos sentimentos e experiências e das “realidades mais densas” da existência humana. A comunicação na perspectiva

simbólica serve-se de uma flor (símbolo), por exemplo, para expressar gratidão e reconhecimento; um crucifixo para lembrar que é cristão; o sol para expressar alegria e luz; uma nuvem escura para expressar preocupação e tristeza; o mar para expressar imensidão, grandeza e assim outras formas, como uma obra de arte, uma pintura, uma música, enfim, imagens que nos remetam a algum fato que, transportado pela mente, nos possibilite a pensar em algo, mesmo não estando presente. Simbolizamos quando não conseguimos expressar toda a riqueza ou sensação de uma experiência vivida e o fazemos criando um símbolo que a represente, trazendo para o presente sua memória.

O crente necessita fazer a experiência do amor e da fé de acordo com o impulso de seu ser mais íntimo, na liberdade ou como possibilidade de atingi-la. “O símbolo é a expressão e a comunicação mais profunda e mais séria das realidades mais densas da existência humana” (CARDITA, 2007, p. 394). Essas experiências costumam dar-se em espaços religiosos mediante as mais diversas manifestações rituais litúrgicas ou de culto. Estas consistem em símbolos, palavras, gestos corporais, cada uma dentro do seu entendimento, para expressar, na sua forma mais íntima, o acontecimento simbólico, mediando a realidade vivida pelo crente e assim captar ou se comunicar com o transcendente. Perdendo esta dimensão, o espaço simbólico se esvazia, deixando de ser um espaço de memória simbólica para ser tornar, apenas um espaço de “exterioridade dos gestos”. A integração que o crente faz do amor e da liberdade, como experiência pessoal e profunda na fé, é que dá sentido ao espaço simbólico, como local de manifestação religiosa.

O simbolismo em espaços religiosos evoca, segundo Yates, (2007 p. 90), “algo ausente e impossível de ser percebido, pois seu significado é inacessível e transcendente”. Sua imagem funciona como um auxílio à memória, “pois muitos acontecimentos podem ser lembrados através de algumas poucas imagens simbólicas que podem oferecer informações mais exatas, mais sensíveis e de longo alcance”.

Santo Agostinho (1984), completa dizendo que nem todos os acontecimentos do passado são passíveis de memória, mas apenas os que foram mais impressionantes e significativos e se constituíram em “símbolos”. Ele usava estas imagens simbólicas como didática cristã para expor e impressionar seus ensinamentos de modo memorável para que o cristão, pelas imagens formadas, pudesse decidir entre assumir uma conduta virtuosa ou seguir o caminho do vício.

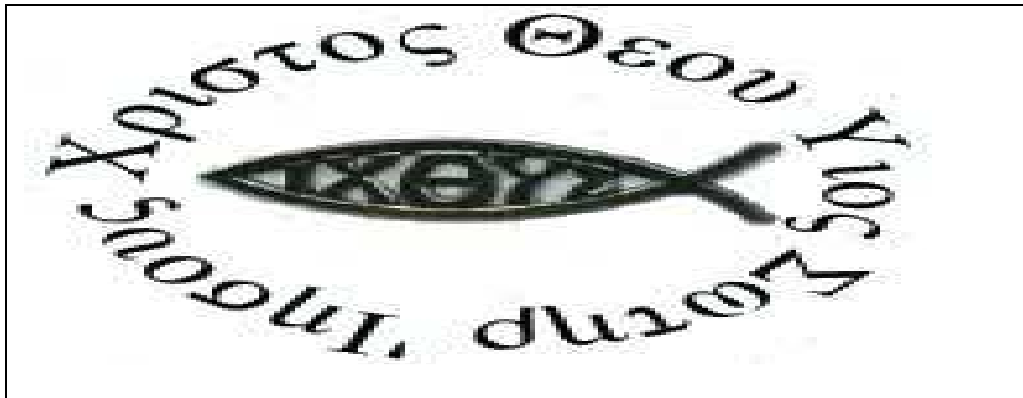
O objetivo desta didática era tornar a memória um “habitus⁸”, isto é, uma virtude moral para rememorar as coisas passadas, visando condutas mais prudentes que deveriam ser assumidas no futuro. O cristão fazia a reminiscência, a partir da imagem simbólica introjetada no seu interior (alma) para orientar sua conduta exterior.

Yates (2007) comenta que nos espaços religiosos da Igreja costumava-se distribuir imagens simbólicas de acordo com a sequência com que os fatos da história cristã aconteciam para que os frequentadores desses espaços pudessem ter a memória dos mesmos, transmitidos de geração a geração. As imagens cristãs da memória influenciaram e se armazenaram nos interiores das grandes catedrais góticas da Idade Média que, ainda hoje, mantêm estes traços simbólicos como espaços religiosos de memória.

Na história do cristianismo, em seus primórdios, segundo Hastenteufel (1995), lê-se que os cristãos, perseguidos e presos eram impedidos de professar a fé publicamente. Por isso se serviam de símbolos pintados nas paredes das catacumbas romanas, espaço onde costumavam se reunir para fazer memória de sua fé através da prática secreta do culto. O acróstico mais conhecido pelos primeiros cristãos era o peixe. Este símbolo era desenhado no chão e servia de sinal secreto para que um cristão pudesse falar de Cristo com outro cristão, assim não corria perigo de ser perseguido e jogado nas arenas romanas para servir de alimento aos leões.

⁸Durkheim faz uso do conceito para designar um estado geral dos indivíduos, estado interior e profundo, que orienta suas ações de forma durável (Dubar, 2000; Bourdieu, 1983a; Lahire, 1999). Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde20/rbde20_06_maria_da_graca_jacinto_setton.

Figura 01 – Símbolo do peixe



Fonte: <http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/06/peixe-simbolo-do-cristianismo.html>.

Figura 02 – Símbolo sinal secreto para os cristãos



Fonte: <http://pastoradaocarvalho.blogspot.com.br/2009/06/peixe-simbolo-do-cristianismo.html>.

Mesmo quando a religião cristã foi liberada e se tornou religião do império romano, no início do século IV, o cristianismo continuou preservando esta arte primitiva, mantendo o símbolo do peixe em muitas igrejas.

Nas sociedades modernas, cada religião possui seus espaços religiosos ocupados por símbolos. Em torno deles o crente se identifica e por meio deles realiza seus rituais religiosos que, “por traz de cada ato religioso e de cada objeto (símbolo) de culto estão o desejo e a pretensão humanas de transcender o tempo e a história” (MARDONES, 2006, p. 88). Na religião católica, uma forma de transcender são os ícones dos santos que podem avivar a religiosidade popular, como símbolos de fé, capazes de interligar o devoto ao símbolo representado e

assim animar sua espiritualidade. Muitos símbolos são comuns entre as várias religiões, embora para cada uma tenha um significado especial de acordo com o contexto cultural e religioso em que se inserem.

Reconstruir o significado simbólico dos vitrais da Capela São José é confirmar a pertinência de nossa pesquisa na perspectiva de explorar o quanto o simbolismo é capaz de mediar a realidade, enquanto expressão de acontecimentos históricos, presentes na memória Lassalista. Se a proposta do estudo puder resgatar ou trazer presente esta identidade, a memória estará viva e será continuamente renovada por todos quantos integrarem a leitura simbólica dos vitrais com a densidade da experiência subjetiva da transcendentalidade de seu ser religioso. O estudo dos mesmos não será tanto em nível de conhecimento racional teórico, mas deverá se constituir numa experiência afetiva e efetiva que só a linguagem “imagética” é capaz de refazer e proporcionar. Mesmo que o objeto da pesquisa seja trazer o símbolo com um significado de memória, não podemos deixar de associar o significado teológico e ritual do símbolo e sua funcionalidade.

2.3 Os vitrais na história da arte religiosa

Pela sua etimologia, oriunda da língua francesa “vitrail” é um tipo de vidraça composta de pedaços de vidro⁹ colorido, constituindo-se um arquitetônico do estilo gótico. Este conjunto de peças de vidros justapostas, coloridas ou não, e uma calha de chumbo, define a produção do vitral desde a idade Média. A soma desta justaposição de peças forma um todo que pode se revelar numa imagem, numa paisagem, na representação de um fato histórico ou simplesmente num símbolo.

Pela História da Arte contada por Gombrich (1999), nas igrejas europeias, a arte do vitral teve grande destaque quando da transição do período romântico para o gótico¹⁰. Neste período as igrejas eram feitas de pedra e impunham muito peso nas

⁹Como substância, o vidro vem de longa data - os objetos com ele manufaturados apareceram há três milênios antes de Cristo, na Babilônia e no Egito - sendo introduzido no mundo ocidental pelos romanos. No século IV, começou a ser feita a junção de pedaços de vidro com chumbo fundido, moldados no formato da letra H. O uso de chumbo foi fundamental à introdução do visual artístico, e no século IX, em Sèvres-Magères, apareceu o primeiro trabalho ilustrativo de janelas. A princípio, os pedaços de vidro eram pintados à mão; mais tarde, a partir do século IX desenvolveram-se as técnicas de pintura, misturando-se ao vidro, ainda em estado de fusão, pigmentos extraídos de um tipo de pó de metais oxidados. Disponível em: <http://www.bianavitrais.com.br/historia.htm>.

¹⁰A Igreja Católica, por exemplo, começou a utilizar esta técnica não só para embelezar os templos, mas, principalmente, difundir o cristianismo usando-os como catequese através de imagens representativas dos testamentos, pois naquela época pouca gente sabia ler (PORTAL BARÃO GERALDO, 2013).

cúpulas. Para suavizar este peso, foram construídas vigas externas de sustentação, porém, deixavam as igrejas escuras e sombrias. Para facilitar a entrada de luz, a arquitetura precisou construir janelas maiores, fazendo uso dos vitrais para trazer luminosidade ao interior das mesmas, servindo também de ventilação. Segundo alguns historiadores, a arte dos vitrais está relacionada com a indústria do vidro surgida no Egito que exportava a arte do vidro, via Mediterrâneo, para Roma, Grécia e Etrúria, usado também como ornamento em túmulos como status social. O vidro produzido pelos Egípcios era opaco, não permitindo a passagem da luz.

A Itália foi a primeira a utilizar vidros coloridos, e em seguida a França se tornou um centro importante de arte vitralista, mas é a partir do século XII que esta arte se expandiu para todas as demais regiões da Europa.

Por trás desta arte composta de vidro, chumbo, cores, desenhos se esconde um simbolismo de mensagem cristã, capaz de despertar a espiritualidade e a harmonia no interior da pessoa. O vitral é um verdadeiro manual ilustrado, pois se configura de cenas da história sagrada, bíblica e da vida dos santos.

Na Idade Média, os vitrais eram usados para reforçar a espiritualidade e neste sentido o

[...] referencial de todas as coisas era o sagrado, simbolizado na figura de Cristo, a 'Luz do mundo'! Neste sentido, o vitral possui um significado simbólico de total abertura e receptividade das influências que vem de fora, ou seja, a luz. Para os filósofos medievais os vitais eram compostos por signos e símbolos, que juntos caracterizavam um significado próprio, expressando, desta forma alguma mensagem. Então quando um vitral apresenta cenas de santos, cenas bíblicas, Madonas e Cristos, expressam também o sentido místico-religioso, pois o símbolo possui a função de elo entre o divino e o humano, estabelecendo uma relação com a realidade transcendente. Neste ponto a essência do símbolo é mais importante que do que a própria imagem, quando decodificado (FRANCO, 2001, p. 156-157).

Segundo Gombrich (1999), o vitral, hoje, não só é usado como elemento de vedação de janelas ou portas, mas como elemento de decoração, expressão de beleza e requinte nos mais variados espaços internos ou externos. O avanço da tecnologia moderna permite a criação de vitrais inquebrantáveis, feitos com materiais sintéticos e com isso eliminou a necessidade de reposição de cacos, unindo dessa forma a técnica com a arte.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA CAPELA SÃO JOSÉ

Encontramos no Museu e Arquivo Histórico La Salle, (MAHLS) uma folha solta, datilografada, sem autor, elementos importantes de memória sobre o Histórico da Capela São José. Os primeiros Irmãos Lassalistas vieram da França e desembarcaram em Porto Alegre no dia 19 de março de 1907. O Colégio São José foi fundado no dia 04 de março de 1908. Funcionou como internato até 1925. A partir deste memorial contextualizaremos a vinda dos Irmãos a Canoas, para “a posteriori”, compreender a criação da simbologia dos vitrais neste contexto.

3.1 O Instituto de Irmãos das Escolas Cristãs

O Instituto de Irmãos das Escolas Cristãs nasce de um sonho preconizado por São João Batista de La Salle. Sua terra natal é Reims, França, onde nasceu no dia 30 de abril de 1651, filho primogênito de Luis La Salle e de Nicole Moët de Brouillet. Segundo o Ir, Justo (2003), seu pai Luis provinha de uma família de juristas e sua mãe vinha de uma família de fabricante de Champanhe. Embora seu pai tivesse almejado que ele seguisse a tradição paterna, escolhendo a profissão jurídica, João Batista preferiu seguir o Mestre, escolhendo a vida religiosa e viver o evangelho, sobretudo com os pobres e desamparados, pela via da educação. Com este objetivo fundou a Congregação Religiosa dos Irmãos das Escolas Cristãs, cujo ideal seria a dedicação a uma educação integral a todos aqueles que “o Senhor lhes enviasse”. Criou escolas onde os alunos pudessem aprender, gratuitamente, a ler, escrever, contar e, além disso, tivessem orientação para a vida cristã. Com esse propósito reuniu um grupo de homens solteiros que, aos poucos, foram orientados a viverem conforme o carisma¹¹ do Instituto. Escreveu regras para terem unidade de vida fraterna, guia para terem um processo pedagógico comum e meditações para imprimir uma espiritualidade forte e coerente com o ideal assumido.

¹¹Carisma: significa. (grego khárisma, atos, graça, favor) [Antropologia]. Autoridade de um chefe fundada em certos dons sobrenaturais. Grande prestígio de uma personalidade excepcional, ascendente que exerce sobre outrem. [Religião] Conjunto dos dons espirituais extraordinários (profecias, milagres, etc.) outorgados por Deus a indivíduos ou a grupos. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa). Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=carisma>.

Blain (apud Bortoluzzi, 2006), ao comentar a adoção do nome “Irmãos das Escolas Cristãs” apresenta:

Esta denominação é adequada, pois encerra a definição de seu estado e assinala as tarefas de sua vocação. Este nome lhes recorda que a caridade que deu origem a seu Instituto há de ser sua alma e sua vida; que ela deve presidir todas as suas deliberações e inspirar-lhe todos os seus desígnios. [...]. Este nome lhes manifesta a excelência de seu trabalho, a dignidade de seu estado e a santidade de sua profissão (BLAIN apud BORTOLUZZI, 2006 p. 26)

3.2 Os Lassalistas no Brasil - Canoas/RS

Em fins do século XIX e início do século XX, no Brasil, a ideologia positivista¹² criada pelo cientista e filósofo francês, Augusto Comte (1798-1857) influenciava, sobretudo os intelectuais brasileiros. Aos poucos, as ideias do Positivismo se espalharam por todo o país, conflitando de frente com a Igreja Católica. Esta se constituía na religião oficial do Estado brasileiro, colocando-se lado a lado com o poder público e a sociedade civil. A Proclamação da República (1889) trouxe a separação entre Estado e Religião.

Com a separação entre Igreja e o Estado, as questões religiosas teriam que ser tratadas, daí para frente, mais e mais, no seio da sociedade civil com os próprios fiéis e não tanto como o Estado. Por outro lado, se não havia mais a tutela do Estado, a Igreja do Brasil entrou em estreitas relações com Roma e, sob certos aspectos, substituiu uma tutela por outra (DREHER, 1999 p.31).

Segundo Oliveira (1985), o divórcio decretado pelo governo entre a Igreja e o Estado exige a obrigatoriedade do registro civil¹³, introduz o casamento civil, seculariza os cemitérios, antes administrados pelas Igrejas, abre escolas públicas, proíbe a subvenção governamental aos cultos religiosos. O clero até então funcionário do Estado, do qual recebia o pagamento de seus serviços pastorais, passa a depender, agora, para seu sustento, da administração dos sacramentos, em especial batismos, matrimônios e missas. Este “desamparo” contribuiu para a escassez de padres no atendimento religioso das comunidades, sobretudo das

¹²Positivismo: Conjunto de ideias filosóficas denominado positivismo pelo próprio fundador, o francês Augusto Comte (1798-1857), ganhou terreno e adeptos no Brasil nas últimas décadas do século XIX. Tem como pressuposto básico uma crença inabalável na ciência e no primado da razão (VAINFAS, 2002, p. 586).

¹³Até então o batismo servia como registro civil ou como carta de identidade (DREHER, 1999 p.33).

formadas pelos imigrantes. Aos poucos, segundo Dreher (1999), foram surgindo os conselheiros, monges, beatos ou padres-leigos, escolhidos entre o “mais douto do lugar” que soubesse ler e realizar regularmente as funções: procissões, bênçãos das velas, bênção dos ramos, missas cantadas, sem a consagração, exercendo assim as funções de “padre (ordenado) da capela.” Esta “autonomia” das comunidades não “caiu bem aos olhos dos bispos e do clero”, criando-se até situações de conflito entre os padres-leigos, que tinham todo o apoio das comunidades, com os padres e bispos que tinham uma visão de igreja estreitamente clericalizada e romanizada.

A teia forte do catolicismo brasileiro, pouco perceptível do emigrante europeu que aqui arribava, era um catolicismo que se juntava os casamentos na fogueira de São João, as ruidosas devoções e festas aos santos, fazendo os observadores atentos dizerem que era um catolicismo de muita reza e pouco padre, muitos santos e pouca missa, que desorientava completamente e escandalizava o clero europeu que foi chegando junto como os imigrantes (DREHER, 1999 p.42).

O episcopado e o clero, fiéis ao Concílio de Trento (1545-1563), e do mais recente Concílio Vaticano I (1869-1870), consideravam a religiosidade popular uma negação à prática do catolicismo romano¹⁴. Segundo Nery (2007), o Concílio Vaticano I, na segunda metade do século XIX, reafirmou de certa forma o Concílio de Trento e a “romanização da igreja”, com a infalibilidade do Papa, tomou conta do final do século XIX e início do século XX.

No ano de 1890 o bispo D. Macedo Costa, bispo do Pará na época, elabora um documento oficial chamado: “Pontos de reforma na Igreja do Brasil” que trazia uma sistematização dogmática e orientações para o episcopado brasileiro que, segundo Oliveira (1985), tinha o intuito de trazer o povo para uma religiosidade à romana e com alguns pontos prioritários como o chamamento para que todos os bispos estivessem unidos ao Papa; que o clero evitasse abusos e se mantivessem fieis à pregação dominical e à catequese; a criação de seminários para a formação de sacerdotes por um ensino rigoroso e ortodoxo; o reavivamento das missões populares para manter viva a fé e a prática das virtudes; “resolver uma vez por todas as situações das irmandades e confrarias expurgando-as de elementos maçônicos”,

¹⁴A igreja, sob influência do Concílio Vaticano I (1870) tomava consciência de fortes mudanças na história e tentava se firmar face à crise gerada pela industrialização da Europa e dos Estados Unidos e face à crescente liderança do pensamento marxista e também diante da perda dos estados Pontifícios pela reunificação da Itália, tomando o caminho da romanização, retomada de Trento e centralização no poder papal (NERY, 1994, p. 22).

e o chamamento de congregações religiosas europeias para dar assistência aos colonos imigrantes e para fundar e dirigir escolas católicas, principalmente. Todas essas orientações serviram de parâmetros na virada do século.

As crenças, os ídolos, os deuses nacionais e os costumes religiosos do povo gradativamente são substituídos por outros inventados na Santa Sé e na Europa. As antigas irmandades e confrarias são substituídas por associações paroquiais, as antigas associações leigas são submetidas ao poder clerical. Os bispos procuram assumir o controle dos centros de mediação do catolicismo popular, os santuários. Para isso se valem do papel das congregações religiosas europeias como foi o caso dos redentoristas que se propõem combater as superstições e o fanatismo, catequizar, exercer o controle financeiro sobre as esmolas trazidas pelos romeiros destinando-as a obras prioritárias como seminários, e moralizar as romarias. É dos santuários que parte a influência romanizadora sobre as massas rurais (OLIVEIRA, 1985, p. 289).

Para Facó (1988), os movimentos de rebelião¹⁵ que surgiram entre os meados do século XIX e início do século XX, por parte dos pobres do campo, perpassando do norte ao sul do país, tinham a mesma característica, ou seja, “o choque aberto” entre a religião dominante da Igreja ou a religião oficial e a religiosidade popular. Não é difícil entender esta reação, uma vez que a população rural era abandonada pelas autoridades civis e eclesiásticas, marcada pela escassez de sacerdotes. Portanto, segundo Facó (1988), vivendo na obscuridade religiosa, só poderia expressar seu sentimento religioso, místico, acompanhando e seguindo conselheiros, monges, beatos ou os padres-leigos que surgiam no interior rural, a ponto de serem chamadas de “fanáticos religiosos”.

O processo tinha uma face cultural e doutrinal e um preço a nível organizacional: uma forte clericalização da vida da Igreja e a necessária destruição das organizações leigas mais autônomas das capelas e contra os seus responsáveis, os “padres de capela” ou em áreas do catolicismos luso-brasileiro, o processo se traduziu numa luta sem quartel conta as “Irmandades e Ordens Terceiras” que haviam construído e, de certa forma, controlavam boa parte das Igrejas e Capelas do país (DREHER, 1999 p. 61).

Percebe-se dessa forma que a “romanização” é uma forma de exercício eclesiástico hierarquizado e de controle sobre as massas populares de fieis, tendo a Santa Sé como a cúpula maior, enfocando a religião na prática dos sacramentos dos

¹⁵Nesse período, os centros religiosos que mais despertavam a atenção dos membros da Igreja eram o de Canudos (1896-97), no sertão baiano, o do Contestado (1912-1016), região limítrofe entre Paraná e Santa Catarina e o de Caldeirão (1936-38), em Juazeiro, no Ceará, todos nascidos no contexto das transformações do final do império, mas que alcançaram maior repercussão no princípio da República. http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3142_1818.

fiéis sem, contudo, acompanhada de um processo de evangelização. Esta exigência “fez explodir a absoluta insuficiência de clero para atender a vida religiosa assim estruturada e entendida onde o padre monopolizava absolutamente todas as funções religiosas” (DREHER, 1999 p.62). A estratégia foi a importação “maciça de religiosos estrangeiros” europeus, ou seja, congregações religiosas masculinas e femininas e padres que tenham estudado em Roma.

É neste contexto eclesial que as congregações religiosas chegam ao Brasil. Neste período Republicano, em termos políticos e sociais, o Brasil, segundo Graebin (1998), despontava com novos estratos sociais de origens e interesses mais diversos.

Uma pequena burguesia; uma burguesia industrial; uma camada média de intelectuais, militares, padres, funcionários públicos; um contingente de imigrantes, exercendo funções na zona urbana e rural; camadas de camponeses que se ocupavam da economia de subsistência; operários; artífices e o contingente saído de escravidão (GRAEBIN, 1998 p. 51).

No Sul, o governo estava nas mãos do Partido Republicano Rio-grandense (PPR) que elegeu Julio de Castilhos como presidente do Estado, mesmo enfrentando a estrutura coronelista, representada pelos fazendeiros ligados ao Partido Liberal (PL) que se manteve no poder de 1889 a 1930.

Se o ensino da religião adquiria um valor de cristianização e ampliação da influência e poder eclesial, também representava a ideologia partidária, cujo ideário era “ensine quem souber e quiser e como puder” dando evasão à vinda de congregação dedicadas à educação, entre elas a dos Irmãos das Escolas Cristãs. A vinda dos Irmãos Lassalistas ao Sul, segundo Compagnoni (1980), deveu-se não só aos insistentes convites da igreja, mas pelas circunstâncias políticas, sociais e, sobretudo pelo anticlericalismo instalado na França, no período entre 1874 a 1904, dizimando as escolas dirigidas pelos religiosos, obrigando sua expansão em outros territórios impulsionada por situações históricas de perseguição e também de sobrevivência.

Convictos de sua missão de assistir aos pobres e educar as crianças e jovens, os três primeiros Irmãos chegam ao Brasil, especificamente ao RS, em 19 de março de 1907. Outros nove no dia 28 de abril, e mais 22 em 30 de dezembro do mesmo ano, após vários e insistentes pedidos do então Bispo do Estado, Dom Cláudio José Gonçalves Ponce de Leão (1841-1924), terceiro bispo do RGS e

primeiro Arcebispo do Porto Alegre¹⁶. De modo geral, havia interesse especial dos bispos na instalação de congregações docentes para a formação de jovens nos valores cristãos. Apesar da ruptura entre Igreja e Estado, o entendimento era de que às ordens religiosas caberia preparar os homens para cargos públicos e o ensino da religião, cuja atuação educacional foi pioneira em diversos ramos do ensino.

Liderados por Irmão Pedro¹⁷, os doze primeiros Irmãos (fig. 01) chegados a Porto Alegre foram trazidos, segundo Nesello (2011), pelos Missionários Capuchinhos, originários da França que conhecedores da obra educativa dos seguidores de La Salle, lhes confiaram o internato em Vacaria no ano de 1907. Porém, o contrato foi desfeito e eles se fixaram em Canoas (1907) e Porto Alegre (1908): Colégio das Dores (no Centro), Colégio Santo Antônio, este no Bairro Partenon (1913), e Colégio do Carmo em Caxias do Sul (1908). Segundo o Ir. Nery (2007), Porto Alegre, em 1907, apresentava um estilo de vida muito próximo ao dos europeus e contava com 120.000 habitantes, de modo que os Irmãos não encontraram maiores dificuldade para se adaptarem culturalmente. Os maiores desafios era a sustentabilidade das escolas e a falta de materiais didáticos, desejosos de que a escola “fosse bem” desde seu início.

¹⁶ Em 1890 Sua Santidade o Papa Leão XIII o transferiu de Goiás para o Rio Grande do Sul. Em 1910, o Papa Pio X dividiu o Bispado do RGS em 4 circunscrições eclesiásticas, tendo sido criadas as Dioceses de Pelotas, Santa Maria e Uruguaiana, Porto Alegre foi elevada à categoria de Cidade Metropolitana, Sede da Arquidiocese do mesmo nome. Nesta mesma ocasião o Bispo Dom Cláudio José foi promovido a primeiro Arcebispo de Porto Alegre. (BALÉM, Monsenhor Dr. João Maria. A Catedral de Porto Alegre. Instituto Histórico e Geográfico do RGS, 1956).

¹⁷ Em 1908 deu início à obra Lassalista em Canoas. Faleceu em 1919 e sua figura consta na galeria de homens ilustres de Canoas (NESELLO, 2011, p. 24).

Figura 03 – Primeiros doze (12) Irmãos Lassalistas que vieram para o Brasil em 1907



Fonte: Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS).

Em Canoas adquiriram uma casa que funcionava como hotel, próximo à estação ferroviária e que pertencia à família Weingärtner (fig. 04). Este, em 04 de março de 1908, foi palco da fundação do Instituto São José, hoje, Colégio La Salle Canoas.

Segundo Compagnoni (1980), as ordens religiosas chegaram ao Rio Grande do Sul na metade do século XIX, quando se constatava um momento favorável de desenvolvimento econômico e de espaço educativo e religioso.

Figura 04 – Primeiras instalações



Fonte: Museu e Arquivo Histórico La Salle (MAHLS).

O Colégio La Salle Canoas nasceu em meio a plantações e campos, ao lado da linha férrea, no Capão das Canoas, no ano de 1908, quando a região ainda pertencia à cidade de Gravataí. Em 4 de março, num Brasil de república jovem, onde a educação era uma das grandes necessidades, surgiu o Instituto São José, a primeira designação do Colégio La Salle Canoas. O intuito Lassalista, desde o início, sempre foi o de educar seus estudantes com qualidade e afinco, dentro da fé cristã, seguindo os princípios de São João Batista de La Salle, sacerdote francês (1651 -1719) que, renunciando a todos os privilégios da sua condição de nobre, dedicou-se à criação de escolas para as crianças das classes menos favorecidas (O TIMONEIRO, 2013, s/n).

3.3 Capela São José do Unilasalle de Canoas

Em 1908, Canoas é elevada a Capela Curada, isto é, uma capela de caráter permanente, sob a responsabilidade de um pároco (ou cura), onde podiam ser realizados batizados, casamentos, sepultamentos, tendo como padroeiro São Luís Gonzaga.

No dia 19 de março de 1908, festa de São José, Dom Cláudio José Ponce de Leão, bispo de Porto Alegre, benze a capelinha e a casa colocada sob a proteção de São José. A Capela era uma sala adaptada, da primeira moradia, ou seja, do

hotelzinho, no dizer de Nesello (2011), “[...] graças aos ingentes esforços dos Irmãos, ele foi transformado a fim de adaptá-lo às novas finalidades: salas de aula, residência dos Irmãos, cozinha, refeitório e capela”, permanecendo como sala adaptada até sua nova construção, dada em 1914, no local onde ela está atualmente, com apenas um andar, sendo que acima dela era ocupada, ultimamente, pelo salão de atos, sustentada por colunas de madeira. Os primeiros Irmãos registram este momento:

Nos primeiros dias de fevereiro de 1914 começou-se a construção de um prédio, contratando o construtor Fioravante Milanez, que compreende o andar térreo que serviria de capela e de mais um andar para dormitório, mais a sacristia, com material de primeira qualidade. Este primeiro piso foi pintado pelos Irmãos Bénigne Eloi, Fabien Albert e Claudacte Jean (MEMÓRIAS -1907 a 1940, livro nº 01).

Estabelecia-se assim um espaço de espiritualidade, necessário para quem está iniciando a missão de continuar expandindo o carisma do fundador, São João Batista de La Salle. Segundo Nesello (2011), de 1924 a 1932, a Capela São José era a Igreja paroquial de Canoas, uma vez que a antiga paróquia, na Rua Santos Ferreira, estava em ruínas e a nova Igreja Matriz, hoje, São Luis, ainda não estava pronta. As memórias registram:

Em 1924 colocaram a capela como paróquia. Também inaugurado o salão de festa sobre a capela, desativando uma sala de aula. Em 1925 - pinturas da capela com uma cor esquisita – construção da tribuna para o órgão. 1931 a capela sofreu uma manutenção. A capela tornou-se indecente para o sublime fim a que está destinada. Uma limpeza se impunha. A 11/05 começou o trabalho dos operários; dos muros foi tirado o reboco enegrecido pelas más pinturas, poeiras e umidade, seguiu-se novo reboco e nova pintura a cal, trabalho que terminou pelos meados de junho. Colocaram-se em seguida os ladrilhos. Os trabalhos foram dirigidos pelo Irmão Visitador e pelo construtor Sr. Fioravante Milanez. Enfim, aos 27/06, a capela foi novamente entregue ao culto público que durante os trabalhos se celebrava na grande sala de festas (MEMÓRIAS -1907 a 1940, livro nº 01).

A Capela toma os contornos atuais com a reforma sob a coordenação do Irmão Júlio (Athelbert Jules), (1936-1945), em fins dos anos trinta. “Recebera um segundo andar com galerias novas, órgão, novos e belos vitrais, novos altares, diferentes dos atuais, novas imagens, como a de São José, padroeiro do Instituto e da Capela. Os nichos laterais são obra do Irmão Apolinário, hoje Padre Jesuíta Ruperto Jaeger” (NESELLO, 2011, p. 76).

Ainda segundo Nesello (2011), a decoração é do italiano Antônio Cremonese¹⁸ e a arquitetura de Fioravante Milanez¹⁹. Foi inaugurada, solenemente no dia 30 de maio de 1939, festa de Pentecostes, pelo então arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, acontecimento registrado nas memórias: “28 de maio de 1939 foi inaugurada a Capela com a parte superior, aumentada e adornada pelo artista Italiano Antônio Cremonesi” (MEMÓRIAS - 1907 a 1940, livro nº 01).

Segundo Nesello (2011), os vitrais estão presentes desde 1939. Sabe-se que os mesmos foram confeccionados pela Casa Genta²⁰, que mantinha uma característica especial de um maior uso de vidros coloridos e importados, funcionando na época com sede em Porto Alegre, hoje extinta.

De 1997 a 2001 houve nova restauração da Capela, coordenada pelo Irmão Renato Koch, que resultou na Capela atual. A firma Arte Vitral de Canoas removeu todos os vitrais, restaurando-os e reavivando as cores. As pinturas e as inscrições do coro não foram alteradas.

A Capela São José localiza-se no Campus central da Instituição, construída em estilo neoclássico no início do século XX. Está arrolada em inventário realizado pela Comissão de Patrimônio do Município de Canoas, registrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual – IPHAE como bem cultural passível de tombamento (UNILASALLE, 2013).

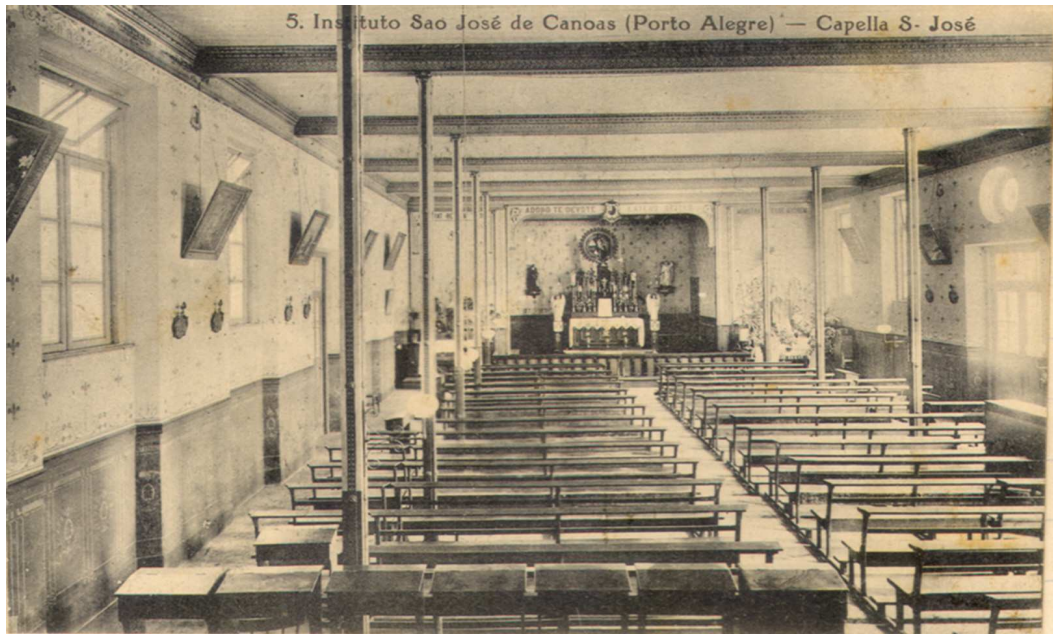
¹⁸Antônio Cremonese (? -1943) Pintor italiano que trabalhou em cidades do interior do Rio Grande Sul no período de 1914 a 1942. Realizou pinturas em murais em várias igrejas do RGS. Veio a falecer em 16 de fevereiro de 1943, por consequência de doença relacionada ao alcoolismo.

¹⁹O edifício Milanez foi o primeiro prédio de pavimentos construído em Canoas, em 1945, pelo proprietário e arquiteto Fioravante Milanez. Em 1946, o senhor Willi Abílio Regner e a firma João Afonso Berlitz e Cia. instalaram no térreo, o primeiro café da cidade. Disponível em: <http://www.lucas.art.br/pastas/canoas.html#>.

²⁰A história da Casa Genta inicia-se em 1906 em Porto Alegre/RS com o fundador Antônio Genta, uruguaio, nascido em Montevideu em 13 de outubro de 1879 e falecido em 1943 em Porto Alegre, filho do italiano Giuseppe Genta e de Balbina Salaberry, Uruguaia. Sabe-se que em meados de 1906. Antônio casou-se com Albertina Sofia Fischer e, desde então, passou a trabalhar com vidros em seu laboratório localizado na então Rua Floresta, n.º 19, atual Avenida Cristóvão Colombo, em Porto Alegre/RS. Disponível em: <http://pufal.blogspot.com.br/2008/08/casa-genta-m-genta-schmidt-cia-i.html>.

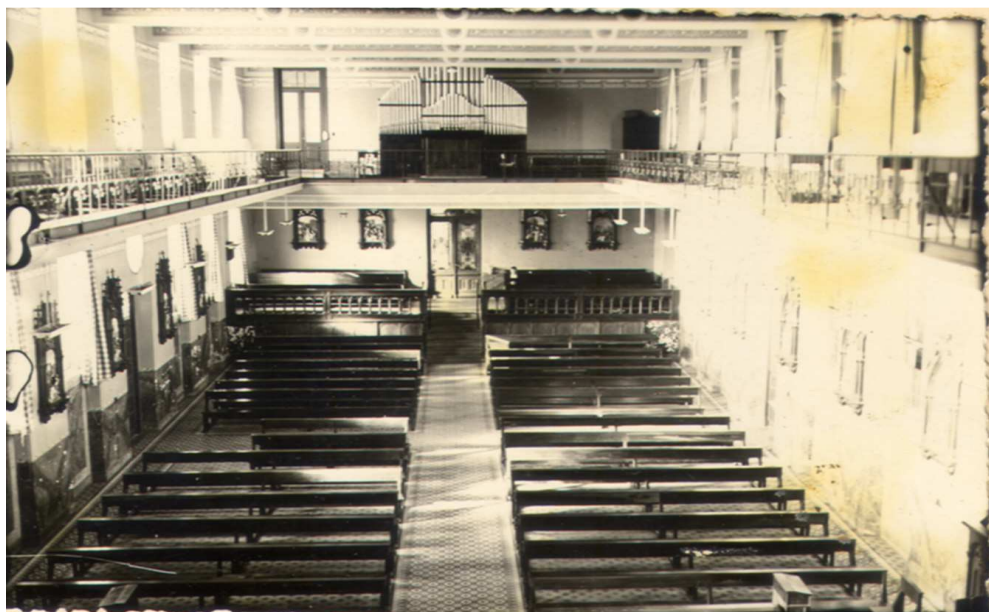
Fotos antigas da Capela São José

Figura 05 – Primeira foto da Capela São José - s/d



Fonte: Arquivo do museu Unilasalle.

Figura 06 – Segunda foto da Capela São José - s/d



Fonte: Arquivo do museu Unilasalle.

Figura 07 – Terceira foto da Capela São José – s/d



Fonte: Arquivo do museu Unilasalle.

3.4 A espiritualidade expressa no simbolismo religioso dos vitrais da CSJ

O conjunto de vitrais contemplados na Capela São José reflete uma espiritualidade devocional. De acordo com Secondin e Goffi (2002), este fenômeno emergente não só existia na Europa, mas se espalhou por todas as nações católicas. Este largo “espaço de sentimento religioso” necessitava ser exteriorizado não só mediante procissões “folclóricas”, mas se incentivava a busca frequente aos sacramentos e nos exercícios de piedade, também como forma de substituir o espírito jansenista²¹.

Segundo Mondoni (2002), as igrejas se tornam espaços reservados ao sentimento religioso, onde as energias espirituais são buscadas na devoção aos santos, na eucaristia e nos exercícios de piedade. As devoções ao Coração de Jesus e de Maria, a São José, à Sagrada Família, por exemplo, tomam força e a espiritualidade gera contemplação, amor misericordioso, sentimento de imitação. Mas junto com este sentimento amoroso existia a severidade e rigidez da formação espiritual influenciada pelo Jansenismo, resíduo da espiritualidade trazida pelos

²¹Doutrina tirada do Augustinus, obra de Jansênio, que pretendia limitar a liberdade humana partindo do princípio de que a graça é concedida a certas pessoas desde seu nascimento, e recusada a outros. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/jansenismo>.

primeiros missionários vindos da França para o Brasil, como por exemplo, os Franciscanos.

Da mesma forma, segundo Mondoni (2002), os santos se tornaram aliados da Igreja para atrair novos devotos, uma vez que representavam pessoas próximas que viveram virtudes heroicas, principalmente de obediência a Deus e ao poder clerical. No Brasil, suas imagens chegavam às localidades mais distantes e através dos ensinamentos dos missionários direcionavam as virtudes do santo que o povo deveria imitar, independente de ser nativo, escravo ou imigrante, que em geral, já trazia suas crenças de origem. Esta prática espiritual se manteve no final do século XIX e XX. No século XXI esta religiosidade acompanha e participa da contemporaneamente da consolidação deste culto. Basta ver como o culto santoral se sistematizou e ocupa lugar de destaque nas celebrações litúrgicas da Igreja, desde as antigas tradições e que, na atualidade, se renovam e se recriam, adaptando-se aos novos contextos religiosos.

Mediante este suporte teórico não é difícil perceber que os primeiros Irmãos Lassalistas vindos ao Brasil, trouxeram consigo as marcas desta espiritualidade que se codificou em forma de símbolos eucarísticos, devocionais e de personagens de santos, além da simbologia ligada à memória da Congregação.

Precisaremos re-percorrer o caminho memorial que constitui esta obra fundada por São João Batista de La Salle, como forma de re-escutar sua palavra e com isso despertar o “re-encantamento” como condição necessária para entender seu ideal e dar continuidade à sua presença na história vivida pelos seus seguidores.

As imagens estampadas nos vitrais são símbolos que rompem o silêncio da Capela, pois revelam um pouco da historicidade, espiritualidade e memórias da Congregação. Poderíamos afirmar que cada imagem simbólica revela um acontecimento, um ato que induz emoções e por sua vez desperta sentimentos de pertença afetiva e efetiva como que dando continuidade a esta história. Esta pertença ficou bem evidenciada nos contatos com os Irmãos mais antigos da casa, onde puderam expressar seus sentimentos e impressões sobre as imagens contidas nos vitrais e associá-las, de alguma forma, à memória Lassalista.

Pelo estudo realizado, consultando várias fontes, obtiveram-se dados interessantes que permitiram identificar o porquê tais imagens e não outras foram escolhidas e da importância dessas escolhas, fazendo parte do espaço de memória

que configura a Capela São José. Sabe-se que, segundo Gondar (2005), nada é neutro e que há sempre uma intencionalidade na escolha de uma lembrança ou documento, (no caso a lembrança, seriam as imagens reproduzidas nos vitrais da Capela SJ). Jamais são “inócuas”. Elas resultam de uma montagem não só da sociedade que as produziu, como também das sociedades onde continuam a viver, chegando até a nossa. Essa montagem está ligada a uma “circunstância” e há sempre uma “vontade” ou um razão para cultivar “certas lembranças como memória, associadas às práticas e discursos de um grupo, a ponto de serem conservadas e escolhidas como testemunhos de uma época”. Sempre há uma “concepção de memória social implicada na escolha do que conservar”. E nessa escolha há “uma aposta, um penhor, uma intencionalidade quanto ao porvir” (GONDAR 2005 p. 17).

Algumas imagens retratam fatos reais da história Lassalista. Outras aludem a devoções inspiradas na espiritualidade do século XIX, espiritualidade que influenciou a vida religiosa dos primeiros Irmãos e se propagou através de suas obras e que ainda hoje se fazem presentes na prática e na vivência cristã. Mas todas elas estão ligadas entre si e no conjunto têm o poder de simbolizar lutas, conquistas, alegrias, devoções, crenças próprias da cultura e carisma Lassaliano. O fato é que elas evocam algo que foi e pode ser ainda hoje significativo em se tratando da obra Lassalista.

4 O SIMBOLISMO RELIGIOSO DA CAPELA SÃO JOSÉ

A espacialidade simbólica da Capela terá sentido no contexto da Instituição na medida em que tiver um olhar mais profundo do significado de sua simbologia.

Alguns símbolos presentes na capela que não fazem parte do conjunto dos vitrais, como o pelicano os anjos, a cruz, a ladainha, o círculo, presente em todos os vitrais, apenas serão lembrados em sua simbologia. Os vitrais, objeto deste trabalho, serão caracterizados seguindo a metodologia de análise iconográfica preconizada por Erwin Panofsky²² (2007). Dessa forma, caracterizaremos a hierarquia com que estes vitrais estão postos, primeiramente, pela ordem em que estão colocados, tendo como ponto de referência o altar mor. Em segundo momento, serão agrupados pelas seguintes categorias: Os quatro evangelistas colocados um em cada extremidade interna da Capela; após, os símbolos expressos em forma de monogramas, tendo como inspiração bíblica; os santos e a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs e o simbolismo devocional. O vitral da porta dos fundos da Capela será descrito, numa analogia á porta do céu, com seus anjos tocando suas cítaras e entoando seus cânticos, mas antes, a passagem pela escada de sete (7) degraus, número da perfeição e da plenitude segundo a bíblia.

A seguir, a descrição dos vitrais pela ordem em que estão colocados, tendo como ponto de referência o altar mor.

4.1 As imagens dos vitrais

4.1.1 *Ala direita térrea, representada pelos vitrais*

- a) Evangelista São Lucas
- b) Brasão da Família La Salle
- c) São João Batista de La Salle
- d) Beato Irmão Salomão (mártir da Revolução Francesa)
- e) Brasão do Instituto dos Irmãos Lassalistas

²²Erwin Panofsky (apud Oliveira; Nunes, 2010, p. 310) apresenta um método de análise iconográfico e iconológico, onde estrutura um sistema de percepção e leitura dos significados das obras artísticas. O autor entende ser possível compreender, através da obra de arte concreta, aspectos históricos, sociais e ideológicos das pessoas e épocas que as produziram.

- f) São João Batista, o Precursor.
- g) Sagrada Família
- h) Evangelista São Mateus

4.1.2 Ala direita superior, representada pelos vitrais

- a) Sagrado Coração de Jesus coroado de espinhos
- b) Cálice com hóstias
- c) Tiara Papal
- d) Monograma de Cristo Alfa e o Ômega
- e) Triângulo Símbolo da Santíssima Trindade: O Pai, Filho e Espírito Santo
- f) Monograma JHS
- g) Sagrado Coração de Jesus sobre a cruz e âncora.
- h) Cordeiro sobre a Bíblia

4.1.3 Ala esquerda térrea, representado pelos vitrais

- a) Evangelista São João
- b) Brasão do Papa Pio XI
- c) São Luis Gonzaga (patrono da juventude)
- d) São Gabriel da Virgem Dolorosa (ex - aluno dos Irmãos na Itália)
- e) Brasão do Arcebispo Dom João Becker
- f) São Pedro (Apóstolo)
- g) Os três Mártires Rio-grandenses
- h) Evangelista São Marcos

4.1.4 Ala esquerda superior, representada pelos vitrais

- a) Imaculado Coração de Maria
- b) Ostensório com a Hóstia
- c) Tiara do Bispo
- d) Monograma de São José
- e) Pomba, símbolo do Espírito Santo.
- f) M = Maria
- g) Turíbulos com incenso.com a palavra ORATIO

h) Pelicano

4.2 Identificação dos vitrais da Capela e sua simbologia

Ao entrar na Capela São José, antes mesmo de qualquer expressão de fé, somos tomados pela beleza da arte que a torna tão singular e ao mesmo tempo tão sagrada. Ela fala a cada observador. E este estabelece uma religação com algo que lhe escapa à razão. Eleva-nos e nos faz tocar o mistério e sem nos darmos conta, estamos pronunciando palavras improvisadas, estamos rezando. Ao contemplar a eminente arte que compõe o interior da Capela onde a harmonia das cores e das formas se mistura aos vitrais coloridos, nos sentimos acolhidos pelo silêncio que fala neste espaço sagrado, pois a presença de Deus habita e nos convida a transcender. Esta beleza externa não é um fim ou apenas um gozo estético, mas esconde símbolos que o visitante precisa compreender e se deixar tocar para poder usufruir da experiência mística possível de ser ali vivenciada. Merece destaque a cúpula interna, sobre o altar mor, formando a abóboda celeste, na cor azul, com estrelas douradas. Dois símbolos significativos para a fé cristã povoam o céu da abóboda, o pelicano e o cordeiro sobre a bíblia portando a bandeira da vitória.

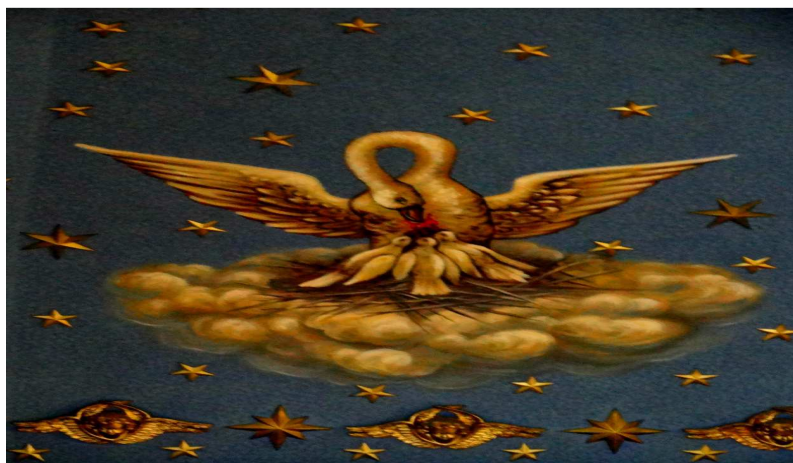
Figura 08 – Altar mor da Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

4.2.1 O pelicano

Figura 09 – Pelicano localizado no Altar mor da Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

O pelicano, na Europa Medieval²³, era considerado um pássaro especial, zeloso que alimentava os filhotes com alimentos que tirava de sua própria bolsa, faltando estes, lhes dava a sua própria carne e seu sangue. É uma ave encontrada em todos os continentes, menos na Antártica. Sua simbologia será mencionada na descrição do vitral onde o pelicano está representando novamente.

4.2.2 O cordeiro

Figura 10 – Cordeiro localizado no Altar mor da Capela São José do Unilasalle- Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

²³Em: <http://www.infoescola.com/aves/pelicano/>

O cordeiro sobre uma bíblia fechada com a cruz da vitória, posicionado sobre uma nuvem que lembra o céu, simboliza o Cristo vitorioso, o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jô 1, 29 e 36). Isaías o tinha visto também como cordeiro sacrificado por nossos pecados (Cf. Is 53, 7-12). Também o Apocalipse apresenta Cristo como Cordeiro sacrificado agora vive e glorioso no céu, conforme (Ap: 5, 6. 12; 13, 8).

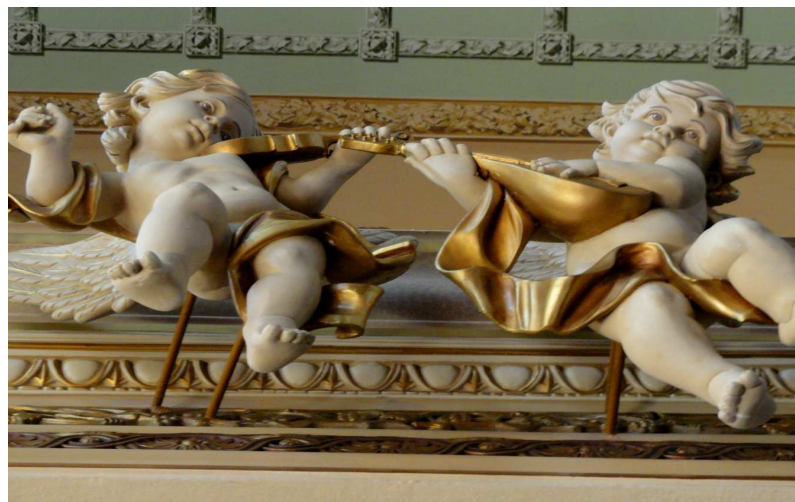
4.2.3 Anjos

Figura 11 – Anjo da Capela São José do Unilasalle- Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Figura 12 – Anjos da Capela São José do Unilasalle- Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

A presença dos anjos na Capela é constante e numerosa, contribuindo para tornar seu interior ainda mais místico e contemplativo.

A palavra anjo significa, na bíblia, “mensageiro enviado”, “alguém que traz uma mensagem”, ou simplesmente, “mensageiro” (Lc 7, 24).

4.2.4 *Ladainha de São José*

Figura 13 – Ladainha escrita no teto da Capela São José do Unilasalle – Canoas RS



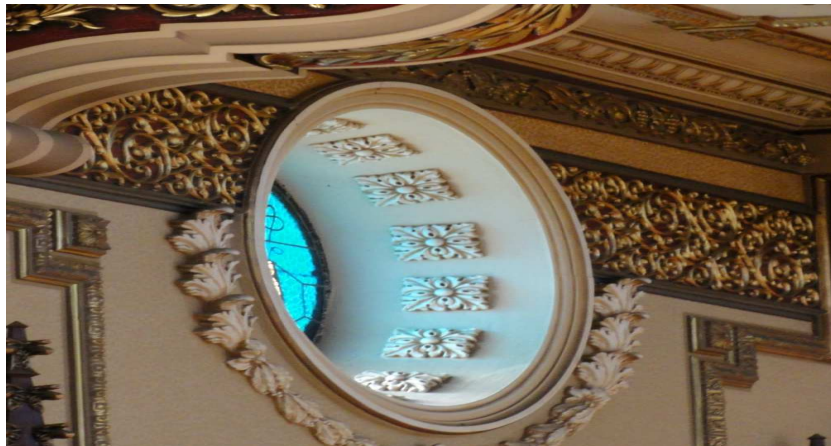
Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Ilustrando o teto temos a ladainha de São José escrita em latim em meio a detalhes artísticos, como que enumerando as invocações a São José, o padroeiro do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

A CSJ possui trinta e três vitrais, compondo as aberturas do local, ou seja, as janelas e as portas. Todas as imagens que representam os vitrais estão projetadas dentro de um círculo e constituem a parte superior das janelas e portas, sendo que o restante do vitral é preenchido com formas geométricas como quadrados e triângulos, nas cores: amarelo, branco, vermelho, entre outras. Como a forma circular está presente em todos os vitrais e a cruz aparece em vários deles, serão também caracterizados simbolicamente, embora o objetivo principal da pesquisa seja delinear os significados simbólicos dos personagens e dos monogramas presentes nos vitrais. O círculo faz parte da estética de cada vitral como figura de fundo da imagem. A cruz está presente em vários momentos, acompanhando a imagem de santos ou fazendo parte dos símbolos devocionais.

4.2.5 O círculo

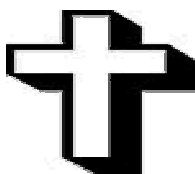
Figura 14 – Círculo que compõe os vitrais da Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

O significado do círculo, por ser uma linha infinita, pode simbolizar segundo Lexikon (2002), o tempo e a infinitude, o próprio Deus, como centro, o início e o fim da vida humana, o Alfa e Ômega, em torno do qual tudo se movimentam. Como num giro perpétuo remete á ideia do retroceder para si mesmo, por isso é o símbolo da unidade, do absoluto e da perfeição, da inteireza, do self, símbolo do céu em oposição à terra. É o grande Sol. O círculo é também o zero em nosso sistema numérico, simbolizando potencialidade. Para os místicos tem o valor mágico e eficaz de proteção. Indica também o término do processo de individuação e o movimento em busca da perfeição, da totalidade e imortalidade, dessa forma se justifica porque todas as imagens dos santos tem ao redor da testa um círculo luminoso chamado de auréola, significando ter alcançado a perfeição.

4.2.6 A cruz



A cruz, cuja representação é sempre a partir da sobreposição de duas hastes que por sua vez formam quatro ângulos, representando os quatro elementos

básicos presentes no mundo: água, fogo, terra e ar. Na fé cristã a haste horizontal, indica a humanidade e a haste vertical indica o céu com sua base na terra.

Pitágoras dizia que Deus falava através de números e, a essa linguagem, o filósofo grego chamou de matemática sagrada, ou ciência dos princípios. Ao símbolo da cruz, relacionou o número 4 que representa a ordem do mundo, as quatro bases que formam o equilíbrio da criação. Imaginem o que aconteceria se faltasse um dos pés de uma mesa? Mesmo assim, o número 4 tem sua origem no 2 e, por isso, a cruz também se identificou com os pares opostos de conceitos: humano-divino, espaço-tempo, liberdade-disciplina, eros-thanatos etc., duas forças em permanente conflito e complementaridade. Também é associado à cruz o significado de centro para onde tudo converge, a Árvore da vida (MISCELLANEOUS, 2013, s/p).

Na sua etimologia, a palavra Cruz²⁴, vem do grego Tau e do latim Crux. Algumas fontes da história afirmam ser a cruz oriunda do paganismo ligada ao deus egípcio Tamuz o (T), representando a letra inicial de seu nome. Não se sabe quando a primeira cruz foi feita e usada como símbolo; sabe-se que ela é presença religiosa, mística ou exotérica desde os povos da antiguidade.

Encontraram-se diversos objetos, datando de longos períodos anteriores à Era Cristã, marcados com cruces de feitios diferentes, em quase cada parte do mundo antigo. A Índia, a Síria, a Pérsia e o Egito produziram todos inúmeros exemplos, ao passo que em quase toda a parte da Europa se encontraram numerosos casos, datando desde a parte posterior da Idade da Pedra até os tempos cristãos. O uso da cruz como símbolo religioso em tempos pré-cristãos e entre povos não-cristãos provavelmente pode ser considerado como quase universal, e em muitíssimos casos ligava-se a alguma forma de culto da natureza (UM LUGAR VAZIO, 2013, s/n).

No primeiro século do cristianismo, raramente era usada como iconografia cristã, uma vez que ela lembrava morte, angústia, sofrimento, pois os romanos a usavam como método doloroso de execução pública para os considerados criminosos.


Jesus, porém, muitas vezes falou se referindo à cruz como ato de renúncia de si mesmo e do egoísmo, condição básica para segui-Lo. “Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me” (Mt 16, 24). “Quem não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim” (Mt 10, 38). “E quem não carrega a sua cruz e me segue, não pode ser meu discípulo” (Lc 14, 27).

²⁴ The Encyclopædia Britannica, 1946, Vol. 6, página 753.

Após a morte de Cristo, na cruz, começou a ser difundida pelos cristãos como símbolo de salvação, tomando força após o episódio de Constantino, ao enfrentar seu rival Maxêncio.

Maxêncio sobre a ponte Milvia, próximo do ano 300, viu nos céus uma cruz luminosa acompanhada dos dizeres: "In hoc signo vinces"! (Por este sinal vencerás) Constantino, então, colocou a sua pessoa e o seu exército sob a proteção do sinal da cruz e venceu Maxêncio, tornando-se imperador supremo de Roma, proibindo em seguida a perseguição aos cristãos pelo Edito de Milão, em 313 (SANTUÁRIO, 2011, s/p).

Com a conversão de Constantino ao cristianismo, a cruz também deixou de ser usada para a morte dos condenados e tornou-se o símbolo da vitória de Cristo e sinal dos cristãos que ocupa lugar especial entre as expressões de fé (SANTUÁRIO, 2011).

Encontramos na literatura vários formatos de cruz e com significados diferentes, como a cruz de Malta ou de São João, a cruz de São Pedro, a cruz missioneira, a cruz de Santo André, entre outras. Na CSJ, temos representada a cruz cristã , também chamada latina, presente em vários vitrais. Encontramos, também, em seu interior uma cruz firmada sobre três degraus, lembrando a subida de Jesus ao Monte Calvário, exaltando a fé, a esperança e o amor em sua simbologia. "Esta cruz, com um crucifixo 'biscuit', fazia parte da capelinha do cemitério dos Irmãos Lassalistas, na entrada do Capão do Corvo" (NESELLO 2011, p. 73)

4.3 Descrição iconográfica dos vitrais

Os vitrais serão caracterizados a partir dos critérios de Erwin Panofsky (2007). Conforme o autor, a metodologia de análise iconográfica e iconológica dos vitrais é dividida em três níveis:

- d) **Tema primário** ou análise pré-iconográfica (pseudoformal), baseada na experiência prática e na familiaridade do observador com objetos e eventos, acessível a qualquer pessoa; este nível corresponde à descrição que por sua vez já caracteriza a identificação pelo simples "ver a obra" e compará-la com outras. É o reconhecimento da forma e do comportamento do personagem.

Qualquer pessoa reconhece facilmente uma fisionomia triste de uma expressão alegre.

- e) **Tema secundário** ou análise iconográfica (convencional) a partir do conhecimento adquirido em fontes literárias, com imagens, estórias e alegorias; este nível corresponde aos motivos artísticos relacionados a um o determinado conceito convencional que Panofsky (2007) chama de “imagens” que comparadas com outras são “alegorias” ou “estória”. Logo, a análise da figuração iconográfica é a interpretação das estórias e das alegorias das imagens. Segundo o autor, para esta análise se requer mais que a experiência prática e sim, um conhecimento específico buscado em fontes literárias ou na tradição oral, não uma leitura indiscriminada, mas o conhecimento do “lócus histórico” dos tipos de estilos que a imagem comporta, até como forma de corrigir o instrumento usado no primeiro nível e evitar enganos iconográficos. É a “[...] compreensão da maneira pela qual, sob diferentes histórias, objetos e eventos foram expressos pelas formas” (PANOFSKY, 2007, p. 65). Pelo termo “imagem”, segundo Panofsky, se entende a representação visível de algo que pode ser real ou imaginário, portanto material ou mental. Antes da pintura de um quadro, por exemplo, o artista cria a imagem mental do que quer representar e ali coloca também seus valores e ideais.
- f) **Significado intrínseco** ou conteúdo, a interpretação iconológica onde símbolos são identificados e desvendados, a partir da familiaridade com tendências da mente.

A interpretação iconográfica, baseada na análise da imagem, necessita do auxílio da iconologia para sua interpretação. A análise, segundo Panofsky (2007) se refere à decomposição do todo em suas partes a fim de classificá-las. A interpretação, por sua vez, implica a descoberta dos valores simbólicos, trazendo à luz seus nexos históricos. O conteúdo de uma obra pode revelar “[...] a atitude básica de uma nação, de um período, classe social, crença religiosa ou filosófica – qualificados por uma personalidade e condensados numa obra” (PANOFSKY, 2007, p. 52).

No caso dos vitrais da Capela São José, a iconologia demandou uma interpretação pautada pela memória Lassalista e pela simbologia religiosa cristã e

católica. É a partir daí que se pretendeu dar conta dos temas secundários dos vitrais e, por extensão, dos motivos das escolhas das iconografias.

A análise dos vitrais teve por objetivo maior a produção de um subsídio que servisse de divulgação e auxílio para os visitantes da Capela, interessados tanto pelas imagens, quanto pela memória Lassalista a elas relacionada. Isso foi possível também pelo entrelaçamento das imagens com as fontes documentais e depoimentos. Assim, relacionaram-se os vitrais com a memória e identidade Lassalista para entendê-las melhor em seu processo de criação e contextualidade e assim criar a “cultura visual” neste espaço de memória que é a CSJ.

A descrição iconográfica dos vitrais percorrerá, primeiramente, os quatro evangelistas; a seguir os vitrais com monogramas bíblicos; os vitrais com símbolos devocionais e finalizando, os vitrais com símbolos santorais, com destaque aos relacionados à Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

4.4 Vitrais dos quatro Evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João

Temos a seguir três formas de representação dos quatro evangelistas com seus respectivos símbolos.

Figura 15 – Representação dos quatro evangelistas com sua simbologia



Fonte: <http://sscjesus.paroquia.net.br/universo-catolico/porque-a-cruz-e-o-sinal-do-cristao/>.

De acordo com o dicionário bíblico a palavra “Evangelista” vem do termo originário do grego “euangelistas”, aquele que proclama as boas notícias do

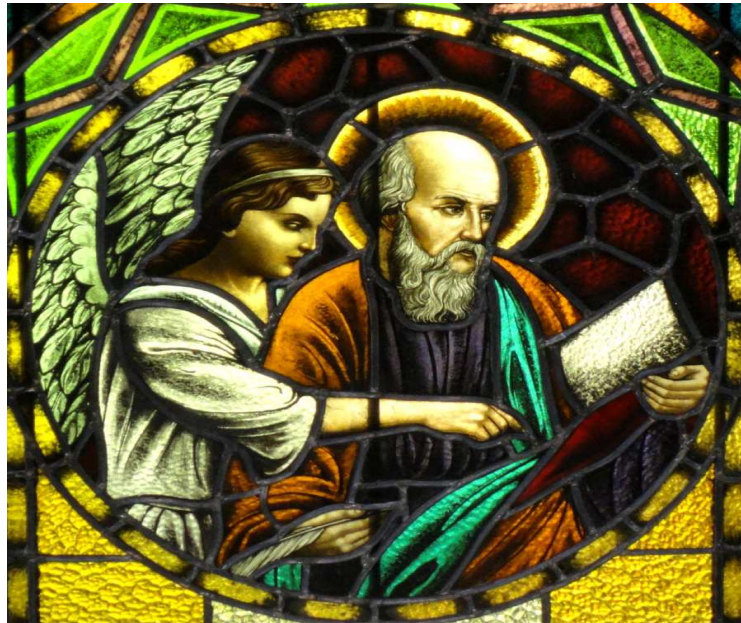
Evangelho (Euaggélion). Os Evangelhos fazem parte dos setenta e três (73) livros que compõem a Bíblia católica, escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Os três primeiros livros são conhecidos como Evangelhos Sinóticos porque são escritos numa mesma ótica. Eles descrevem muitos milagres e palavras de Jesus e demais assuntos que para a catequese nas comunidades dos primeiros cristãos, foram fundamentais na sua iniciação cristã. O evangelho de São João não faz parte dos evangelhos sinóticos, uma vez que seus escritos são considerados meditações que nos levam a despertar e alimentar a fé em Jesus Cristo a fim de que todos possam ter “muita vida, ou vida em abundância” (Jo 10,10).

A CSJ representa em seus vitrais os quatro evangelistas, cujos símbolos são o anjo para São Mateus; o leão para representar São Marcos; o boi simbolizando São Lucas e, finalmente, a águia, símbolo de São João. A origem desta simbologia está no Antigo Testamento, precisamente de uma visão que o profeta Ezequiel (293 - 571 a.C.) teve da Glória de Deus (Ezeq. I, 1-4 e 10,14). No livro do Apocalipse (Apoc. 4,6-7), também encontramos esta atribuição feita aos quatro evangelistas, caracterizados pelos quatro seres vivos (touro, leão, ser humano e águia). Nesta visão, o profeta viu a glória de Deus sobre um carro com rodas imensas que ia e vinha da terra ao céu. Em cada roda havia uma figura: O anjo com rosto de homem, o leão, o boi e a águia, representando os quatro evangelistas, “cujas verdades escritas em seus evangelhos são verdades acessíveis até mesmo às pessoas mais simples e, a mesma verdade, girando a roda, alcança o alto dos céus. Santo Irineu (203 d.C) foi o primeiro a relacionar estes quatro seres com os quatro evangelistas. Santo Agostinho (430 d.C) também fez alusão dos quatro evangelistas com seus respectivos símbolos.

A seguir a caracterização dos vitrais, seguindo os critérios de análise iconológica e iconográfica de Erwin Panofsky nos níveis: tema primário (pré-iconográfico); tema secundário (iconográfico) e de significado intrínseco ou simbólico. Vale dizer que esta análise será limitada, pois nos faltam elementos constitutivos que nos permitem apenas dar uma breve caracterização, sem a intenção de apresentar toda a categoria pretendida por Panofsky.

4.4.1 Evangelista São Mateus

Figura 16 – São Mateus - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Evangelista São Mateus: representado pela figura de um homem alado (anjo) porque seu evangelho inicia com a genealogia de Jesus, dando enfoque a sua origem e descendência humana, mais que sua divindade, marcado pelo seu nascimento e por ter criado o homem à sua imagem e semelhança.

Homem idoso, calvo, aureolado, bigodes e barba branca, veste uma túnica de cor lilás, sobreposta por um manto amarelo-ouro, e parte de outro, na cor verde. Olha um livro aberto apoiado na mão esquerda. Sua mão direita segura uma pena (objeto usado, em épocas passadas, para escrever). Acompanha-o um homem-anjo alado, jovem, cabelos castanhos, longos, aparados por uma tiara, veste túnica branca, aponta o livro com o dedo indicador da sua mão direita.

Mateus²⁵ era cobrador de impostos na cidade da Galiléia. Na ocasião, Jesus estava pregando e vendo Mateus, o convidou para deixar tudo e segui-lo. Mateus assim o fez, imediatamente deixou seu posto e seguiu Jesus até sua morte, testemunhando sua ressurreição. Esteve presente, junto com outros apóstolos por

²⁵ CONTI, S. O Santo do Dia. Petrópolis: Vozes, 1997.

ALVES. J. Os santos de cada dia. São Paulo: Paulinas, 1990.

ocasião da Ascensão de Jesus. Depois desses acontecimentos, retirou-se para Jerusalém e permaneceu orando junto com Maria, a Mãe de Jesus e em companhia de outros apóstolos, conforme (Atos 1,10 e 1,14). Há várias versões sobre a sua morte. Teria morrido à espada na cidade de Etiópia. Na liturgia, a Igreja celebra a festa de São Mateus em 21 de setembro.

La Salle escreveu, falando do evangelista Mateus:

Não vos apegueis a outra coisa a não ser a Jesus Cristo, à sua doutrina e às suas santas máximas, já que ele vos honrou escolhendo-vos de preferência a muitos outros, para anunciar a Boa Nova às crianças, seus prediletos. Tende em alta estima o vosso emprego, que é apostólico, e estudai com aplicação o Evangelho de São Mateus, no qual se propõem as máximas mais santas de Jesus Cristo e os principais fundamentos da piedade cristã (MEDITAÇÃO, nº 167, p. 376).

4.4.2 Evangelista São Marcos

Figura 17 – São Marcos - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Evangelista São Marcos - representado pela figura de um leão, porque começou a narração de seu Evangelho com a pregação de João Batista no deserto, onde havia animais selvagens, entre eles o leão, símbolo de força e poder de Deus e de sua Palavra.

Homem idoso, aureolado, bigodes e barba branca, veste uma túnica de cor cinza com partes brancas, sobreposta por um manto azul, segura um livro aberto apoiado na mão e braço esquerdo e tem na mão direita uma pena. A figura de um leão alado encontra-se atrás da imagem do homem, apenas com a cabeça e partes das asas.

São Marcos também chamado de João Marcos (AT.15,37), cuja mãe chamava-se Maria, era primo de Barnabé (Cl. 4,10), redigiu seu Evangelho a partir das pregações de Pedro, provavelmente em Roma, onde possuía uma casa, também usada para reuniões. Seu Evangelho foi escrito entre os anos 60 e 64, antes que Jerusalém fosse destruída.

Segundo Conti (1997), depois das missões em Chipre e Roma, Marcos dirigiu-se para a Alexandria onde foi martirizado no dia 24 de abril de (74 d.C), foi arrastado por pagãos pelas ruas da Alexandria, com cordas amarradas ao pescoço, torturado e depois jogado ao cárcere, vindo a morrer. Em 829, século IX, as suas relíquias foram levadas de Alexandria para Veneza, Itália, cidade da qual é santo padroeiro.

Entre os anos de 976 a 1071, foi construída, em sua memória, a belíssima basílica veneziana. O leão é o símbolo de Veneza. Sua festa é celebrada no dia 25 de abril.

São Marcos é representado pela figura de um leão porque inicia a narração de seu Evangelho com a pregação de João Batista no deserto, onde havia animais selvagens. De acordo com o profeta (Amós 3,8), podemos dizer que a voz do leão simboliza a voz dos profetas que denunciam a violação do plano de Deus. Portanto, João Batista é o profeta que denuncia a injustiça e aponta para a novidade de Jesus. Ora, o leão vivia no deserto, e a pregação de João Batista foi como um rugido de leão. Ele quer mostrar Cristo como soberano, como Rei. E o leão é o rei dos animais. É também a expressão da força. No livro de Apocalipse Jesus é chamado de Leão de Judá, (Apocalipse 5.1-5). A ressurreição de Jesus mostra seu poder sobre seus inimigos. Por isso Jesus é associado ao leão na sua dimensão da força, realeza, poder, autoridade do Filho de Deus.

La Salle escreve sobre Marcos: “Mostrais aplicação no estudo das santas máximas contidas no Evangelho deste Santo (São Marcos)? Meditais muitas vezes sobre elas, para poderdes inspirá-las àqueles de quem estais encarregados”? (MEDITAÇÃO, nº 116, p. 279).

4.4.3 Evangelista São Lucas

Figura 18 – São Lucas - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

São Lucas tem como símbolo o touro ou um boi que representa força, serviço e paciência.

Homem aparentando meia idade, vestindo uma túnica verde, rosto com expressão suave, voltado, levemente para frente, cabelos e barba na cor castanha escura, aureolado, tendo na mão direita, quase sobre o rosto, uma pena e na mão esquerda um livro aberto. À sua esquerda uma cabeça de um boi, ou touro alado, com a cabeça voltada também para à esquerda, atrás de sua imagem.

Segundo Alves (1990), São Lucas de formação grega nasceu em Antioquia, na Síria. Além de ser autor do terceiro evangelho, escreveu também os Atos dos Apóstolos. Pelo seu estilo literário, acredita-se que pertencia a uma família culta e abastada. Exercia a profissão de médico e era considerado excelente escritor e, por ter talento para a pintura, lhe são atribuídos alguns retratos de Maria, a Mãe de Jesus. Não chegou conhecer, pessoalmente o Senhor, pois era muito criança quando Jesus foi crucificado. Registrou no evangelho o que ouvira diretamente dos apóstolos e discípulos que conviveram e testemunharam tudo o que Jesus realizara em sua vida terrena. Na tradição litúrgica, a festa de São Lucas é comemorada, em 18 de outubro. Quanto a sua morte há várias versões, tanto por enforcamento, como

de morte natural já em idade avançada. Ele é o padroeiro dos médicos (MENEZES, 2013, s/p).

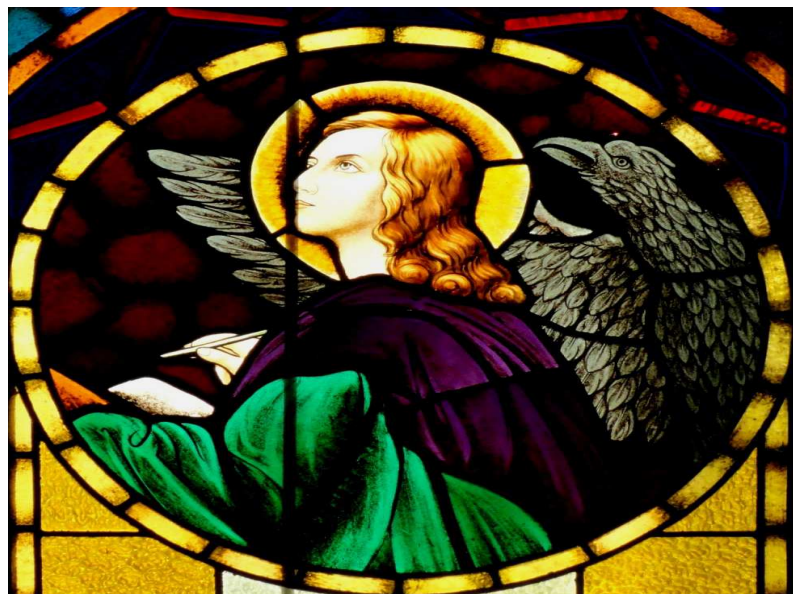
O Evangelista São Lucas é representado pelo touro, porque começou a narração de seu evangelho no templo, local onde animais eram imolados como oferta a Deus. Jesus substituiu este tipo de sacrifício e se ofertou a si mesmo a Deus por nosso amor. São Lucas tem como símbolo o touro ou um boi que representa força, serviço e paciência.

São João Batista De La Salle, falando de São Lucas escreveu:

Deveis imitar São Lucas nestes três pontos. Vossa fé deve ser uma luz que vos guie em toda parte e um facho ardente para dirigir vossos alunos no caminho do céu. Vosso comportamento quer convosco mesmos, quer em relação a vossos alunos, deve ser tão digno, que lhes inculque respeito, porque lhes aparece como muitos acima de qualquer modo de ser mundano e livre de paixões, que roubam ou pelo menos enfraquecem o respeito devido aos que educam os outros. Por fim, vossos costumes sejam um modelo para eles, porque devem encontrar em vós as virtudes que eles mesmos hão de praticar (MEDITAÇÃO, nº 178, p. 402).

4.4.4 Evangelista São João

Figura 19 – São João - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Evangelista São João - representado pela águia, símbolo de liberdade e força, por causa do elevado estilo de seu Evangelho, que ressalta a Divindade e o Mistério do Filho de Deus. Cristo é nossa força e libertação.

Um homem jovem, cabelos loiros encacheados, aureolado, seu rosto transparece serenidade, olhar voltado para o alto, inclinado para a sua direita, tem na mão direita uma pena, pronto para escrever sobre uma página em branco, veste uma túnica de um verde exuberante e uma capa roxa aveludada. Acompanha-o a figura de uma águia de cor escura, voltada na mesma direção do jovem.

O Evangelista São João, na última Ceia, recostou sua cabeça no coração de Jesus. Foi o único dos apóstolos que esteve presente no Calvário, presenciou a morte de Jesus e no domingo da ressurreição, foi o primeiro dos apóstolos a ver o túmulo de Jesus vazio. Jesus, antes de morrer recomendou que cuidasse de sua Mãe Maria, o que ele fez até sua morte (Mt 26,17-30).

O imperador Dominiciano mandou matar o apóstolo São João que foi atirado numa panela com azeite fervendo, mas ele saiu de lá ileso. São João morreu por volta do ano 100 aos 94 anos de idade. A Igreja comemora sua festa no dia 27 de dezembro.

São João Evangelista aparece, escrevendo, uma alusão à escrita de seu evangelho. Está representado por uma águia como símbolo de seu estilo clássico e elevado de narração, ressaltando a Divindade e o Mistério do Filho de Deus. Daí a simbologia da águia, por ser a ave que voa mais alto e faz seus ninhos nos montes mais elevados. É a dimensão da liberdade do Filho de Deus diante das forças deste mundo. Seus escritos penetram com profundidade e sublimidade nos mistérios de Cristo. Inicia seu evangelho narrando o mistério da geração do Verbo que se fez carne: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus" (Cf. Jo 1,1-5).

Segundo o Dicionário dos símbolos (1994), a águia como símbolo é muito difundido em várias culturas, quase sempre relacionada com o sol e o céu. Sua simbologia representa a força e, sobretudo, a resistência em seu voo para os altos céus. É vista como a "rainha" das aves e servia de símbolo, na Antiguidade, dos reis e dos deuses. Num sentido cristão, é símbolo de Deus todo poderoso e da força da fé. Já foi comparada pelos místicos com a prece que se eleva a Deus.

La Salle escreveu sobre São João Evangelista:

Se São João foi muito amado por Jesus, ele também amou a Jesus com grande amor. A primeira prova disto dói que ele deixou tudo para segui-Lo. Ele foi o único apóstolo que o seguiu até a morte e quis ser testemunha de seus sofrimentos até o fim. Pensemos muitas vezes que, se Jesus se deu

todo a nós e para nós, devemos também, como São João, dar-nos inteiramente a ele (MEDITAÇÃO, nº 88, p. 225).

Além das meditações escritas por São João Batista de La Salle sobre os quatro evangelistas, também teria recomendado aos seus seguidores que o Evangelho deveria se constituir na primeira regra a ser seguida “Jesus Cristo está no meio dos Irmãos para lhes ensinar as verdades e as máximas do Evangelho, para penetrar com elas intimamente seus corações, e para inspirá-los a fazer delas a regra de sua conduta” (LA SALLE, 1994²⁶).

Certamente esta recomendação foi levada adiante e sua memória se concretiza, materialmente, nos vitrais representativos dos quatro evangelistas para nunca esquecer que seus ensinamentos resumem a regra de seus seguidores.

4.5 Monogramas bíblicos

Alguns vitrais da CSJ são representados por monogramas de personagens bíblicos, cuja devoção o fundador recomendava como: São José, o padroeiro do Instituto; Cristo, Alfa e Ômega; Maria e o Monograma JHS (Jesus dos Homens o Salvador ou Jesus Hóstia Santa).

4.5.1 Monograma de São José - SJ

Figura 20 – Monograma de São José - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

²⁶ Método da Oração Mental por São João Batista de La Salle, traduzido da Edição Francesa de 1898 e 1739 pelo Irmão Arnaldo Mário Hillebrand, 1994.

Monograma de São José – Padroeiro da Congregação dos Irmãos Lassaistas.

Letras (S) na cor vermelha e o (J) na cor branca, ambas maiúsculas, ocupando o centro do círculo, de fundo azul claro, adornadas com lírios brancos e com ramagens verdes. O monograma, cujas letras iniciais indicam a expressão “São José” é uma referência ao Padroeiro da Congregação Lassalista. Além do monograma encontramos sua imagem na estátua que ocupa o centro do altar-mor.

José levou Maria e Jesus para visitar o templo e apresentar Jesus ao velho Simeão. Juntamente com Maria ficou preocupado quando Jesus teria se perdido no templo, isto quando Jesus tinha 12 anos (Lc 2,41-50). Após este episódio a bíblia não fala mais em José. Não aparece na vida pública de Jesus nem em sua morte e ressurreição. Em algumas imagens aparece ensinando o ofício que ele mesmo exercia o de carpinteiro.

Apesar da grande importância na vida de Jesus e de Maria, não há referências da data de sua morte. Os historiadores acreditam que ele teria morrido, com idade aproximada de 60 anos, antes que Jesus iniciasse sua missão.

Segundo Alves (1990), a veneração especial a São José começou, provavelmente no Egito, mais tarde no Ocidente. Na Igreja moderna sua devoção foi se propagando quando os escritos apócrifos²⁷ passaram a relatar a sua história. Pela grande devoção dos cristãos foi elevado a modelo de pai, patrono dos operários, principalmente dos carpinteiros, protetor da Sagrada Família e da grande Família de Deus que é a Igreja. Em 1870, o Papa Pio IX o proclamou “O Patrono da Igreja Universal” e a partir desta, sua festa é comemorada no dia 19 de março, embora o Papa Pio XII, em 1955, estabelecesse uma segunda festa para São José, a de Operário, em primeiro de maio.

A simbologia do monograma representado com as letras S e J, ornadas por lírios brancos significam e lembram a pureza com que José viveu sua vida ao lado de Maria e seu Filho Jesus. Antes mesmo de lhe atribuírem seu valor simbólico, “o lírio era muito apreciado como motivo artístico e ornamental no Egito Antigo. O lírio branco é muito difundido como símbolo da luz divina e para a iconografia cristã é o

²⁷ A palavra *Apócrifo*, do grego *apokrypha*, *escondido*, nome usado pelos escritores eclesiásticos para determinar, 1) Assuntos secretos, ou misteriosos; 2) de origem ignorada, falsa ou espúria; 3) documentos não canônicos. Disponível em: <http://www.vivos.com.br/197.htm>.

símbolo da pureza e da inocência e nas representações da virgindade” (BELLOMO, 1994, p. 202).

São José adquire um sentido especial na vida dos Irmãos Lassalistas, por ser o padroeiro, o protetor do Instituto. Sua festa é celebrada no dia 19 de março. O próprio La Salle o escolhe como protetor do Instituto:

Tomai, pois, a São José, vosso padroeiro, por modelo e esforçai-vos por brilhar na virtude a exemplo deste grande Santo, para que sejais dignos de vosso ministério. Se quiserdes que Deus vos conceda muitas graças, tanto para vós, como para a educação cristã das crianças de que cuidais e dirigis, deveis imitar este Santo no amor e na fidelidade em obedecer. Esta é de todas as virtudes a que mais convém ao vosso estado e que mais graças vos alcançará. Vós fostes encarregados por Deus dos alunos como São José o foi do Salvador do Mundo. Portanto, assim como ele cuidava de tudo o que pudesse contribuir para o bem do Menino Jesus, assim deveis ter a mesma atenção e o mesmo desejo de conservar ou recuperar a inocência das crianças sob a vossa direção (MEDITAÇÃO, nº 110, p. 268).

Os primeiros Irmãos vindos a Canoas comemoravam solenemente a Festa de São José sempre no dia 19 de março de cada ano. Nas memórias²⁸ encontramos alusão a esta festa: “Celebramos a Festa de São José” (1908). “Celebração da Festa de São José e de São João Batista de La Salle” (1910). “Na festa de São José houve a bênção da estátua de São José, colocada na entrada principal da casa” (20/03/1916). E nos anos subsequentes esta festa é sempre celebrada e registrada no livro das memórias.

4.5.2 Monograma de Jesus Cristo (✠) o Alfa e o Ômega (Α Ω)

Figura 21 – Monograma de Cristo - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

²⁸Histórico do Instituto São José – 1908-1949 – Livro nº 01 encontrado no Museu e Arquivo Histórico La Salle.

Monograma de Cristo - o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim da História.

Letra “X” na cor roxa, sobreposta à letra “P”, na cor branca, ladeadas pelas letras “A” e “Ω” na cor amarelo dourado, todas maiúsculas.

O vitral representando o monograma de Cristo é formado pelas “letras iniciais gregas²⁹ do nome de Cristo: “X” (K aspirado) e “P” (Rô) ou, antigamente, pelas letras iniciais de Jesus Cristo (I e X), simbolizando geralmente, Cristo ou então o cristianismo”. Está acrescentado das letras “A” (alfa) e “Ω” (ômega), referindo-se à primeira e à última letra do alfabeto grego. O símbolo lembra a eternidade de Deus que está no começo de tudo e nos acompanhará até o fim dos tempos. Esta afirmação encontra-se no livro do profeta Isaías (44,6): “Eu sou o primeiro, e Eu sou o último, e fora de Mim não há Deus”. Também está afirmada no livro do Apocalipse (1,8): “Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, diz o Senhor, aquele que é que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso”.

Não há necessidade de maiores explicações para entender que a obra de São João Batista de La Salle tinha por princípio e fim a vontade de Deus ao dizer:

Recordai-vos muitas vezes do fim de vossa vocação, a fim de que possais contribuir ao estabelecimento do Reino de Deus no coração dos vossos alunos. E um dos melhores meios de fazer reinar a obra de Deus em vossos alunos, a ponto de não terem nem ação nem movimento senão por Ele? (MEDITAÇÃO, nº 67).

4.6.3 Monograma JHS

Figura 22 – Monograma de Jesus – Homem e Salvador - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013

²⁹ Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã / 1994.

Monograma JHS: Jesus, dos Homens o Salvador ou Jesus Hóstia Santa.

As letras JHS na cor marrom se apresentam no vitral sobrepondo a um círculo menor na cor verde, este, ampliado por um círculo maior, escuro com raios na tonalidade amarelo-ouro, tendo como fundo o símbolo da cruz na cor branco gelo. As letras do alfabeto latino I e J não foram distinguidas até o século XVII, dessa forma “JHS” é equivalente a “IHS”.

IHS são iniciais das palavras latinas Iesus Hominum Salvator, que significam: Jesus Salvador dos homens. Monograma muito usado nos paramentos litúrgicos, nas portas dos sacrários e nas hóstias. No Final da Idade média, IHS se converteu em um símbolo, assim como o chi-rho durante o período Constantino. IHS se converteu em característica iconográfica adaptada por São Vicente Ferrer e por São Bernardino de Siena (SOU CATEQUISTA, 2012, s/p).

Estas três letras são atribuídas à Pessoa de Jesus presente na Hóstia Sagrada. Falaremos mais deste símbolo a seguir quanto trataremos de outros símbolos da Eucaristia e os relacionaremos com a identidade espiritual Lassalista.

4.5.4 Monograma do nome de Maria (M)

Figura 23 – Monograma do Nome de Maria - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Monograma do nome de Maria (M) – A Mãe de Jesus.

Letra “M”, maiúscula, escrita na cor de púrpura sobre um fundo verde, em forma de círculo, ampliado por outro com raios luminosos dourados, de vários matizes. No centro da letra M, uma coluna, finalizada com uma coroa na cor avermelhada.

Este monograma nos remete ao nome de Maria, Mãe de Jesus, coroada como Rainha do céu e da terra. O tema de Maria aparece em outro vitral sob o símbolo de um coração. Dessa forma, a seguir, uniremos sua importância na obra dos Irmãos, já consagrada pelo seu Fundador.

4.6 Símbolos e devoções

Imbuídos pela espiritualidade do século XIX, baseada nas devoções, tornou-se costume na Igreja e das Congregações religiosas imprimir devoções populares em sua missão junto ao povo. Não foi diferente com a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, como veremos a seguir.

4.6.1 Símbolo do Sagrado Coração de Jesus sobre a cruz e a âncora

Figura 24 – Símbolo do Coração de Jesus sobre a cruz e a âncora - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Símbolo do Sagrado Coração de Jesus sobre a cruz e a âncora.

No centro do vitral, um coração na cor púrpura, sobreposto a uma cruz na mesma cor e atravessada à direita e uma âncora azul. Toda a composição sobre um círculo na cor azul.

Segundo Bauer (2000), a palavra coração deriva do latim “cor”. A iconografia cristã desenvolveu e difundiu, desde a mística da idade Média, todo um simbolismo relacionado ao coração, como fonte do amor, da amizade, da cordialidade e misericórdia.

O Sagrado Coração de Jesus, representado nos vitrais, é hoje, segundo Bellomo (1994), um dos mais reconhecidos símbolos da fé católica. A imagem tem origem na França, em torno do século XVII, quando numa visão mística, a freira chamada Marguerite Marie Alacoque, teria sido chamada a dedicar-se e a comunicar a devoção a este símbolo, descrevendo-o como centro de comunicação entre os seres humanos e o divino.

A cruz lembra que este amor foi levado até morte de cruz. A âncora, por sua vez, é símbolo de segurança, firmeza e tranquilidade. Os marinheiros recorrem à âncora como o último recurso no caso de uma tempestade. O Coração de Jesus é também a esperança do cristão em todas as situações da vida, segundo Bellomo (1994).

4.6.2 Símbolo do Sagrado Coração de Jesus coroado de espinho

Figura 25 – Símbolo do Coração de Jesus coroado de espinhos - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013

Símbolo do Coração de Jesus coroado de espinhos

No centro do vitral, um coração na cor lilás, de onde sai uma chama amarela, cor de fogo, uma coroa de espinhos verdes o contorna. Toda a composição sobre um círculo azul claro, ampliado por outro com raios luminosos dourados, de vários matizes.

A chama de fogo saindo do coração é a chama do amor. A coroa de espinhos lembra a humilhação, martírio e crucificação de Cristo. Todo este sofrimento é a prova de seu grande amor que arde pela humanidade. “O culto do Coração de Jesus ainda prevalece nos dias atuais; desde 1765, a festa do Coração de Jesus é comemorada na sexta-feira ou no domingo depois de Copus Christi” (BELLOMO, 1994, p. 204).

Segundo Miceli (1988), em 1889 o Papa Leão XIII decreta a universalidade do culto ao Sagrado Coração de Jesus sob o aspecto reparador, espalhando-se em toda a Igreja e difundida pelos religiosos em seus conventos e fora deles para todo o povo cristão. Neste mesmo ano toda a humanidade foi solenemente consagrada ao Sagrado Coração de Jesus. Surgida na França, esta devoção foi implantada no Brasil pelas ordens religiosas de origem francesa. Em 1929 a sua celebração foi promovida à categoria ritual de primeira classe na liturgia romana.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus é bem marcante na vida dos primeiros Irmãos em Canoas como se pode perceber nos escritos registrados nas memórias:

Natal de 1908: Os senhores de Canoas ofereceram um magnífico quadro do Sagrado Coração de Jesus com a dedicatória: Ao Instituto Agronomico e Collegio São José de Canoas, propectamente dirigido pelos respeitáveis Irmãos das Escolas Christãs. Como modesto testemunho de satisfação pelo sucesso alcançado no seu 1º anno de funcionamento, offerecem [...] (MAHLS 1908-1949 – manuscrito, Livro nº 01).

Não só os Irmãos tinham esta devoção, mas a propagaram também entre os alunos. “Nossos alunos foram agregados à liga do Apostolado da Oração. Foi a 18 de agosto, na capela, que foram bentos os Diplomas e as medalhas dos zeladores, em número de quatro” (1909). Nas solenidades era o momento oportuno para difusão das devoções. “No dia 04 de junho de 1939, por ocasião da inauguração da

Capela, tivemos a entronização do Sagrado Coração de Jesus na Comunidade, e a 16 do mesmo mês repetiu-se a cerimônia no Externato” (MAHLS, 1908, s/p).

4.6.3 *Imaculado Coração de Maria*

Figura 26 – Símbolo do Imaculado Coração de Maria - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Símbolo do Imaculado Coração de Maria.

No centro do vitral, um coração na cor rosa, de onde sai uma chama vermelha, cor de fogo, culminando com duas flores brancas. Uma coroa de rosas o contorna. Toda a composição sobre um círculo azul claro, ampliado por outro com raios luminosos dourados, de vários matizes.

O vitral com a simbologia do Imaculado Coração de Maria está representado, coroado de rosas, donde saem lírios, símbolo da pureza. A rosa, na cultura medieval, era símbolo da bênção celestial. O Coração de Maria mostra o sofrimento da Mãe pela morte do Filho que redime e perdoa por meio das rosas que oferece a quem a invoca. Maria é o arquétipo da grande mãe que transmite segurança e proteção. A chama que sai do coração é o calor da Mãe que acolhe cada ser humano com afeto. A devoção a Maria, sempre foi muito marcante na vida do Instituto, São João Batista de La Salle que por várias vezes menciona Maria em suas meditações: “Ah! Felizes de vós, se verdadeiramente fordes devotos da SS.

Virgem, pois tendes a facilidade de recorrer a seu S. Nome e de poder, só por esta invocação, viver com segurança no meio dos perigos de uma estrada tão difícil”. (Meditação, nº 164). Seus seguidores, os Irmãos Lassalistas, demonstram ter levado adiante a orientação de seu Fundador. Tanto que as memórias registram: “No dia 02 de julho de 1910 iniciamos a Congregação da Santíssima Virgem sob o título Coração Imaculado de Maria”. “No princípio compunha-se de nove membros e após alguns meses de experiência deram-se os passos para a agregação à Prima Primária de Roma³⁰”. A Congregação aqui tida como um movimento de propagação da devoção a Virgem Maria, ou seja, a Congregação Nacional das Congregações Marianas do Brasil.

4.6.4 Cálice

Figura 27 – Símbolo da Eucaristia - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Cálice com hóstias – trigo e uvas.

³⁰Prima Primaria foi fundada pelo Padre Leunis no ano de 1563, com os seus alunos do Collegium Romanum, que eram as classes iniciantes do Colégio. Por volta do ano de 1569, o corpo da Congregação aumentou e foram obrigados a fazer divisões, por idade e nível escolar. Os mais antigos do grupo ficaram na Prima Primaria e os mais novos na Prima Secunda. (<http://www.cncmb.org.br/?p=1491>).

Um cálice prateado com uma hóstia e com as inscrições JHS, apoiado sobre o cruzamento de duas espigas de trigo amarelas e ladeado por dois cachos de uva bordô com folhas verdes. O conjunto tem como fundo um círculo azul.

O cálice³¹, uma taça, é símbolo de abundância transbordante. É um dos mais importantes objetos usados pelos cristãos na liturgia eucarística. Recomenda-se que tenha a copa feita de matéria que não absorva líquidos, (metal) dourado por dentro, não quebre e não se altere, pois está destinado a receber o vinho, Sangue de Cristo.

Todo o conjunto de símbolos, a uva que dá o vinho e o trigo que dá o pão (hóstia) são símbolos dos cristãos católicos deixados pro Cristo conforme (Mt 26,26.28).

4.6.5 Ostensório

Figura 28 – Ostensório - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Ostensório

Estejo redondo de vidro e metal, dourado, com um pedestal como suporte, tem por finalidade guardar a hóstia. Está ornado com raios dourados e brancos sobrepostos a um círculo maior de fundo vermelho. Ao todo formam o conjunto sobre um círculo na cor azul. A hóstia grande pode ser vista através do vidro que

³¹ Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã, 1994.

também a protege, quando o ostensório é levado fora das igrejas por ocasião de procissões. Também é usado para dar a Bênção solene ao povo.

As figuras com estas composições: cálice, trigo, uva, hóstia, ostensório fazem memória à Eucaristia para os católicos. As hóstias feitas de farinha pura, sem fermento, apenas água, para os católicos, depois de consagradas, são o Corpo de Jesus, alimento espiritual que sustenta a fé. Este alimento é sagrado, por isso é guardado no ostensório quando usado em ocasiões especiais.

São João Batista de La Salle dedica à Eucaristia nove meditações, sempre chamando os Irmãos a agradecer por este grande dom. E exclama: “Que felicidade a de poderdes comungar muitas vezes para conservar a graça, que não tardareis em perder, se deixásseis a Sagrada Comunhão”! Pelas memórias dos primeiros Irmãos em Canoas, percebe-se o cuidado para que tivessem um sacerdote na casa, a fim de celebrar a Eucaristia diariamente. E num determinado momento o capelão foi transferido e o Irmão redator escreve: “Esta privação da Santa Missa e da Santa Comunhão foi para a Comunidade uma grande provação. Fizemos várias novenas para obter que Deus Nosso Senhor nos mandasse um bom capelão” (1908).

4.6.6 Pelicano

Figura 29 – Pelicano - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Pelicano símbolo da Igreja.

Pássaro da cor marrom matizada, com asas grandes e aberta, cabeça com bico longo, voltada para baixo em direção aos seus dois filhotes pequenos da mesma cor, todos apoiados no chão da cor vermelha com traços pretos. O conjunto todo tendo como fundo um círculo na cor azul.

O pelicano é um pássaro considerado muito cuidadoso com seus filhotes a ponto de lhe oferecer seu próprio sangue quando não consegue caçar suas presas para satisfazer a fome dos seus filhotes.

Sua figura é muito usada como símbolo da Igreja que além de ser considerado como emblema da Paixão de Cristo que também derramou o seu sangue na cruz, é símbolo também da Eucaristia, alimento oferecido pela Igreja para o crente saciar sua fome espiritual.

4.6.76 – Turíbulo com incenso e a palavra: ORATIO

Figura 30 – Turíbulo - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Turíbulo – Símbolo de oração.

Um vaso vermelho, finalizado com pequenas aberturas por onde passa a fumaça na cor cinza matizada; tem na sua base um listel com a palavra ORATIO (oração), sobre um círculo azul.

O turíbulo³² é feito de metal e usado para a queima de incenso nas celebrações litúrgicas solenes. O incenso, vindo do oriente, é formado de grãos de resinas de plantas aromáticas, queimando sobre brasas, também utilizado pelas religiões para agradar os deuses.

A partir do Século IV, a tradição cristã adotou o incenso em seus rituais de consagração e ainda hoje o queima para honrar o altar, as relíquias, os objetos sagrados, os sacerdotes e os próprios fiéis, e para propiciar a subida ao céu das almas dos falecidos no momento das Exéquias. Desde o século IX, instaurou-se o uso do incenso no início da Missa e desde o século XI o altar se transformou no centro da incensação. O turíbulo era também levado na procissão junto com o evangeliário. Em seguida, a incensação estendeu-se às oferendas do pão e do vinho que são incensadas três vezes em forma de cruz, da mesma maneira como se procede com o altar e a comunidade litúrgica. O agitar do turíbulo em forma de cruz recorda principalmente a morte de Cristo e seu movimento em forma de círculo revela a intenção de envolver os dons sagrados e de consagrá-los a Deus (PASTORAL DOS COROINHAS, 2010, s/n).

O simbolismo da queima do incenso no interior do turíbulo e a fumaça que desta mistura se desprende e sobe, criando uma atmosfera propícia à oração. A fumaça perfumada que sobe representa nossa oração (ORATIO) que se eleva aos céus, e ao se espalhar pela igreja é “símbolo da presença e da bênção de Deus junto ao seu povo.” Suba a minha prece como incenso a tua presença, minhas mãos erquidas como oferta vespertina" reza o Salmo 140,2.

São João Batista de La Salle criou um método de oração mental para que seus seguidores dispusessem sua “alma à oração” e recomendou:

os Irmãos deste Instituto devem amar muito o santo exercício da oração mental, e considerá-lo como o primeiro e o principal de seus exercícios diários, e como o mais eficaz para atrair as bênçãos de Deus sobre os demais. Não negligenciarão nada do que possa ajudá-los a adquirir e conservar o espírito de oração (LA SALLE, 1994, p. 10³³).

Nas memórias escritas pelos primeiros Irmãos em Canoas encontramos: “Durante a remodelação da capela, que durava quase um ano, tivemos os ofícios

³² The Encyclopædia Britannica, 1946, Vol. 6.

³³ Método da Oração Mental por São João Batista de La Salle, traduzido da Edição Francesa de 1898 e 1739 pelo Irmão Arnaldo Mário Hillebrand, 1994.

religiosos no oratório do noviciado menor, onde em 1911 já estava situada a capela” (25/05 de 1939)

4.6.8 Triângulo

Figura 31 – Triângulo - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Triângulo: Símbolo da Família de Deus: O Pai, Filho e Espírito Santo.

Em primeiro plano um olho aberto sobre um triângulo branco com mesclas de cinza, finalizado por um viés amarelo. Em cada ângulo do triângulo saem chamas vermelhas e nas laterais três chamas nas cores amarela e vermelha. Esta composição está sobre um círculo verde, ampliado por outro azul claro.

A simbologia do vitral contendo um triângulo³⁴ e no centro um olho pode ser entendido, num sentido cristão, da seguinte forma: O olho, cercado por raios de luz é símbolo do vínculo do homem com o mundo, a consciência, o conhecimento da verdade, mediante a luz espiritual. Também pode ser lembrado como sendo a Providência divina que tudo vê, inclusive nossas necessidades, observa e vê a humanidade. O triângulo costuma ser interpretado como símbolo da Santíssima Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

³⁴ Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã/1994.

Na meditação sobre a Santíssima Trindade São João Batista de La Salle assim se expressa: “Adorai este mistério, completamente acima dos nossos sentidos e mesmo de nossa razão. Eis o objeto da mais profunda veneração da Igreja, tanto no céu como na terra” (MEDITAÇÃO, nº 46).

4.6.9 Pomba

Figura 32 – Pomba - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Pomba: Símbolo do Espírito Santo e símbolo da PAZ.

Uma pomba branca de frente, tendo ao redor da cabeça uma auréola nas cores laranja e vermelha sobre um fundo azul.

Para o cristianismo, a pomba é o símbolo do Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade. Na Bíblia, os quatro evangelistas são unânimes em mostrar a pomba com o símbolo do Espírito Santo como podemos ver em: (MT 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; Jo 1.32). Nestas passagens ela aparece como símbolo de brandura, doçura, amabilidade, inocência, suavidade, paz, pureza e paciência. No livro do Gênesis encontramos: “O Espírito de Deus como pomba pousava sobre as águas” (Gn 1,2).

A pomba como símbolo do Espírito Santo tão presente nas escrituras, sempre foi tema de estudos e reflexões por parte da Igreja. Também nos escritos de La Salle

encontramos inúmeras meditações sobre o tema e recomenda: “Vosso estado vos obriga a ter a plenitude do Espírito Santo, porque deveis viver nele conduzidos unicamente pelo Espírito Santo e as luzes da fé”.

4.6.10 Cordeiro sobre a Bíblia

Figura 33 – Cordeiro - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Cordeiro sobre a Bíblia: Símbolo de Cristo.

Em primeiro plano um cordeiro branco, voltado à direita em direção ao seu corpo todo, ou para uma bandeira de fundo branco e nela traçada uma cruz na cor preta. Está aureolado e nesta auréola na cor dourada, uma cruz ao centro em amarelo ouro. O cordeiro encontra-se deitado sobre um livro fechado, na cor lilás forte e suas bordas amarelo ouro, sobreposto a pequenos círculos, talvez rodas vermelhas.

Pelas referências bíblicas (João 1,29-36), (Isaías 53,7), (João 20,30-31), (Atos 8,32) e outras tantas, o cordeiro aparece como símbolo de Cristo, de sua doçura, tolerância, deixando-se imolar como sacrifício na cruz em favor da humanidade). A cor branca lembra pureza e inocência. Os judeus tinham o costume de sacrificar cordeiros como forma de purificação dos pecados. O cordeiro é um animal que

permanece em silêncio enquanto é sacrificado. Por isso Jesus é comparado, pelos cristãos, ao “Cordeiro de Deus”.

Na liturgia católica Cristo é invocado como o “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. Invocação esta que se repete em todas as missas.

4.7 Os símbolos santorais e a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs

Muitos vitrais da CSJ são representativos da memória do Instituto Lassalista como o Fundador, São João Batista de La Salle, o Beato Irmão Salomão (mártir da Revolução Francesa), São Gabriel da Virgem Dolorosa, (ex-aluno dos Irmãos, na Itália), o Brasão da Família La Salle e o Brasão da Congregação Lassalista. São João Batista de La Salle reconhecia nos santos um exemplo a seguir. Isso justifica a presença de muitos vitrais representando alguns deles como São Luís Gonzaga, o patrono da juventude; São Pedro, Apóstolo; João Batista, o Precursor; a Sagrada Família e os três Mártires Rio-grandenses.

4.7.1 São João Batista de La Salle

Figura 34 – São João Batista de La Salle - Capela São José do Unilasalle – Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

São João Batista de La Salle – Fundador da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Um homem de pé, cabelos curtos e brancos, aureolado na cor amarelo ouro, seu rosto levemente inclinado para frente e para baixo. Sua mão esquerda abraça uma criança e sua mão direita segura um fecho de luz avermelhado, apontando para o alto. Veste uma batina com botões e uma faixa na cintura nas cores branca e preta, sobreposta com uma capa na mesma cor. Junto ao pescoço, abrangendo parte do peito, tem um colarinho no formato quadrado e na cor branca. Junto dele uma criança de cabelos castanhos claros, olhar voltado para a tocha de luz, mãos postas, veste túnica azul.

São João Batista de La Salle, nas mais variadas representações, está vestindo a batina eclesiástica com trinta e três botões, significando, conforme a tradição da Igreja, a idade com que Jesus teria sido morto. Esta túnica teria cinco botões nas mangas para lembrar as cinco chagas de Jesus. A cor preta tem o significado de morte para o mundo e o branco do colarinho, a pureza com que os religiosos devem viver.

Pela observação do vitral não é possível identificar-lhe a fisionomia com retratos clássicos (Léger, Scotin, por ex.). E nem com as descrições feitas pelos primeiros três biógrafos do Fundador que o conheceram em vida: Élie Maillefer, Frère Bernard e Jean-Batiste Blain. (Cf. o exaustivo estudo feito por Cornet, J.A. e Émile Rousset: "Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle", Roma: FSC, 1989, p. 350).

La Salle, segundo o Ir. Justo (2005), nasceu na mansão La Cloche em Reims, França, no dia 30 de abril de 1651 e morreu em Ruão, em sete (07) de abril 1719. Foi o primogênito de 11 filhos, sofrendo com seus pais, Luís de La Salle e Nicole Moët de Brouillet, a morte de quatro irmãos. Desde a idade de 11 anos, demonstrava interesse pela vida religiosa, sendo padre com 27 anos. Em Reims participou na fundação de duas escolas e cresceu consternado com o destino dos filhos das famílias pobres. Como acreditava que a vida espiritual deveria fazer parte da formação dos professores, fundou, com eles, uma associação, cuja missão era a de aprender a ensinar a partir dos princípios cristãos. Nascia assim o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, presente, até hoje, em mais de oitenta países.

Como sacerdote, seguia uma estrita regra de vida e cumpria com energia e generosidade sua missão de pastor. Levantava às quatro horas da manhã e estudava as escrituras, visitava os pobres e dava lições às crianças, sempre com muito amor e dedicação e com verdadeira caridade. Após sua morte, no dia 7 de

abril de 1719, vários milagres se seguiram, merecendo ser beatificado pelo Papa Leão XIII em 1888 e canonizado, pelo mesmo Papa, em 1900. A 15 de maio de 1950, o Papa Pio XII o proclamou padroeiro dos educadores católicos e mais tarde também escolhido como patrono dos escritores e jornalistas. Hoje, seus restos mortais e algumas relíquias se encontram na Capela da Casa Generalícia, em Roma.

Em 1958, o então governador do Estado, Ildo Meneghetti, o declarou patrono do magistério gaúcho, escolhido, entre outros candidatos, pelo voto do magistério do Rio Grande do Sul. Como educador La Salle não cansava de repetir que ao educador cabe conhecer e amar seus alunos e consagrar-lhes a “firmeza de pai e a ternura de mãe”. A igreja comemora sua festa no dia 07 de abril. "Congregação de Irmãos Cristãos" (CIC) é a maior congregação religiosa de leigos do mundo (Entrevista com Ir. Henrique Justo, maio de 2013).

São João Batista de La Salle também está representado, no espaço da Capela, por uma estátua esculpida em madeira, mas é sua representação no vitral que chama mais atenção pela expressividade facial e sua atitude em acolher as crianças e os jovens mais necessitados, missão esta que deve ser ardente como o facho de luz que seu braço direito aponta para o alto, capaz de iluminar a mente e o coração de seus seguidores em direção a Deus.

4.7.2 Beato irmão Salomão Leclercq (mártir da Revolução Francesa)

Figura 35 – Beato Irmão Salomão Leclercq - Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

<i>Beato Irmão Salomão Leclerq - Mártir da Revolução Francesa 1º Mártir da Congregação.</i>

Um homem de pé, cabelos curtos e castanhos, tem na cabeça um barrete, aureolado na cor amarelo ouro, seu rosto levemente inclinado para frente e para baixo. Braços e mãos sobrepostas sobre o peito. Veste uma túnica preta, sobreposta com uma capa na mesma cor. Junto ao pescoço, abrangendo parte do peito, tem um colarinho no formato quadrado e na cor branca.

Beato Irmão Salomão Leclerq está representado no vitral com as mãos sobrepostas sobre o peito, vestindo o hábito da Congregação, uma túnica preta com o colarinho branco, e seu olhar, num rosto sereno, inclinado para baixo numa atitude de reflexão.

Nicolau, nome de batismo do Beato Irmão Salomão, nasceu no dia 15 de novembro de 1745, em Boulogne-sur-Mer, França. Ao entrar no Instituto recebeu o nome de Irmão Salomão. Foi professor, diretor e administrador, manifestando em todo seu trabalho verdadeiro amor aos pobres e respeito profundo às pessoas. Sua santidade foi provada, principalmente durante a Revolução Francesa, ocasião em que a Igreja foi perseguida na França, distinguindo-se como o defensor das diretrizes papais e das publicações contrárias ao juramento revolucionário que previa a desobediência ao Papa. Esta atitude, por diversas vezes, o levou à prisão com centenas de outras pessoas que fizeram o mesmo. Em 02 de setembro de 1792, ele e estas pessoas foram todas decapitadas. Salomão foi o primeiro Mártir da Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, proclamado Beato Irmão Salomão e seus companheiros a 17 de outubro de 1926 pelo Papa Pio XI. A festa do Beato Irmão Salomão é celebrada no dia 2 de setembro (LA SALLE, 2013, s/p).

4.7.3 São Gabriel da Virgem Dolorosa (ex-aluno dos irmãos na Itália)

Figura 36 – São Gabriel da Virgem Dolorosa - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

São Gabriel da Virgem Dolorosa - ex-aluno dos Irmãos Lassalistas

Homem de aparência jovem, cabelos curtos na cor castanha, aureolado na cor dourada e amarela, rosto voltado para frente, levemente inclinado para baixo, veste uma batina preta, sobreposta com uma capa na mesma cor, tendo sobre o peito um coração finalizado com uma chama amarela e uma cruz sobre a mesma. Na cintura um terço pendurado. Seu braço e mão direita apoiada sobre o peito e sua mão esquerda segura um crucifixo, sendo que na haste superior do mesmo, novamente um coração na cor amarela, uma chama e na chama outra cruz.

Segundo Alves,³⁵ Francisco era seu nome de batismo. Gabriel nasceu em Assis, Itália a 1º de março de 1838. Foi aluno dos Irmãos das Escolas Cristãs em Spoleto, Sul da Itália. Órfão de pai e mãe, em 1856, com 18 anos ingressou na Congregação dos Padres da Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, fundado por São Paulo da Cruz, chamados de padres Passionistas.

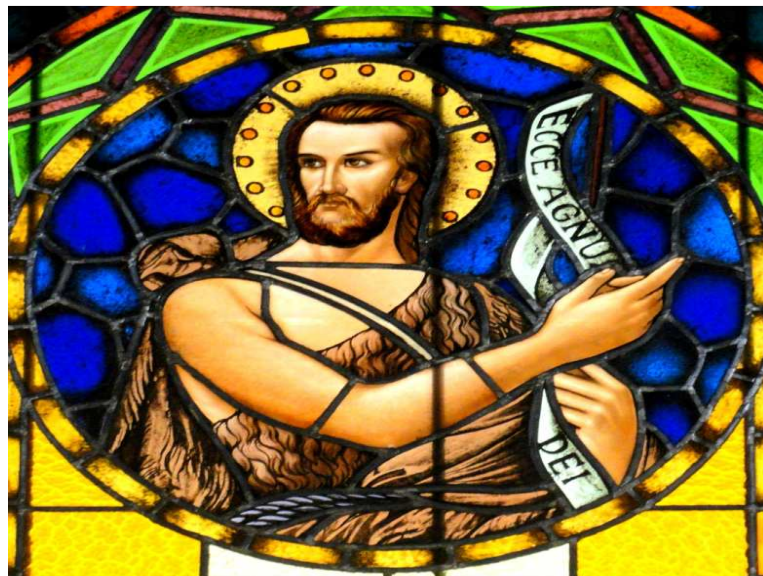
No vitral ele está portando o hábito clerical, pois era seminarista, com um distintivo formado por um coração e uma cruz. Tanto a cruz como o coração já foram caracterizados em símbolos anteriores. No cinturão de suas vestes carrega um terço, símbolo da devoção a Maria. Sua espiritualidade foi marcada pelo amor a Jesus crucificado e a Nossa Senhora das Dores.

³⁵Os Santos de cada dia (1990).

Alegre, bem humorado, a todos cativava com a sua simpatia e simplicidade de alma. Morreu aos 24 anos, no dia 27 de fevereiro de 1862, deixando, entre outros escritos, uma coleção de pensamentos sobre Nossa Senhora e umas quarenta cartas repletas de devoção à Virgem Dolorosa. Foi beatificado por Pio X em 1908, ano em que os Irmãos chegaram a Canoas, e canonizado por Bento XV, em 1920. A Igreja celebra sua memória no dia 27 de fevereiro.

4.7.4 *São João Batista, o precursor de Jesus*

Figura 37 – São João Batista – Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

São João Batista, o precursor de Jesus

Homem, aparentando meia idade, cabelos e barba na cor castanho-escuro, vestindo um manto marrom atravessado na altura do ombro e amarrado nas costas. Aureolado em amarelo ouro com brilhantes, rosto levemente voltado para a sua direita, olhar firme. Tem nas mãos um listel com a frase em latim: “ECCE AGNUS DEI”. (Eis o Cordeiro de Deus). Parece carregar uma mochila nas costas.

João³⁶ era seu nome, mas o chamavam de João Batista porque batizava. Era chamado o “homem enviado por Deus” para preparar a vinda de Jesus, daí a palavra “precursor” que acompanha seu nome sempre que é lembrado. Era um profeta eremita, filho de Zacarias e Isabel, primo de Jesus. Nasceu em Ain-Karim, perto de Jerusalém, e seu nascimento foi anunciado a sua mãe pelo anjo Gabriel. Ele viveu recluso em um deserto da Judéia e depois começou a pregar às margens do Rio Jordão, batizando grande número de penitentes. Finalmente, Jesus Cristo veio para ser batizado por ele antes de ir à Galileia para iniciar sua vida pública. João continuou perto do Rio Jordão e foi preso e decapitado a mando do Rei Herodes conforme (Mt 14,1-12; Marcos 6,14-29 e Lucas 9,7-9).

João Batista é representado no vitral, como era seu costume, com uma veste de pelos de camelo e um cinto de couro em torno de seus ombros (Mt 3,4). Tem nas mãos um listel com a frase em latim: “ECCE AGNUS DEI” que significa: EIS O CORDEIRO DE DEUS, expressão dirigida ao povo, por João Batista, quando Jesus se apresentou às margens do Rio Jordão para ser batizado (Jo 1,29). Ainda hoje são palavras usadas nas missas quando a hóstia consagrada é apresentada, antes de ser distribuída aos fiéis: “Eis o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”. João era pastor e anunciava numa igreja no deserto. “Então iam ter com ele os de Jerusalém, de toda a Judéia e de toda a circunvizinhança do Jordão (Mt 3,5)”.

João Batista é o santo padroeiro da amizade e sua festa é celebrada no dia 24 de junho. É um santo popular e muito celebrado nas festas juninas.

La Salle escreveu sobre João Batista:

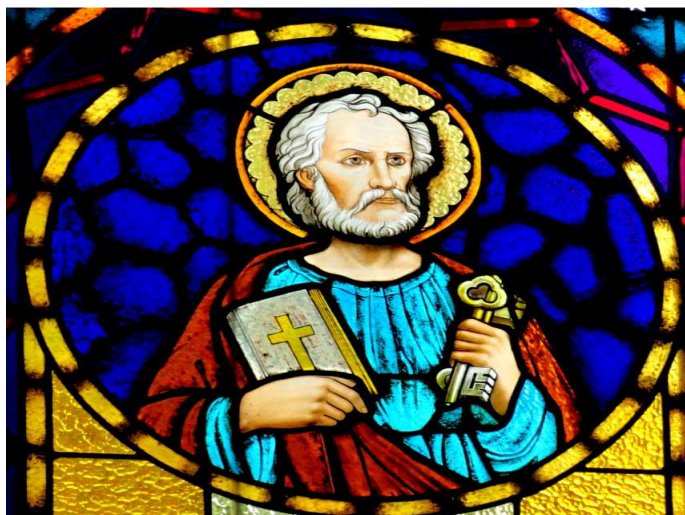
Em vosso estado, estais na obrigação de anunciar todos os dias as verdades do Evangelho. Praticai as que são próprias de qualquer cristão, antes de ensiná-las ao outros. Ainda que não tenhais a graça de um precursor, como São João, tendes pelo menos, a de sucessor em seu ministério. Convençei-vos, porém, de que esta graça se tornará eficaz em favor dos outros, na medida em que o for primeiro em vós mesmos. Tratai de que assim seja e sem demora (MEDITAÇÃO, nº 138, p. 318).

³⁶ CONTI, S. O Santo do Dia. Petrópolis: Vozes, 1997

- LEHMANN, João Baptista. Na luz perpetua: leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do anno, apresentadas ao povo christão / 1935

4.7.5 São Pedro – Apóstolo

Figura 38 – São Pedro - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Apóstolo São Pedro – recebeu de Jesus as chaves das portas do céu.

Sobre um círculo na cor azul escura, um homem idoso, aureolado, bigodes, barba e cabelos brancos, curtos, veste uma túnica de cor azul, sobreposta por um manto vermelho forte. Olhos fitos em direção, levemente a sua esquerda, segura um livro fechado, amarelado, com uma cruz sobre a capa, apoiado na mão e braço direito e tem na mão esquerda uma chave na cor prata.

São Pedro³⁷, cujo nome de nascimento era Simão, nasceu em Betsaida, na Galiléia. Seu pai se chamava Jonas, sua profissão era a de pescador. André, seu irmão, encontrou Jesus e comentou com Pedro a respeito do Messias. Simão quis conhecer Jesus, e este o elegeu como um de seus escolhidos, trocando seu nome para Pedro, que significa pedra, rocha.

Pedro tinha um temperamento impulsivo, mas uma imensa generosidade e um grande amor ao Mestre. Jesus o colocou em evidência, escolhendo-o para ser o chefe da Igreja. Em Cesárea de Filipe, Jesus diz a Pedro: “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-

³⁷CONTI, S. O Santo do Dia. Petrópolis: Vozes, 1997.

- LEHMANN, João Baptista. Na luz perpétua leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo cristão/1935.

te-ei as chaves do Reino dos Céus, e tudo que ligares sobre a terra será ligado também no céu, e tudo que desligares na terra será também desligado no céu”. (Mt 16 13-20). É com este significado que no vitral ele está representado com uma chave na mão esquerda e por ter escrito muitas cartas apostólicas, tem em sua mão direita o livro da Palavra de Deus, a Bíblia.

Segundo a tradição, Pedro morreu no dia 29 de junho do ano 67 d.C, quando foi crucificado de cabeça para baixo por não se achar digno de morrer como o seu Mestre. Foi sepultado onde hoje está a maior igreja do mundo: a Basílica do Vaticano.

La Salle assim fala de São Pedro:

Renunciastes verdadeiramente a tudo, de coração e de afeto? Colocastes-vos unicamente sob a proteção de Deus com inteiro abandono a sua divina Providência? Fazei este ato generoso, imitando a São Pedro e por sua intercessão (MEDITAÇÃO, nº 139, p. 318).

No livro das memórias, os primeiros Irmãos vindos a Canoas registram a “Celebração da festa de São Pedro” desde 1909. Todos os anos seguintes esta festa é celebrada. “A festa de São Pedro foi celebrada com muita solenidade. Os alunos revezavam-se nesta circunstância em oferecer presentes à Capela. Os fogos de artifícios e os foguetes não faltaram”. Vale lembrar que São Pedro é o padroeiro do Rio Grande do Sul e que os irmãos, mesmo sendo de origem francesa, aderiram a esta devoção e a propagaram entre seus alunos.

4.7.6 *Sagrada Família*

Figura 39 – Sagrada Família - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Sagrada Família: Jesus, Maria, sua mãe e José, seu pai adotivo.

Uma imagem composta por um homem, à esquerda, aparentando meia idade, cabelos curtos e barba na cor marrom, aureolado na cor branca, portando na mão direita um cajado, vestindo um manto marrom escuro e uma capa em tom verde. Seu rosto olha para o menino que está no centro. Este por sua vez é louro, muito jovem, aureolado na cor branca, rosto voltado para frente, veste uma túnica também branca com um cinto na mesma cor e o desenho de uma cruz sobre o peito. Seus braços e mãos estão abertos e estendidos. À direita, uma senhora aparentando meia idade, cabelos marrons cobertos por um véu branco, aureolada, seu rosto olha o menino, veste uma túnica avermelhada sobreposta a um manto na cor azul. Sua mão esquerda está sobre o peito e sua mão direita sobre a cabeça do menino. Em segundo plano uma pomba num círculo vermelho, sobre uma nuvem. Desprendem-se da pomba cinco raios em forma de nuvem nas cores cinza e laranja com tons vermelhos.

Conforme Bellomo (1994), a Sagrada Família é uma das cenas mais representadas nos vitrais das igrejas, inclusive representada por um dos vitrais da CSJ. É chamada de “Sagrada”, pois é a família de Jesus, formada por seu pai adotivo, José e sua mãe Maria, conforme (Mt 1-2 e Lc 1-2).

No vitral temos Jesus no centro, de braços abertos, como que acolhendo a todos e sobre o peito uma cruz, talvez, fazendo memória de que morreria numa morte de cruz. Maria, sua mãe, à sua esquerda, com sua mão estendida abençoando seu filho Jesus. José aparece à direita de Jesus com um cajado, cujo significado encontra a sua explicação a partir de um escrito apócrifo, isto é, escrito não reconhecido pela Igreja, apenas contado pela Tradição, no qual se conta o seguinte:

Maria e as outras virgens do templo receberam ordens para regressar a casa e se casarem. Maria recusou-se e os anciãos oraram e, a pedido divino, chamaram todos os homens solteiros para que eles deixassem os seus cajados no altar do Templo durante a noite, na esperança de que algum florisse, pois caso tal acontecesse o dono desse bastão seria o noivo de Maria. Porém, nada aconteceu dessa vez. Os anciãos chamaram então os viúvos. Entre eles estava José. Quando o cajado de José foi encontrado na manhã seguinte coberto de lírios ("as flores no bastão de Jessé") foi-lhe

dito a ele para tomar Maria como esposa e que a guardasse para O Senhor³⁸ (BISPADO, 2013, s/n).

No centro presenciamos uma pomba³⁹ que, na simbologia cristã católica, representa a terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, comumente usado como símbolo da paz. A pomba sempre foi um animal simbólico importante, desde as civilizações antigas até nossos dias.

A aura, outro símbolo que circunda a cabeça dos personagens é uma iconografia da Tradição cristã que simboliza a glória, a santidade e sua grandeza.

La Salle escreveu a meditação número sete, falando da obediência que Jesus teve para com seus pais. Com isso recomenda que os Irmãos sejam obedientes aos que são designados para dirigir a Comunidade, e o faz nestes termos: [...] “a obediência é o fundamento das comunidades. Sem ela, deslizaríamos depressa para a ruína. Nem sequer mereceria o nome de comunidade, mesmo que se observassem todas as demais virtudes em grau eminente” (MEDITAÇÃO, nº 07, p. 20).

Nas memórias registradas pelos primeiros Irmãos em Canoas encontramos uma referência, não totalmente à Sagrada família, mas que condizem com os três personagens: “Em 1944 – Projeto do Calvário, mais monumento ao Menino Jesus, mais a gruta de Nossa Senhora de Lourdes”. “No dia 23 de outubro de 1942 festejamos a habitual festa de Nossa Senhora de Loreto”. “Novena ao padroeiro. Os professores começaram a participar” (1940). “Festa de Cristo Rei” (25/10/1942).

4.7.7 São Luis Gonzaga (patrono da juventude)

³⁸ SÃO José e o Menino Jesus: História de José o carpinteiro; Evangelho do Pseudo-Tomé. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. (Bíblia Apócrifa).

³⁹ Dicionário dos símbolos: imagens e sinais da arte cristã /1994

Figura 40 – São Luis Gonzaga - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Homem jovem, cabelos castanhos escuros, aureolado em cor dourada, vestindo túnica branca com colarinho branco, rosto inclinado á sua esquerda, olha um crucifixo que segura com as suas mãos. À direita do quadro um lírio branco com hastes verdes. Toda a composição sobre um círculo vermelho forte.

São Luís Gonzaga nasceu em Mântua, na Itália, em 1568. Teve uma educação nobre. Ainda jovem optou por seguir a vida religiosa, ingressando na ordem dos jesuítas, a Companhia de Jesus. Morreu em 1591. Foi sepultado na Igreja de Santo Inácio, em Roma. É o patrono da juventude

Luís nasceu no dia 9 de março de 1568, na Itália. Foi o primeiro dos sete filhos de Ferrante Gonzaga, marquês de Castiglione delle Stiviere e sobrinho do duque de Mântua. Seu pai, que servia ao rei da Espanha, sonhava ver seu herdeiro e sucessor ingressar nas fileiras daquele exército. Por isso, desde pequenino, Luís era visto vestido como soldado, marchando atrás do batalhão ao qual seu pai orgulhosamente servia. Consta que, certa vez, Luís carregou nos ombros um moribundo que encontrou no caminho, levando-o ao hospital. Isso fez com que contraísse a peste que assolava a cidade. Luís Gonzaga morreu com apenas vinte e três anos, em 21 de junho de 1591 (PAULINAS, 2013, s/p).

São Luis Gonzaga tem destaque especial na Capela, representado num vitral, talvez por ser o patrono da Juventude. Uma devoção já manifesta por ocasião do nome dado ao Externato São Luis, Escola gratuita “para os menos afortunados,” fundada ao iniciar a obra em Canoas. Ele está representado com um crucifixo nas mãos e, assim como São José, com o lírio, significando a pureza. A paróquia a que

os primeiros irmãos pertenceram, em Canoas, tem como padroeiro São Luis Gonzaga.

4.7.8 Os três Mártires Rio-grandenses

Figura 41 – Os três Mártires Rio-grandenses - Capela São José do Unilasalle
Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Os três Mártires Rio-grandenses: Roque Gonzáles (centro) Afonso Rodrigues (à esquerda) e João de Castilhos (à direita).

Três homens, aparentando meia idade, todos com cabelos curtos e barba na cor marrom, aureolados na cor dourada. Os dois situados nas laterais vestem uma túnica num tom verde escuro. O do centro uma túnica na cor branca com uma faixa sobre os ombros na cor amarela, sendo que nas duas extremidades o desenho de uma cruz, na cor de tijolo. O homem da esquerda olha em direção ao centro. Sua mão esquerda está sobre o peito e sua mão direita segura uma palma verde. O da direita do quadro tem o rosto voltado para o centro, mãos sobrepostas e uma flecha atravessada da direita para a esquerda sobre seu peito. O homem situado no centro tem o olhar em direção ao horizonte, sua mão direita indica o quadro que está apoiado sobre seu braço esquerdo e amparado com a mão também esquerda. No quadro aparece uma imagem de uma senhora vestindo uma túnica branca, sobreposta com um manto azul, tendo como base parte de uma âncora. Raios amarelados se desprendem de sua imagem e uma luz na mesma cor serve de sombra a sua imagem.

Os três mártires rio-grandenses representados no vitral são: primeiro à esquerda, Afonso Rodrigues, ao centro, Roque Gonzáles de Santa Cruz, e João de Castilho, à direita.

São Roque Gonzáles nasceu em 1576; Santo Afonso Rodrigues, em 10 de março de 1598 e São João de Castilho no dia 14 de setembro de 1595. Estes três sacerdotes eram membros da ordem dos Jesuítas. Exerceram o seu trabalho missionário junto aos índios Guaranis, no noroeste do Rio Grande do Sul. Foram os primeiros evangelizadores nas terras do sul do Brasil. Após terem fundado várias reduções entre os índios no Paraguai e Argentina, entraram em terras do Rio Grande do Sul, onde, a três de maio de 1626, celebraram a primeira missa em terras gaúchas, na localidade de São Nicolau. Depois de dois anos e meio de intenso trabalho missionário, fundando cinco comunidades, ou reduções, foram mortos por um grupo de índios rebeldes à evangelização, liderados pelo cacique-Pagé Nheçu. Padre Roque Gonzáles e padre Afonso Rodrigues foram mortos na recém-fundada redução de Caaró, no dia 15 de novembro de 1628, e o padre João de Castilho, dois dias mais tarde. Um índio, ainda catecúmeno, que se opôs aos assassinos, foi também foi trucidado junto aos missionários, em Caaró, foi o Cacique Adauto, que um dia talvez possa ter seu nome acrescentado aos dos nossos mártires canonizados.

Aos 28 de janeiro de 1934, o Papa Pio XI beatificou os Missionários Mártires. Em 1940 o coração do Padre Roque Gonzáles percorreu diversos lugares no Rio grande do Sul sempre com grande veneração dos fiéis. Aos 16 de maio de 1988, em visita ao Paraguai, em Assunção, o Papa João Paulo II os canonizou, isto é, declarou-os Santos (SANTOS DO BRASIL, 2013, s/n).

Amanhecendo a quarta-feira do dia 15 de novembro, continuavam os índios a afluir, recebendo as cunhas. Após a celebração da missa, enquanto Padre. Roque, inclinado, procedia à preparação do sino que seria instalado em um alto mastro, aproximaram-se os assassinos [...]. Dois deles desferiram violentos golpes com as suas machadinhas de pedra na cabeça de Padre. Roque, que morreu instantaneamente. O mesmo aconteceu com Padre Afonso, que ouviu os gritos e saiu de sua cabana. Morte instantânea. A seguir, barbáries: vestes arrancadas, corpos esquartejados, destruição da capela e objetos religiosos. Um velho cacique se opôs aos assassinos, e por isso teve a mesma morte. Sofreu assim o batismo de sangue! Esse mártir guarani pode um dia se juntar aos nossos santos mártires como novo santo da Igreja. Não sabemos seu nome, por isso é chamado de Cacique Adauto. Chegou a vez do Padre João de Castilho. Dois dias depois, sexta-feira 17 de novembro investiu contra ele e o arrastaram até o mato. Bofetadas, vestes rasgadas, amarradas as mãos com cordas: arrastado pelo mato, seu corpo virou uma imensa chaga. Crivado de flechas,

golpeado, os índios cansados acabaram por esmagar-lhe a cabeça. No dia seguinte seu corpo foi queimado e destruíram sua cabana e objetos sagrados (SANTOS DO BRASIL, 2013, s/n).

“Por ocasião da beatificação dos três mártires, realizou-se em todas as igrejas do Rio Grande do Sul uma grande preparação com orações, novenas procissões romarias onde o coração⁴⁰ do Padre Roque Gonzáles percorria várias paróquias como forma de avivar a fé nos Beatos Mártires rio-grandense” (Depoimento do Ir. Henrique Justo, setembro de 2013).

Após um grande movimento por ocasião do terceiro centenário das mortes, o processo foi retomado e culminou com a Beatificação em 1934. Desde então cresceu muito a devoção aos Santos. O coração de São Roque passou a realizar viagens missionárias pelo Paraguai, Argentina e Brasil. Em 1940 percorreu diversos lugares do Rio Grande do Sul, inclusive Caaró, o que se repetiu em 1973, 1978, 1992 e 1998, sempre com grande veneração dos fiéis (SANTOS DO BRASIL, 2013, s/n).

O vitral com a representação dos três mártires, na Capela São José, parece estar um tanto fora dos padrões dos demais, mas encontramos nas memórias dos primeiros Irmãos, em Canoas, o registro do envolvimento que os mesmos tiveram nesta ocasião, comprovando mais uma vez que os Irmãos participavam ativamente da comunidade eclesial e se colocavam junto com todo o povo de Deus na vivência de sua fé e devoção e registram:

A 24 de fevereiro de 1940, toda a casa se reuniu diante da estação da estrada férrea, e venerava o Coração do Beato Roque González, vindo de São Leopoldo. Enquanto se cantava o Hino dos mártires o ex- provincial dos jesuítas nos abençoava com a preciosa relíquia e a dava a beijar à assistência toda (MEMÓRIAS, 1940).

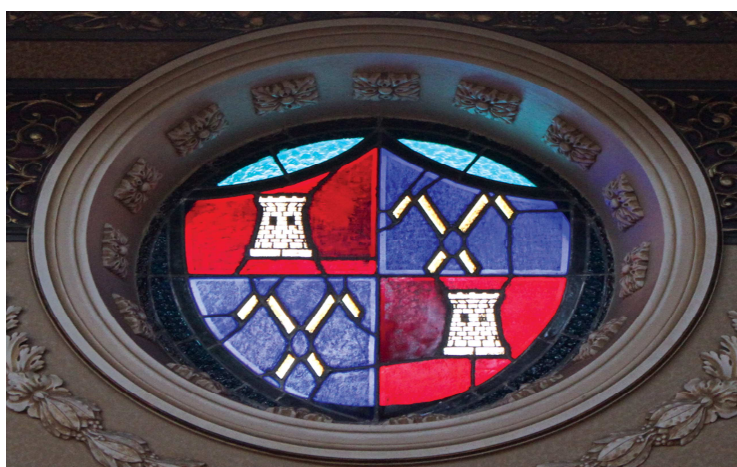
A palma verde sobre o peito do Mártir Afonso Rodrigues simboliza a palma da vitória. Roque Gonzáles (centro) segura um quadro de Nossa Senhora Conquistadora, pois tinha o costume de apresentá-la ao povo indígena sempre que fundava uma missão. O Mártir da direita, João, tem sobre seu peito uma flecha perpassando o lado esquerdo (o coração), identificando o modo como foi morto.

⁴⁰No dia seguinte ao martírio de Caaró, um fato sobrenatural, atestado por trinta e três caroenses: uma voz saiu do coração de Padre Roque, quando para lá voltaram os assassinos: anunciava a punição dos criminosos por terem maltratado a imagem da Mãe de Deus, mas do céu os ajudaria (O coração de São Roque é a única relíquia dos corpos dos três mártires que não se perdeu). Disponível: <http://www.santosdobrasil.org/?system=news&eid=268>.

Em Caaró, município de Caibaté, se encontra o principal Santuário de veneração dos Santos Mártires, visitado permanentemente por caravanas de romeiros. Ali se realiza cada ano uma grande romaria sempre no 3º domingo de novembro.

4.7.9 Brasão da Família La Salle

Figura 42 – Brasão da Família La Salle- Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Brasão com símbolos da família La Salle, na França.

Brasão em forma de círculo colorido, composto de quatro partes principais, onde aparecem dois conjuntos com três caibros sobre fundo azul intenso e duas torres de igual tamanho sobre um fundo com cores fortes.

Em 28 de abril de 711, os árabes atravessam o Estreito de Gibraltar e ocupam o sul da Espanha (Granada), travando batalha com os visigodos que dominavam a Península Ibérica. Neste contexto surge a figura de Johan Salla, convidado para ser o comandante das forças reais de Afonso II. Neste combate uma pedra, inimiga, lançada pela catapulta (espécie de arma de guerra para lançar objetos), quebra-lhe três ossos das pernas. Em honra ao herói, o rei concedeu Brasão de Armas à Família Salla: Este Brasão era representado por um fundo azul forte e três caibros dourados, (uma referência às pernas quebradas), com a inscrição latina: "INDIVISAMANENT" (As coisas não divididas permanecem), associando-se a eles o valor

evangélico da unidade e da fraternidade, princípio a ser vivido em todas as comunidades.

Informa la historia de Joan Salla, *guerrero catalán*, jefe de los ejércitos del rey de Oviedo, Alfonso el Casto, fue quien legó a los suyos el escudo de armas que ahora distingue a la familia De La Salle. Ostenta el escudo en dos de sus cuarteles, sobre campo de azul, tres chevrones dorados y en los otros cuarteles y en campo de gules, un castillo almenado. Los chevrones dorados recuerdan el sacrificio del primer Salla que en fiel servicio de su señor, vio sus piernas quebrantadas. Terratenientes, guerreros, marinos, clérigos, prelados y santos honraron este emblema. El mayor de todos fue, sin duda, San Juan Bautista De La Salle quien al renunciar a su herencia nobiliaria, engrandeció a su casa y legó su escudo a millares de nuevos soldados y nuevos héroes y nuevos santos (ESCUDO DE LA SALLE, 2013).

Alguns descendentes de Johan Salla se mudaram para a França, em torno de 1350 com o nome La Salle. Faz parte desta descendência Luis de La Salle, que se casou com Nicolle de Moët de Brouillet, cujo filho primogênito foi João Batista de La Salle.

La familia de la Salle tiene sus orígenes en Johan Salla, quien, a principios del siglo IX fue comandante en jefe de las fuerzas reales de Alfonso el Casto de Castilla. No fue, sin embargo, sino hasta alrededor de 1350 que la rama menor de esta familia, de la cual descendió nuestro santo, se mudó a Francia y se estableció en Champagne. Juan Bautista fue el primogénito de Luis de la Salle y Nicolle de Moët de Brouillet (ESCUDO DE LA SALLE, 2013).

As torres teriam sua origem nos ancestrais também da família La Salle.

Uma revista da Casa Generalícia dos Irmãos (Bulletin des Écoles Chétiennes, 1923, I, p. 38-45), sem autor (como era costume na época), há um artigo baseado na grande obra de Louis Joriaux (Archives de la Noblesse, vol. 24: Arquivos da Nobreza), onde aparecem quatro brasões da família La Salle. (ANEXO A). Todos trazem os caibros quebrados, nos dois últimos (mais recentes) as torres, com o significado delas no quarto brasão: UT TURRIS IMMOTUS (firme como torres) (Texto cedido pelo Ir. Justo, 2013).

O Brasão que associa dois símbolos históricos é a expressão viva e dinâmica do ideal e carisma do Fundador São João Batista de La Salle que queria mestres firmes na fé e voltados à missão de educar “para o bem viver”. Tanto os caibros como as torres são símbolos de luta, força perseverança, fortaleza, e persistência, virtudes muito recomendadas aos seus seguidores. As duas torres, representados no vitral, foram reproduzidas em forma de pórticos numa das entradas do Unilasalle, em 1980, para marcar os trezentos anos da fundação do Instituto (1680-1980).

O vitral com símbolos da Família La Salle, presente na Capela, nasce de uma história que transcende à época e sempre de novo adquire significado, pois traz presente o espírito de luta e de coragem, virtudes características de seus seguidores também em tempos atuais.

4.7.10 Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs

Figura 43 – Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Brasão do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs.

Brasão em forma de círculo colorido, composto de três partes principais, onde sobre um fundo vermelho, à direita, aparecem as letras S na cor branca e o J, na cor amarela, entrelaçadas. Sobre um fundo azul, à esquerda superior, a estrela com raios e cinco pontas na cor prateada e sobre um fundo verde, abaixo da estrela, a Bandeira do Brasil.

As letras entrelaçadas lembram o Instituto São José, nome primitivo do estabelecimento de ensino e o Santo Padroeiro da Capela.

A estrela com seus raios é símbolo da Fé (*Signum Fidei*), sinal da fé, fundamento e fonte de espiritualidade que deve irradiar na missão. Este símbolo se tornou oficial da Congregação Lassalista. “No Capítulo Geral de 1751, os Irmãos das Escolas Cristãs adotaram por símbolo a Estrela de Belém, com o *Signum Fidei*, sinal

da fé. Inspiraram-se na Meditação 96. Os Magos, guiados pela Fé, encontraram Jesus Cristo e o anunciaram ao seu povo” (KIRCH, 2008 p.50).

A Bandeira do Brasil, presente no Brasão, figura como símbolo Nacional.

4.7.11 Tiara do Bispo

Figura 44 – Tiara do Bispo - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Tiara do Bispo.

Brasão em forma de círculo com fundo azul, composto de mitra dourada com duas pontas, uma coroa ornada com uma pedra preciosa, uma cruz tripla, à esquerda e um báculo na cor terra, á direita, entrelaçados.

O Brasão com o símbolo do Bispo⁴¹, representado com a mitra ou tiara usada por ele na Igreja católica, é símbolo da descida do Espírito Santo sobre as cabeças dos Apóstolos, de quem os Bispos são os representantes e sucessores. As duas pontas representam as duas tábuas da Lei dadas a Moisés no Monte Sinai, conforme (Êxodo 2,1 -17), também representam as duas partes em que se divide a

⁴¹O termo BISPO vem da palavra grega EPISKOPOI, que significa “supervisor”, e os Bispos são considerados os sucessores dos Apóstolos, aos quais Jesus confiou a tríplice missão de magistério, ordem e jurisdição. Os Bispos são nomeados pelo Papa, recebendo jurisdição ordinária sobre os fiéis de sua diocese ou Circunscrição Eclesiástica, composta por paróquias. A pedra do anel do bispo é a ametista, símbolo de fidelidade à Igreja, seu Báculo ou bastão pastoral representa sua função de conduzir o rebanho de fiéis a ele confiado, e o uso de uma Cruz peitoral, meias e sandálias vermelhas, luvas de púrpura e mitra se deve a antigas tradições orientais. Ao assumir, cargo episcopal, cada Bispo escolhe um brasão de armas e um lema que definirá o ideal de seu ministério. Alguns Bispos assumem autoridade sobre outros Bispos da região, e são denominados Arcebispos, outros assumem as funções de Cardeal. (<http://www.acnsf.org.br/print/7138/Simbolos-e-brasoes-da-Igreja-.html>).

Bíblia, ou seja, o Antigo e o Novo Testamento que o Bispo deve conhecer para poder orientar na sua missão. São-lhe atribuídos também os dois princípios fundamentais com que o Bispo deve governar a Igreja: o amor a Deus e o amor ao próximo.

Acompanha o símbolo da mitra, o báculo, à direita, que é símbolo da autoridade e jurisdição do Bispo, podendo ser usada no território ou Diocese por ele responsável, lembra o pastor que comanda as ovelhas com um bastão. A cruz tripla, com três barras na horizontal, é a cruz papal, que representam as três funções do Papa, como sucessor de Pedro: sacerdócio, jurisdição e magistério da Igreja. Neste vitral esta cruz aparece junto com os símbolos do bispo para lembrar que o bispo está sob a jurisdição do Papa. A cruz que normalmente pertence aos símbolos do bispo tem apenas duas barras.

O vitral com o símbolo típico do bispo pode significar a presença dos bispos na comunidade dos Irmãos, desde sua vinda e nos momentos mais importantes da obra em Canoas, desde a bênção da pedra fundamental bem como de sua presença por ocasião das festas principais. É frequente o registro nas memórias da presença do bispo diocesano para a bênção da Capela nova e por ocasião da Crisma aos alunos.

4.7.12 Brasão ou Escudo do Papa Pio XI

Figura 45 – Brasão ou Escudo do Papa Pio XI - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Brasão do Papa Pio XI (1922 a 1939).

Brasão em forma de círculo com fundo azul composto de mitra dourada com três coroas, uma chave prateada, à direita e outra dourada à esquerda, entrelaçadas. Abaixo, outro círculo dividido em duas partes, sendo que na superior uma águia dourada de asas abertas e na inferior, num fundo azul claro, três pequenas ruelas.

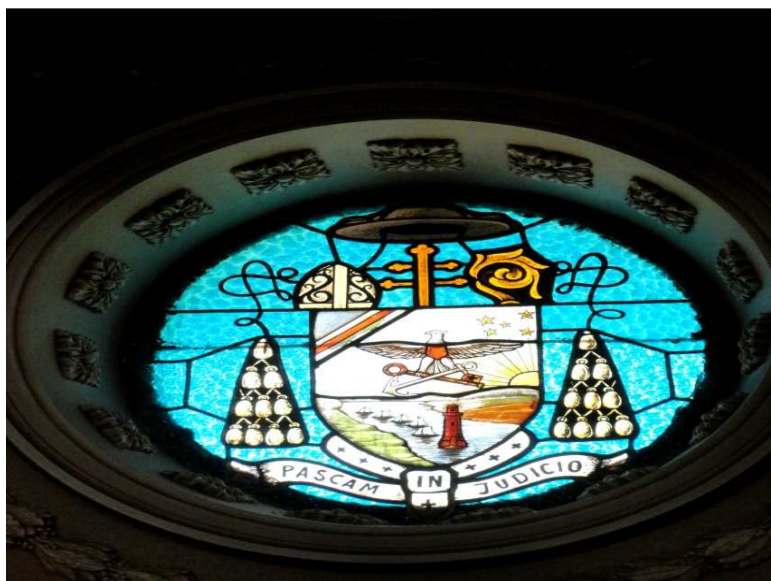
O Brasão ou o escudo do Papa Pio XI obedece às normas gerais dos brasões eclesiásticos em sua base. Sobre esta base são acrescentados outros símbolos de acordo com a pessoa que o usará. O escudo do Papa Pio XI tem como simbologia a águia, significando poder, generosidade e liberdade; na cor dourada e preta, representando a sabedoria, ciência, honestidade e firmeza; as duas chaves cruzadas, uma de prata e outra de ouro, poder de ligar e desligar a terra ao céu, portando símbolo do poder temporal e espiritual; um campo com três ruelas brancas, representando a inocência, castidade e a pureza; a tiara papal com três coroas ornadas com pedras preciosas recorda, por sua simbologia, os três poderes papais: de Ordem, Jurisdição e Magistério.

O brasão pontifício é o único que possui a tríplice coroa chamada "tiara". No início, era apenas um tipo de barrete fechado. Em 1130 foi acrescentado de uma coroa, símbolo de soberania sobre os Estados da Igreja. Bonifácio VIII, em 1301, acrescentou uma segunda coroa, na época do confronto com o Rei da França, Filipe o Belo, provavelmente para representar a autoridade papal em face da temporal. E Bento XII acrescentou em 1342 uma terceira coroa, para significar a autoridade moral do Papa sobre todos os monarcas. Com o tempo, tendo perdido seus significados de caráter temporal, a tiara de prata permaneceu com as três coroas de ouro, para representar os três poderes do Sumo Pontífice: de Ordem sagrada, de Jurisdição e de Magistério (TONIOLO, 2013, p. 39).

Pio XI foi Papa de 06 de fevereiro de 1922 a 10 de fevereiro de 1939, portanto, o Papa atual da Igreja por ocasião da confecção dos vitrais.

4.7.13 Escudo ou Brasão do Dom João Becker

Figura 46 – Brasão do Bispo Dom João Becke - Capela São José do Unilasalle - Canoas- RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Brasão do Bispo Dom João Becker.

Brasão com fundo azul claro, contendo no seu conjunto, em primeiro plano, um escudo cuja base é um listel com os dizeres: PASCAM IN JUDICIO (Apascentarei com justiça). Uma paisagem compõe este escudo, cujos elementos são: águia, âncora, mar ou rio, barcos, terra firme, um por do sol, vegetação e um farol. Na parte superior do escudo um chapéu apoiado numa cruz dupla, tendo na aste à sua esquerda, uma mitra prateada e à sua direita, parte de um báculo dourado. Do chapéu saem duas borlas pendentes simetricamente, ladeando o escudo.

O Brasão do Bispo Dom João Becker⁴² apresenta vários símbolos, que pelas pesquisas realizadas não encontramos os significados específicos relacionados com sua trajetória na Arquidiocese de Porto Alegre. Deste modo os elementos simbólicos de seu Brasão serão descritos, isoladamente de acordo com o significado que nos apresenta o dicionário de símbolos. A águia significa poder, generosidade e

⁴²Dom João Becker *1870-1946. Filho de Carlos e de Catarina Becker, nasceu a 24 de fevereiro de 1870 em S. Wendel, Bispado de Trier. Na sua primeira infância a família emigrou para o Rio Grande do Sul, na zona do Caí. O velho Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Ponce de Leão resignara. A data de nomeação foi 1º de agosto 1912. (<http://pebesen.wordpress.com/padres-da-igreja-catolica-em-santa-catarina/dom-joao-becker/>).

liberdade; a âncora, símbolo da segurança; o mar ou rio, água, símbolo da vida; os barcos podem simbolizar sonhos a serem realizados; a terra, chão, realidade; o sol, a luz; vegetação, esperança; e o farol como indicador. O chapéu episcopal⁴³ com vinte borlas verdes representa o grau de hierarquia; assim como o chapéu de um cardeal tem trinta borlas vermelhas, a de um bispo tem vinte borlas verdes; a cruz dupla e o báculo, símbolo de autoridade e jurisdição e a mitra, símbolo da presença do Espírito Santo.

Ao assumir o cargo de episcopado, em Porto Alegre, escolheu como lema para o ideal de seu ministério: *Pascam in Judicio*. Sua forma de “pastorear” tinha em seu bojo o plano de “regeneração moral do Estado”, começando por

[...] adotar a Arquidiocese de um clero disciplinado e de um laicato inserido numa religiosidade de cunho sacramental e romanizada nos moldes preconizada pelo Concílio de Trento. Esta tarefa teve como instrumento a disseminação da rede de escolas católicas e a formação dos novos sacerdotes, pautada pela retidão e santidade, pois o processo de romanização exigia um perfil sacerdotal fiel às diretrizes tridentinas como forma de adquirir respeitabilidade, capaz de imprimir-lhe o lugar de reserva moral na sociedade (ISAIAS, 1998, p 48).

Segundo Isaias (1998), sua forma de “pastorear com justiça” o levava a adotar posturas firmes de poder e até com certo autoritarismo, nem sempre bem aceito no meio eclesial e também entre o povo católico. Esta característica fazia parte de sua formação dada no contexto nacional e de mundo marcado pela necessidade de delimitações das fronteiras do poder espiritual e secular.

Incentivou as escolas paroquiais, afirmando que “não há uma verdadeira paróquia sem uma escola paroquial”. Preocupação demonstrada pela inexistência de instrução religiosa nas escolas oficiais, devido à separação entre Igreja e Estado. Atuou como Arcebispo de Porto Alegre de 1912 a 1946, vindo a falecer no dia 15 de junho de 1946, aos 76 anos de idade.

Enquanto atuou na Arquidiocese de Porto Alegre buscou, a sua maneira, governar “com justiça e zelo aos princípios religiosos”. O arcebispo metropolitano tentava reforçar a autoridade espiritual tendo como instrumento uma política de “recristianização social”, cuja ação deveria se estender a todas as esferas da sociedade (PACHECO; TAMBARA, 2009, p. 2). Em Porto Alegre, Dom João enfrentou com prudência e habilidade os novos momentos que viveu a Pátria; a nacionalização sucessiva à 1ª Guerra, a crise

⁴³ Surgiu em Roma no século 10 como um chapéu que diferencia o papa dos outros sacerdotes. Hoje todo o clero pode usá-la. (<http://www.acnsf.org.br/print/7138/Simbolos-e-brasoes-da-Igreja-.html>).

da República Velha, o Estado Novo, a 2ª Guerra. Deu início às obras da nova e imponente Catedral (FELLER, 2007, p. 83).

Dom João Becker foi uma presença importante na vida dos primeiros Irmãos vindos ao Rio Grande do Sul. Lemos nas memórias que por diversas vezes visitava a comunidade dos Irmãos em Canoas por ocasião das primeiras comunhões ou para ministrar o sacramento da Crisma aos alunos. Também esteve presente na bênção solene da Capela, em 1914 e em 1939.

Por ocasião de seu falecimento os Irmãos registram nas memórias:

Aos 16/06 de 1946: Falecimento de Dom João Becker, estimadíssimo arcebispo de Porto Alegre e um dos mais zelosos quando se tratava da chegada dos Irmãos no Brasil, sendo ele naquele tempo, 1908, pároco da paróquia do Menino deus. A Senhor o receberá nos seus tabernáculos e lhe recompense pelos benefícios a nós prestados (MEMÓRIAS, 1946, livro nº 01).

4.7.14 Brasão da Cidade do Vaticano

Figura 47 – Brasão da Cidade do Vaticano - Capela São José do Unilasalle - Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Brasão da Cidade do Vaticano

Uma tiara dourada com três coroas, duas chaves cruzadas, à da direita, vermelha e à da esquerda, prateada, todo o conjunto sobre um círculo na cor azul.

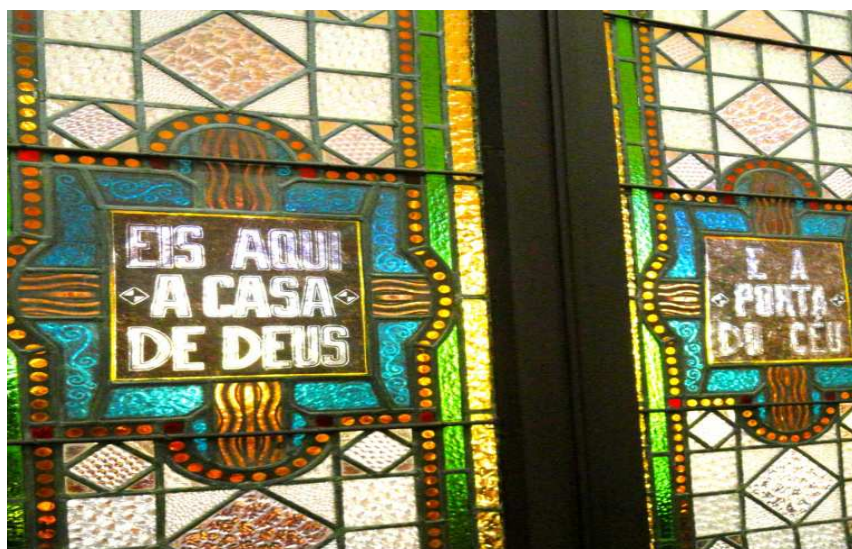
O brasão da cidade do Vaticano, representado no vitral, praticamente contém todos os símbolos já descritos com seus significados. As duas chaves, símbolo de poder temporal e espiritual; a tiara papal com três coroas, significando os três poderes: de Ordem, Jurisdição e Magistério. Todos os brasões papais tem estes símbolos, assim como os brasões dos bispos. A diferença está no que cada um acrescenta como símbolo de seu ministério ou de seu lema.

A autoridade papal sempre foi muito recomendada por São João Batista de La Salle que afirmava:

O Papa é o Vigário de Jesus Cristo, o chefe visível da Igreja e o sucessor de São Pedro. Todos os fiéis que são membros dela, devem considerá-lo como seu pai e como a voz de que Deus se serve para transmitir-lhes suas ordens. Vossa função é, pois, trabalhar na conservação e no desenvolvimento do rebanho de Cristo. Por isso, deveis honrar nosso Santo Padre, o Papa como o santo Pastor desse rebanho e como o Sumo Sacerdote da Igreja. Deveis respeitar todas as suas palavras e deve bastar-vos que alguma coisa venha dele, para prestar-lhe infinita atenção. (MEDITAÇÃO, nº 106).

4.7.15 Porta dos fundos

Figura 48 – Vitral da porta dos fundos da Capela São José do Unilasalle – Canoas-RS



Fonte: Foto de Luciano Lunkes, 2013.

Vitral da porta dos fundos da Capela

Janela em duas folhas de vidro, sendo que da esquerda, sobre um fundo azulado e uma cruz formada por chamas vermelhas e amarelas encontra-se escrito: EIS AQUI A CASA DE DEUS, e à direita na mesma configuração o complemento da frase: E A PORTA DO CÉU.

Localizada como porta dos fundos da Capela, vem precedida por uma escada de sete (7) degraus, possibilitando a entrada para o interior da Capela. O crente sai da terra e entra no céu (a capela), lugar privilegiado do encontro com o eterno. Todo este conjunto expressa uma simbologia, ou seja, a escada possibilita a ligação da terra com o céu. Indica a elevação espiritual do crente. A porta a passagem e a entrada para uma nova esfera, o caminho. A frase é uma lembrança e ao mesmo tempo um chamado [...] “E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus” (Gn 28.10-13,16-17).

5 CONCLUSÃO

O espaço da Capela nos envolve e nos remete a outro mundo, cheio de paz e harmonia pela força que os personagens ali representados transmitem em suas expressões estéticas, mas revestidas de conteúdos de memória e lembranças, onde o recordar é reviver caminhos já andados, mas muitos ainda para serem conhecidos.

Reconstruir o significado simbólico dos vitrais da capela São José é confirmá-la como espaço de memória simbólico-religiosa e de identidade Lassalista. A pertinência de nossa pesquisa reside na perspectiva de explorar o quanto o simbólico é capaz de mediar a realidade enquanto expressão de acontecimentos históricos, presentes na memória Lassalista. Se a proposta do estudo puder resgatar ou trazer presente esta identidade, a memória estará viva e será continuamente renovada por todos quantos integrarem a leitura simbólica dos vitrais com a densidade da experiência subjetiva da transcendentalidade de seu ser religioso. O estudo dos mesmos não deverá ser considerado como um conhecimento racional teórico, mas deverá se constituir numa experiência afetiva e efetiva que só a linguagem imagética é capaz de refazer e proporcionar. Mesmo que o objeto da pesquisa foi trazer o símbolo ao seu significado de memória, não podemos, igualmente, deixar de associar o significado teológico e ritual do símbolo e sua funcionalidade.

A representação simbólica, segundo Mardones (2006), se constitui num veículo privilegiado de transmissão e legitimação cultural dos sentimentos e valores coletivos de identidade passados e transmitidos entre uma geração e outra como forma de manter os vínculos com o passado e de criar novos e significativos elementos de memória para o presente, uma vez que a memória tem a ver com questões atuais, do presente, embora se remeta ao tempo passado. À medida que o despertar do sentido simbólico dos vitrais se tornar cognoscível no presente, a reminiscência do passado assinalará os acontecimentos, personagens, experiências vividas e compartilhadas como elementos na construção da identidade grupal.

Os vitrais descritos, a partir de sua iconografia, privilegiam o aspecto de memória e de identidade. No período em que foram dispostos no espaço arquitetônico da Capela, pelos primeiros Irmãos vindos a Canoas, já representavam a materialização das lembranças coletivas, elementos da herança identitária cultural e espiritual, trazidas e representadas em forma de imagens simbólicas. Pois

segundo Mardones (2006), os símbolos são a manifestação das mentalidades acumuladas de gerações passadas de uma sociedade, de um grupo étnico, de heranças familiares ou de práticas culturais, religiosas e sociais. Mesmo sofrendo flutuações, a memória tem a função de articular os sentimentos de identidade assim como o sentimento de continuidade e de coerência de um grupo.

Nosso objetivo foi fazer o entrelaçamento das dimensões simbólicas presentes e em permanente interação com a memória Lassalista, influenciando e sendo influenciada no processo de interpretação dos múltiplos significados de que se configura a Capela como espaço de memória. Espaço este que garante sua singularidade, por ser portador da memória cultural de um grupo, constituído como uma Instituição Religiosa, tendo como fundador São João Batista de La Salle. Esse aspecto o distingue qualitativamente de outros espaços, inclusive arrolada nos inventários patrimoniais da Prefeitura Municipal de Canoas e do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico do Rio Grande do Sul (IPHAE). As múltiplas dimensões desses símbolos ainda podem ser exploradas sob outros aspectos como artísticos e culturais relacionados a esta instituição.

Estas reflexões nos auxiliam a pensar as imagens contidas nos vitrais não somente em seus aspectos visíveis, ver neles a figura de um (a) santo (a), um símbolo, um monograma bíblico ou um símbolo representativo da Instituição Lassalista. Compreender estes símbolos como elementos de memória surgidos de atribuições de significados coletivos de um grupo, adquire um significado documental. Neste caso os vitrais não deveriam ser interpretados, em sua dinâmica artística, isoladamente deste contexto, pois foram pensados e preconcebidos, a partir de experiências vivenciadas por este grupo. O programa iconográfico dos vitrais não deve ter surgido de um interlocutor apenas, embora representado na pessoa do Ir. Júlio.

Nesta pesquisa não encontramos um documento que revelasse, explicitamente, os motivos políticos, sociais ou religiosos para a encomenda dos vitrais à Casa Genta. Construimos e cercamos nosso trabalho de fragmentos buscados em fontes escritas, visuais e depoimentos orais. A busca às memórias escritas pelos primeiros irmãos, foi utilizada como fonte de referência principalmente no que se refere à espiritualidade devocional que inspirou a confecção da maior parte dos vitrais, representando figuras de santos e outros símbolos também devocionais. Aliás, revela a função teológica da política da Igreja no processo de

romanização na Igreja do Brasil, após sua separação do Estado, por ocasião da proclamação da República. De certa forma foi necessário que os primeiros irmãos aderissem a este modelo de igreja, principalmente da Igreja do Rio Grande do Sul, pastoreada, na época, pelo então Dom João Becker que incentivava a criação de escolas católicas como lugares avançados na luta da Igreja Reformista pela cristianização social, contribuindo para isso as práticas devocionais e a preparação para os sacramentos, integrada ao processo de ensino e aprendizagem. Na observação do Ir. Justo (postulante em 1934 na Instituição), os vitrais serviam de didática visual para decorar a ladainha de São José, aprender sobre os santos, a vida de São João Batista de La Salle, entre outros.

A partir de sua disposição, não se observa, num primeiro olhar, a interdependência ou sequência de fatos comunicando um vitral ao outro, cada vitral encerra um conteúdo próprio, porém sua interdependência se evidencia quando se explora os significados num contexto de memória e identidade. Assim vistos, percebemos o sentido e o diálogo comunicando as imagens com esta identidade e com o mundo religioso adotado pela Igreja do Rio Grande do Sul, sobretudo, tendo em vista a preocupação dos irmãos religiosos em caminhar e se inserir neste contexto de catolicismo, necessário para o início de sua nova vida e preservação das convicções religiosas aliadas à proposta de uma educação integral que ora se implantava.

Temos a convicção que este trabalho não esgota todas as questões levantadas no início da pesquisa e todas as perspectivas em relação aos motivos para que tais símbolos fossem confeccionados em 1939 e conservados ao longo do tempo fazendo parte no espaço da Capela.

Neste caso, o espaço simbólico-religioso e de memória Lassalista da Capela, cumprirá a tarefa de nos fazer percorrer, mentalmente, um pouco das representações desta Instituição que os vitrais ajudam a materializar, assim como as luzes que atravessam os vidros coloridos se materializam em multi cores. Já Santo Agostinho dizia ser a memória um milagre onde se pode encontrar “os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie” (Confissões, cap.VIII). Por sua vez, Gondar (2005), considera a memória a salvação para que o homem não se perca no tempo e deixe que as construções do passado caiam em degradações acidentais e contingentes.

REFERÊNCIAS

- ARÁVELO, Márcia. **Lugares de memória ou a arte de preservar o Invisível através do concreto**. Texto apresentado no I Encontro Memorial do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – Mariana/MG, 9-12 de Nov. de 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BELLOMO, Harry Rodrigues (Org.). **Rio Grande do Sul, aspectos da cultura**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- BELTING, Hans. **Antropología de la imagen**. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.
- BÍBLIA APÓCRIFA. **São José e o Menino Jesus; História de José o carpinteiro; Evangelho do Pseudo-Tomé**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- BISPADO de São José do Rio Preto. **Sistema diocesano de comunicação**. 2013. Disponível em site: <http://www.bispado.org.br>. Acesso em 28 de janeiro de 2013.
- BORTOLUZZI, Selestino José. **Juntos e associados a compreensão e a prática da relação - Irmãos e colaboradores leigos para a realização da missão na Província Lassalista**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia – EST. São Leopoldo, RS, Brasil, 2006.
- BOURDIEU, J. A. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- BRANDÃO, I. L. **Luz no êxtase: Vitrais e vitralistas no Brasil**. São Paulo: Dórea Books and Art, 1994.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.
- CARDITA, Ângelo. **O Mistério, o Rito e a Fé: Para uma recondução antropológica da teologia litúrgico-sacramental**. Lisboa, BOND, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história Cultura: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: DIFEL, 2002.
- COMPAGNONI, Ivo Carlos. **História dos Irmãos Lassalista no Brasil**. Canoas: La Salle, 1980.
- CONHECER: DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO. Editor Victor Civita. Publicação São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- CONTI, S. **O Santo do Dia**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CORNET, J.A. e Émile Rousset: **Iconographie de Saint Jean-Baptiste de La Salle**. Roma: FSC, 1989.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 2001.

DEBRAY, Régis. Vida e morte da imagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

DESLAURIERS, J-P.; KÉRISIT, M. O delineamento da pesquisa qualitativa. In POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DENZINGER, Heinrich, na obra: **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

DICIONÁRIO DOS SÍMBOLOS: **imagens e sinais da arte cristã**. 1994.

DICIONÁRIO BÍBLICO-TEOLÓGICO. Johannes B. Bauer em colaboração com Johannes Marböck, Karl M. Woschitz; tradução Fredericus Antonius Stein. São Paulo, Loyola, 2000.

DOUILLET, Jacques. **Que é um Santo?** São Paulo: Flamboyant, 1960.

DREHER, Martin N. **Imigrações e História da Igreja no Brasil**. Aparecida – SP. Santuário. 1999.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ESCUDO DE LA SALLE. 2013. Disponível em: <http://hispanismo.org/simbologia-yheraldica/7421-escudo-de-la-salle.html>. Acesso em: 30 de janeiro de 2013.

FACÓ, R. **Cangaceiros e Fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

FELLER, Pe. Vitor Galdino (org.). **Texto-base do Centenário da Diocese de Florianópolis 1908-2008**. 2007. Disponível em: http://arquifln.org.br/uploads/file/dwnl_4711.pdf. Acesso em: 09 de junho de 2013.

FÉLIX, Loiva Otero. **História & memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

FLORES, Moacyr. Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Viamão. In: **Estudos Ibero-Americanos**. V. 25, nº. 2, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999, p. 197 – 201.

FRANCO Jr. Hilário. **A Idade Média**: Nascimento do Ocidente. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GALVÃO, Antonio Mesquita Galvão e Carmen Sílvia Machado. **Os vitrais da Igreja Santo Antônio do Partenon**. Porto Alegre-RS: Ed. Palloti, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.

GOMBRICH, E. H. Gombrich. Tradução de Álvaro Cabral. **A história da arte**. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1999.

GONDAR, Jô; DOBEBEL, Vera. **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contracapa, 2005.

GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Editorail Enciclopedia, Limited, 1967.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Igreja, Poder e Educação**. Os Lassalistas na América Latina (1900-1930). Dissertação. São Leopoldo. 1998

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis, Vozes, 1992

HASTENTEUFEL, Zeno. **Infância e adolescência da Igreja**. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 1995.

HEINZ-MOHR, Gerd. **Dicionário dos símbolos**: imagens e sinais da arte cristã. São Paulo: Paulus, 1994.

HUGO DE SAINT VICTOR. **Didascálicon na arte de ler**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ISAIAS, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

IZQUIERDO, Ivan. **Questões sobre memória**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2004.

_____. **A arte de esquecer**. São Paulo: In: Vieira & Lent, 2004.

_____. **O que é memória? Questões sobre memória**. São Leopoldo, RS: Ed. da Unisinos, 2004.

JUSTO, Henrique. **Lembranças. Canoas**: Prefeitura Municipal de Canoas: Fundação Cultural de Canoas, 2005.

KUNCHENBECKER, Valter (Coord.) **O homem e o sagrado**: a religiosidade através dos tempos. Canoas, RS: Universidade Luterana do Brasil, 1996.

LA SALLE. João Batista de. **Método da Oração Mental**. Traduzido da Edição Francesa de 1898 e 1739 por HILLEBRAND, Arnaldo Mário em 1994.

_____. **Meditações**. Traduzidas por Ir. Albino Afonso Ludwig. Porto Alegre, 1988.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP. UNICAMP, 2003.

LEHMANN, João Baptista. **Na luz perpetua**: leituras religiosas da vida dos santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo christão. 1935.

LIMA, Monica Cardoso de. **Os vitrais da catedral de Vitória-ES e seus doadores nas décadas de 1930 e 1940**. Dissertação de mestrado. Federal do Espírito Santo Disponível em: http://www.interkit.com.br/ppga/dissertacoes/monica_cardoso_lima.pdf. Acesso em 1º de julho de 2013.

LUCAS, V. B. **Álbum Patrimônio Histórico e Artístico de Canoas**. Disponível em: <http://www.lucas.art.br/pastas/canoas.html#>. Acesso em: 23 de março de 2013.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Figuras e símbolos bíblicos/**; Tradução João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1993.

MAHLS. **Histórico do Instituto São José – 1908-1949 –** manuscrito, Livro nº 01.

MARCHI, E. **A Igreja e a Questão Social**: o discurso e a práxis do catolicismo no Brasil. (1850-1959). Tese de Doutorado São Paulo: UPS, 1986.

MARDONES, José Maria. **A vida do símbolo**: a dimensão simbólica da religião. São Paulo: Paulinas, 2006.

MATEOS, Juan. **Evangelho, figuras e símbolos**. São Paulo: Paulinas, 1992.

MEMÓRIAS. **Histórico do Instituto São José – 1908-1949 –** Livro nº 01 encontrado no Museu e Arquivo Histórico La Salle.

MENEZES, A. **Símbolos do Cristianismo – parte 2**: Animais. 2013. Disponível em: <http://amngospel.wordpress.com/2010/04/05/simbolos-do-cristianismo%E2%80%93parte-2-animais/>. Acesso em: 27 de março de 2013.

MESQUIDA, Peri; KOZELSKI, Adriana Cristina; MANASSES, Miguel Ângelo. A educação no processo de restauração da igreja na república velha à luz de fontes documentais. IX Congresso Nacional de Educação – Educare. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia de 26 a 29 de outubro de 2009. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3142_1818.pdf. Acesso em: 05 de jun. de 2013.

MICELI, Sergio. A elite eclesiástica brasileira (1890-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MISCELLANEOUS. Tradução pe. André, hieromonge. **Cruz**: Suas formas e significados. 2013. Disponível em: http://www.ecclesia.com.br/biblioteca/miscellaneous/cruz_suas_formas_e_seus_significados.html. Acesso em: 03 de jan. de 2013.

MONDONI, Danilo. **Teologia da Espiritualidade Cristã**. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2002.

NERY, Ir. **A Saga dos Primeiros Lassalistas no Brasil**. Porto Alegre: La Salle, 2007.

NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. **O que dizem os símbolos**. São Paulo: Paulus, 2003.

NESELLO, Norberto Luiz. **1908- La Salle – 2008: Cem anos de presença em Canoas**. Canoas: La Salle, 2011.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, T.; NUNES, M. A. L.. Análise Iconográfica: Um Caminho Metodológico de Pesquisa em História da Educação. **Revista Contrapontos** – Eletrônica vol.10 - nº3 - p. 307-313 / set-dez 2010. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/2100/1719>. Acesso em: 13 de jun. de 2013.

O TIMONEIRO. **Colégio La Salle Canoas é homenageado na Câmara**. 2013. Disponível em: http://www.otimoneiro.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2917:colegio-la-salle-canoas-e-homenageado-na-camara&catid=9&Itemid=112. Acesso em: 29 de out. de 2013.

PACHECO; TAMBARA. **D. JOÃO BECKER e a formação de um ideal católico de educação: Reflexões sobre a igreja católica sul-rio-grandense no Período Republicano**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação – Doutorado em Educação – FaE/UFPel. Campus das Ciências Sociais. 2009. Disponível em: http://www.ufpel.tche.br/cic/2009/cd/pdf/CH/CH_00951.pdf. Acesso em: 09 de junho de 2013.

PANOFISKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PASTORAL DOS COROINHAS. **Significado do uso do turíbulo na missa**. 2010. Disponível em: <http://coroinhassaomiguel.wordpress.com/2010/09/06/significado-do-uso-do-turibulo-na-missa/>. Acesso em: 08 de set. de 2013.

PASTRO, Cláudio. A Beleza da Arte. **Revista Vida Pastoral**. São Paulo: ano 50, nº 267, julho-agosto, 2009.

PAULINAS. A comunidade a serviço da vida. **Comece o dia feliz**. Disponível em: <http://www.paulinas.org.br/diafeliz/>. Acesso em: 23 de jan. de 2103.

PORTAL LA SALLE. Disponível em: <http://www.lasalle.com.br/portal/>. Acesso em: 28 de jan. de 2013.

PORTAL BARÃO GERALDO. Vitrais Ton Gever. 2013. Disponível em: <http://www.portalbaraogeraldo.com.br/anunciantes/vitrais-ton-geuer/>. Acesso em: 28 de jan. de 2013.

RICHARDSON, Roberto (Org.). **Pesquisa Social**. Capítulo 6. São Paulo: Atlas, 3. ed. 1999. Disponível em: <http://jarry.sites.uol.com.br>. Acesso em: 02 de jun. 2012.

RIETH, R. W. **A Reforma, os santos e a religião na América Latina**. REB, Petrópolis, v. 60, n. 238, jun. 2000, p. 830-858.

ROQUE de BARROS LARAIA. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Editor, 2005.

RUIZ, Castor M. Bartolomé. **A força transformadora social e simbólica das CEBs**. Petrópolis: Vozes, 1999.

SANTANA, Ana Lucia. **Pelicano**. 2013. Disponível em: <http://www.infoescola.com/aves/pelicano/>. Acesso em: 23 de agosto de 2013.

SANTO AGOSTINHO, Confissões de – livro Décimo, “Sobre a memória”: cap. VIII a XXI. In: Santo Agostinho - **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, p. 176-187, 1984.

SANTO PROTETOR. São Gabriel da Virgem Dolorosa. 2013. Disponível em: <http://www.santoprotetor.com/sao-gabriel-da-virgem-dolorosa/>. Acesso em: 08 de dez. de 2013.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo; Razão e Emoção**. São Paulo: Ed. da USP, 2002.

SANTOS DO BRASIL. **Missionários martirizados no sul do Brasil em novembro de 1628**. 2013. Disponível em: <http://www.santosdobrasil.org/?system=news&eid=268>. Acesso em: 12 de fev. de 2013.

SANTUÁRIO Sagrado coração de Jesus. **Porque a Cruz é o Sinal do Cristão?** 2011. Disponível em: <http://sscjesus.paroquia.net.br/universocatonico/porque-a-cruz-e-o-sinal-do-cristao/>. Acesso em: 03 jan. de 2013.

SOU CATEQUISTA. **Símbolos Litúrgicos**. 2012. Disponível em: <http://soucatequista.com.br/simbolos-liturgicos.html>. Acesso em 24 de janeiro de 2013.

TONIOLO, Carlos. Símbolos e brasões da Igreja. Documentos da história de nossa fé. **Revista Arautos do Evangelho**, Maio/2006, n. 53, p. 37 à 39. Disponível em: <http://www.acnsf.org.br/print/7138/Simbolos-e-brasoes-da-Igreja-.html>. Acesso em: 25 de maio de 2013.

UM LUGAR VAZIO. 2013. Disponível em:
<http://www.avozdedeus.org.br/site/materias/artigos/824-um-lugar-vazio.pdf>. Acesso em: 26 de agosto de 2013.

UNILASALLE. Museu e Arquivo Histórico. 2013. Disponível em:
<http://www.museuvirtualunilasalle.com.br/portal/php/index>. Acesso em: 11 out. de 2013.

UNILASALLE. Dicionário. 2013. Disponível em:
http://edicionario.unilasalle.edu.br/?category_name=m.

VAINFAS, Ronaldo. **Dicionário do Brasil Imperial (1822-1889)**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2002.

VARGAS, Élvio. **Torres da Província: História e Iconografia das Igrejas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

VIEIRA, Martha. A metaforização da memória ou a Dialética da rememoração em Walter Benjamin. In: _____ e Silva, Isabel de Oliveira. **Memória, subjetividade e educação**. Belo Horizonte: Argumentum, 2007, p. 19-29.

VOVELLE, M. **Imagens e Imaginário da História: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX**. São Paulo: Ática, 1997.

YATES, A. Frances. **A Arte da Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

WERTHEIMER, Mariana G.; GONÇALVES, Margerete F.. **O Desenvolvimento da Arte do Vitral no século XX em Pelotas**. 1920, Rio de Janeiro, V. VIII, n. 1, jan./jun. 2013. Disponível em:

<http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/vitral_pelotas.htm>. Acesso em: 05 de jun. de 2013.

Sites visitados

<http://www.dicionarioinformal.com.br/significado>

<http://www.infoescola.com/filosofia/semiotica>

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/rbde20/rbde20_06_maria_da_graca_jacinto_setton.

<http://www.bianavitrais.com.br/historia.htm>.

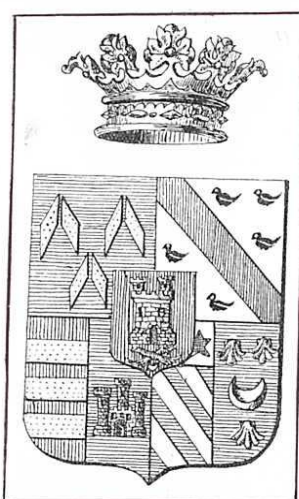
<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=carisma>.

http://www.suapesquisa.com/o_que_e/positivismo.htm

<http://pufal.blogspot.com.br/2008/08/casa-genta-m-genta-schmidt-cia-i.html>.

<http://www.dicio.com.br/jansenismo>

<http://www.vivos.com.br/197.htm>

ANEXO A – Brasões da família La Salle

ANEXO B – Histórico da Capela São José

Histórico da Capela São José do Instituto São José de Canoas.

Os primeiros Irmãos Lassalistas vieram da França e desembarcaram em Porto Alegre no dia 19 de março de 1907. O Colégio São José (hoje Instituto São José) foi fundado no dia 4 de março de 1908. Funcionou como internato até 1925. Desde 1925 é a Casa de Formação dos Irmãos Lassalistas.

Capela do Instituto São José: No dia 19 de março de 1908 Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão, bispo de Porto Alegre, veio para benzer a Capela e a casa colocada sob a proteção de São José. Em 1933 foi comprado um novo altar dos Padres Carmelitas de Porto Alegre. Reformado por hábeis pintores foi completamente transformado ficando muito bonito. A Capela foi restaurada em 1931, sendo colocado ladrilhos. Em 1931 foi inaugurado um novo banco de comunhão. Os vasos sagrados e os castiçais foram prateados.

A última reforma da Capela realizou-se no período de 1936 a 1945. Foi aumentada de mais um andar, construída uma tribuna. Inaugurou-se um belo órgão de 11 jogos. Foi embelezada com uma bela Via-Sacra de "alto relevo". O altar foi coberto com chapinhas de ouro. Foram colocados ladrilhos novos com belos desenhos. Os bancos velhos foram substituídos por novos e mais cómodos. A nova pintura foi feita pelo famoso pintor italiano Antonio Gremonesi.

Padres Capelães: O primeiro capelão foi o Padre Escuret de origem francesa, estando no Brasil havia alguns meses. Ficou só 3 meses como capelão sendo substituído pelo Padre Balthasar da Sociedade dos Padres Palotinos o qual vinha rezar a missa nos domingos e algumas vezes na semana. As vezes vinha rezar a missa um Padre Jesuíta de Porto Alegre. O Frei Germain, capuchinho atendia aos Irmãos durante alguns meses. Do dia 18 de dezembro de 1908 até 2 de junho de 1909 foi capelão o Padre Antônio Pertile. Seu sucessor foi o Padre Paulo Lepich que ficou até 19 de junho de 1911. Foi substituído pelo Padre José Jungs o qual ficou até setembro sendo substituído pelo Padre Estevão Minetti. Veio em seguida o Padre Reinaldo Juchen até 1935 sendo nomeado em seguida como capelão o Cônego Pedro Bremm que ficou até 1937 sendo substituído pelo Monsenhor João Emilio Berwanger o qual ficou até sua piedosa morte ocorrida a 3 de agosto de 1958. O atual Capelão é o Cônego Antonino Dutra que tomou posse no dia 16 de junho de 1959.